

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANIELE ALMEIDA CRESCÊNCIO

**UMA ANÁLISE SOBRE O LUGAR DA HISTÓRIA E DA
HISTORIOGRAFIA NAS ÚLTIMAS OBRAS DE FRIEDRICH
NIETZSCHE (1882-1888)**

MARIANA
2018

ANIELE ALMEIDA CRESCÊNCIO

UMA ANÁLISE SOBRE O LUGAR DA HISTÓRIA E DA
HISTORIOGRAFIA NAS ÚLTIMAS OBRAS DE FRIEDRICH
NIETZSCHE (1882-1888)

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em História do Instituto de
Ciências Humanas e Sociais
da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito
parcial à obtenção do grau de
Mestre em História.

Área de concentração: Poder e
linguagens

Linha de pesquisa: Poder,
espaço e sociedade

Orientador: Prof. Dr. Sérgio
Ricardo da Mata.

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP
2018

C919a Crescêncio, Aniele Almeida.
Uma análise sobre o lugar da história e da historiografia nas últimas obras de Friedrich Nietzsche (1882-1888) [manuscrito] / Aniele Almeida
Crescêncio. - 2018.
108f.:

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.
Área de Concentração: História.

1. História. 2. Historiografia. 3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. I. Mata, Sérgio Ricardo da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 930(043.3)

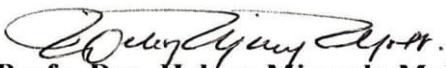



Aniele Almeida Crescêncio

“Uma análise sobre o lugar da história e da historiografia nas últimas obras de Friedrich Nietzsche(1882-1888)”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.


Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata
Departamento de História/UFOP


Prof. Dra. Helena Miranda Mollo
Departamento de História/ UFOP


Prof. Dr. Olímpio José Pimenta Neto
Departamento de Filosofia/ UFOP

Para Aline e José Cláudio.

Agradecimentos

O período do mestrado que culminou na escrita desta dissertação foi de dois anos de muitas descobertas e aprendizados. Minha dissertação não teria sido concluída com o mesmo êxito sem a ajuda de algumas pessoas ao meu entorno. Sendo assim, seguem abaixo os meus agradecimentos a elas.

Sou grata a meus pais, Aline e José Claudio Crescêncio, pela oportunidade de fazer o mestrado. Sem o apoio financeiro e emocional deles a realização deste sonho não seria possível.

Agradeço a meu orientador, Sérgio da Mata, pela oportunidade, paciência em lidar com as minhas dificuldades, por me apresentar bibliografias fundamentais para o meu trabalho e por seu comprometimento com minha pesquisa. Sua orientação teve grande influência na qualidade de meu trabalho.

Minha gratidão também a meu professor de alemão, Heiner Gehardts, por sua paciência em discutir comigo os fragmentos, cartas e trechos de livros em língua alemã utilizados nesta dissertação. A Helena Mollo e a Olímpio Pimenta por aceitarem participar da banca de qualificação. As observações de ambos contribuíram de forma significativa para evitarmos equívocos ao longo de minha escrita. Sou grata também aos demais professores da UFOP, com eles pude ampliar minhas visões sobre os estudos históricos.

Meus agradecimentos também a meus colegas e amigos que conviveram comigo durante estes dois anos, dispostos a ouvir, ajudar e contribuir com minha formação profissional e intelectual. Agradeço a Bruna Zucherato, que me fez sentir acolhida em Mariana e tornou-se uma grande amiga. A Larissa Breder, minha companheira de mestrado. A Luiz Augsburgger, pela ajuda com minha escrita. A Marco Aurélio, por estar presente na minha vida. A Raquel Evangelista e a Isaias Franco, pelas conversas na escada. A Renato Paes Rodrigues e a Aguinaldo Boldrini pelas conversas teóricas. E, em especial, a Roberto Maçaneiro com quem pude contar, sempre serei grata por sua generosidade e seu companheirismo.

Por último, agradeço ao *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD) pela oportunidade de realizar um curso intensivo de alemão na *Universität von Duisburg-Essen*. Oportunidade única que trouxe muitos benefícios a minha trajetória acadêmica.

Resumo

Essa dissertação buscou problematizar a visão de Nietzsche acerca da história e da historiografia, que é cristalizada no Brasil a partir das afirmações deste presentes em sua *Segunda Consideração Intempestiva*. É impossível entender o pensamento do filósofo sem contextualizá-lo, sendo assim, também discutimos o conceito de modernidade e dois grandes acontecimentos do século XIX que foram essenciais para a reflexão de Nietzsche acerca de sua contemporaneidade: a Unificação da Alemanha e a institucionalização da história. Para alcançar nosso objetivo, nos submetemos à análise das obras publicadas nas chamadas primeira e terceira fase de Nietzsche, a fim de apresentar suas semelhanças e divergências. Também analisamos as relações de Nietzsche com três historiadores contemporâneos. A partir das fontes identificamos que Nietzsche muda sua visão sobre a história após a publicação de sua famosa obra de 1874. Também pudemos perceber, acerca da relação com os historiadores, que Nietzsche admirou Burckhardt ao longo de toda a sua vida, apesar da relação polida entre ambos; Ranke foi alvo de suas críticas todas as vezes que foi mencionado por Nietzsche; e Treitschke, a quem Nietzsche cultivara certa admiração em sua juventude, foi duramente criticado em seus escritos finais.

Palavras-chave: História; Historiografia; Nietzsche.

Abstract

This dissertation attempted to problematize Nietzsche's view of history and historiography, which is crystallized in Brazil by his statements present in his Second Untimely Meditation. It is impossible to understand the thought of the philosopher without contextualizing it, so we also discuss the concept of modernity and two great events of the nineteenth century that were essential for Nietzsche's reflection on his contemporaneity: the Unification of Germany and the institutionalization of history . To reach our goal, we submit to analysis of the works published in the so-called first and third phases of Nietzsche, in order to present their similarities and divergences. We also analyze Nietzsche's relationships with three contemporary historians. Analyzing the sources we have identified that Nietzsche changes his view of history after the publication of his famous work of 1874. We have also been able to see from his relationship with historians that Nietzsche admired Burckhardt throughout his life, despite the polite relationship between both; Ranke was the target of his criticism every time Nietzsche mentioned him; and Treitschke, whom Nietzsche had cultivated a certain admiration in his youth, was harshly criticized in his final writings.

Keywords: History, Historiography; Nietzsche.

Lista de Abreviaturas

AO - O Anticristo

AZ - Assim falou Zaratustra

BM - Para Além do Bem e do Mal

CI - Crepúsculo dos Ídolos

CW - O Caso Wagner

EH - *Ecce Homo*

GC - A Gaia Ciência

GM - Genealogia da Moral

HDH - Humano demasiado Humano

NT - O Nascimento da Tragédia

NW - Nietzsche Contra Wagner

PI - Primeira Consideração Intempestiva

QI - Quarta Consideração Intempestiva

SI - Segunda Consideração Intempestiva

TI - Terceira Consideração Intempestiva

VP – Vontade de Potência

Sumário

Introdução	10
1. O Jovem Nietzsche e a Historia.....	21
1.1 A polêmica em torno da obra O Nascimento da Tragédia	24
1.2. A Segunda Intempestiva e a sua proposta de história	37
2. Ranke, Burckhardt e Treitschke	47
2.1 A Modernidade	47
2.2 Leopold von Ranke o Historicismo	51
2.3. Jacob Burckhardt	63
2.3 Heinrich von Treitschke	70
3. Nietzsche Tardio e suas Concepções de História	76
3.1. Reflexões para além das obras publicadas	76
3.2 A Relação de Nietzsche com o Conhecimento Histórico.....	80
3.3. As Ressignificações da História em Nietzsche.....	82
Conclusão	96
Referências Bibliográficas.....	98

Introdução

A trajetória intelectual de Friedrich Wilhelm Nietzsche foi marcada por inúmeras continuidades e drásticas rupturas. Em meio a estas, alguns intelectuais costumam dividir seu pensamento em diferentes fases¹. Nós optamos pela divisão de três períodos, técnica adotada por grande parte dos pesquisadores que estudam o filósofo. Com isso, assim como Scarlett Marton,

[...] não pretendemos dividir a obra em compartimentos estanques, unidades fechadas em si mesmas; queremos apenas tomar a periodização enquanto parâmetro, para localizar o aparecimento de conceitos fundamentais e detectar as transformações por que passam. Ela nos auxilia a apontar as influências a que o filósofo se acha exposto nos diversos momentos de seu itinerário e a recuperar as etapas do processo de elaboração de suas ideias.²

Esse fracionamento foi sugerido pelo próprio filósofo em uma carta, de 1883, a Franz Overbeck³, onde afirmava: “toda minha vida tem decomposto diante dos meus olhos: essa vida assustadora e oculta, que a cada seis anos dá um passo e quase nada quer além⁴”.

A divisão do pensamento de Nietzsche em três fases contém pequenas variações de anos entre os que optam a adotá-la. Tomaremos como referência os trabalhos do historiador sueco Thomas Brobjer, que considera a primeira fase de 1869 até 1874, a segunda fase de 1875 a 1882 e a terceira fase de 1883 até 1889⁵. Encontramos dentro deste período de três fases as obras publicadas de Nietzsche e foi nele que o filósofo atuou como professor na Universidade da Basileia, porém, algumas das principais influências na sua vida intelectual surgiram antes de 1869.

A primeira inspiração dele no campo filosófico foi o estadunidense Ralph Emerson (1803-1882). Acredita-se que ele motivou o rompimento de Nietzsche com o pensamento cristão e o influenciou aos estudos filosóficos. Nietzsche

¹ Marton aponta que Raoul Richter divide a trajetória de Nietzsche em duas fases, Carl Albrecht Bernouilli determina o NT um livro à parte e faz uma divisão de quatro períodos, Charles Andler divide Nietzsche em duas fases e Karl Löwith utiliza a usual divisão de três fases. (MARTON, 1990, P.23-24).

² MARTON, 1990, p.27.

³ MARTON, 1990, p.24.

⁴ Tradução nossa de: “*Mein ganzes Leben hat sich vor meinen Blicken zersetzt: dieses ganze unheimliche verborgene gehaltene Leben, das alle sechs Jahre einen Schritt thut und gar nichts eigentlich weiter will als diesen Schritt*”. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1883,373>. Acesso em: 23/08/2017.

⁵ BROBJER, 2008.

iniciou suas leituras das obras de Emerson entre os anos de 1861 a 1862, deixando nos livros do autor que Nietzsche possuía muitas anotações. Os primeiros ensaios filosóficos de Nietzsche, *Fatum und Geschichte* e *Willensfreiheit und Fatum*, foram fortemente influenciados pelo estadunidense. Não se tem certeza de como ele teve conhecimento do intelectual, mas foi possivelmente em uma livraria⁶. Exceto no período entre 1869 e 1873, estima-se que Nietzsche leu Emerson quase todos os anos de sua vida até 1889. A influência de Emerson⁷ em seu pensamento pode ser comparada a de Arthur Schopenhauer (1788-1860), porém não é muito conhecida, porque Emerson não foi citado com frequência em suas obras publicadas, diferente do que aconteceu a Schopenhauer⁸.

A segunda grande influência filosófica de Nietzsche foi Platão. O interesse por ele surge entre 1863 e 1864. Quando o professor de Schulpforta, Karl Steinhart, escreve uma carta de recomendação para Nietzsche, enviada a Carl Schaarschmidt da Universidade de Bonn, ele afirma que Nietzsche é um entusiasta à filosofia, em especial a platônica. No período que Nietzsche foi um estudante universitário (1864-1868) os interesses em Platão continuaram. Ele fez dois cursos sobre o filósofo e houve inúmeras referências ao mesmo em seus trabalhos universitário, porém essas sempre tratavam, de maneira geral, de questões filológicas e não do pensamento filosófico de Platão. Nietzsche lecionou sobre o filósofo na Universidade da Basileia e as suas visões independentes sobre Platão começaram a surgir com sua obra publicada em 1872, o *NT*⁹. Apesar do grande número de críticas a Platão ao longo de sua vida, Nietzsche sempre respeitou muito o filósofo, em uma carta a Paul Deussen ele considera Platão o seu grande oponente¹⁰: “talvez esse antigo Platão seja meu verdadeiro grande inimigo? Mas como eu estou orgulhoso de ter tal adversário!”¹¹.

Como sabemos o pensamento de Nietzsche também foi influenciado intensamente por Schopenhauer. Sua admiração pelo filósofo pessimista era

⁶ Infere-se o mesmo sobre Arthur Schopenhauer.

⁷ “É provável que Emerson é o autor que ele leu e releu mais do que qualquer outro” (BROBJER, 2008, P.24). Tradução nossa de: “*Emerson is likely to be the author he read and reread more than any other*”.

⁸ BROBJER, 2008, p.22-25.

⁹ BROBJER, 2008, p.25-28.

¹⁰ BROBJER, 2008, p.28.

¹¹ Tradução nossa de: “*vielleicht ist dieser alte Plato mein eigentlicher großer Gegner? Aber wie stolz bin ich, einen solchen Gegner zu haben!*”. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1887,954>. Acesso em: 25/09/2017.

tamanha que persuadiu seus amigos a lerem-no, se referia a ele como um semideus, tratava seus críticos como inimigos pessoais e, entre 1865 e 1866, incorporou as ideias de Schopenhauer em seu cotidiano demonstrando uma posição pessimista e negadora da vida. Ele tinha a intenção de, a partir de Schopenhauer, fazer a filosofia influenciar os escritos filológicos. Entre 1867 e 1868 surgiram as primeiras críticas a Schopenhauer e também, provavelmente, a primeira análise filosófica e independente de Nietzsche, porém, o afastamento do pensamento de Schopenhauer aconteceu apenas nos anos de 1875 e 1876. Com o rompimento, Nietzsche tornou-se muito mais cético em relação à metafísica e à arte e mudou suas visões sobre ética e pena, mas, mesmo assim, continuando a ler e a respeitar o filósofo¹².

O interesse intensivo de Nietzsche por filosofia aconteceu a partir da leitura de duas obras: *O Mundo como Vontade e Representação*, de Schopenhauer, e a *História do Materialismo*, de Friedrich Albert Lange (1828-1875).¹³ Não se sabe como Nietzsche conheceu Lange, mas sua primeira menção a ele é de 1866. Apesar dos comentários entusiasmados sobre Lange em suas cartas, Nietzsche nunca o mencionou em obras publicadas. Tanto Lange quanto Schopenhauer foram de grande importância para o pensamento de Nietzsche na segunda metade da década de 1860. Ambos construíram seus trabalhos a partir da filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), que também se torna uma grande influência para Nietzsche, e fazem com que este se torne cada vez mais insatisfeito com a filologia. As influências de Lange em Nietzsche são mais fortes nos anos de 1866 e 1868 e ele tornou-se crítico ao autor apenas entre os anos de 1884 e 1885¹⁴.

A última grande influência de sua juventude foi Kant. O chinês de Königsberg, como Nietzsche costumava chamá-lo, era o ponto de partida para os filósofos alemães modernos e se tornou o principal alvo das críticas de Nietzsche à filosofia moderna. Porém, durante sua juventude¹⁵ e sua primeira fase Nietzsche tinha grande estima pelo filósofo¹⁶. As oposições entre essência e aparência,

¹² BROBJER, 2008, p.28-32.

¹³ BROBJER, 2008, p.28 e 29.

¹⁴ BROBJER, 2008, p.32-36.

¹⁵ Como “jovem Nietzsche” consideramos aqui Nietzsche antes da sua primeira fase.

¹⁶ Nietzsche leu sobre Kant a partir de vários intelectuais e ao longo de toda a sua vida, entre eles: Schopenhauer, Lange, Überweg, Kuno Fischer, Deussen, Romundt, Otto Kohl, Julius Bahnsen,

fenômeno e coisa em si, e representação e vontade influenciaram a dicotomia que Nietzsche viu entre o apolíneo e o dionisíaco explicitadas no *NT*¹⁷.

O grande marco de separação entre o jovem Nietzsche e sua primeira fase (1869-1874) foi tornar-se professor universitário de filologia clássica no ano de 1869. Nesse período suas leituras filosóficas foram muito semelhantes as que ele tivera quando estudante universitário nas cidades de Bonn e Leipzig¹⁸. Schopenhauer, Lange e Kant, por exemplo, influenciaram muito o pensamento de Nietzsche de 1865 a 1874. Ou seja, eles influenciaram o jovem Nietzsche e a sua primeira fase. No período ele cogitou fazer doutorado em filosofia, para estudar esses três filósofos. Outra intenção sua era ensinar aos seus alunos a *Weltanschauung* (Visão de Mundo) de Schopenhauer¹⁹. Essas foram as continuidades com o seu pensamento enquanto professor universitário, mas houve também algumas mudanças. Ele preparou palestras e aulas; terminou o *index* do periódico *Rheinisches Museum für Philologie*; aumentou suas leituras sobre filosofia clássica, em especial Platão; tinha menos tempo para Schopenhauer e schopenhaurianos, exceto por Hartmann; leu muito sobre os aspectos filosóficos da tragédia grega e as visões de Aristóteles sobre a mesma²⁰.

A leitura e influência de Hartmann ocorreu após seu ingresso na Basileia. Nietzsche leu suas obras intensivamente em 1869 e 1870, em 1873 e 1874 e é provável que tenha lido também em 1887 e 1888. Muitas das influências e discussões de Nietzsche sobre pessimismo estão relacionadas a Hartmann, que, influenciado por Hegel, Kant e Schopenhauer, era pessimista e apreciador da metafísica e foi uma das primeiras fontes de Nietzsche que fazia sérias críticas ao *darwinismo*. Nietzsche tornou-se um crítico de Hartmann relativamente cedo²¹. Ao ler a obra de Hartmann *Phänomenologie des sittlichen Bewusstseins: Prolegomena zu jeder künftigen Ethik* ele perde todo o respeito por Hartmann.

Johann Zöllner, Afrikan Spir, Rudolf, Lehmann, Otto Liebmann, Philipp Mainländer, Eduard von Hartmann, etc. Porém, não temos nenhuma prova de que ele chegou a ler alguma obra do filósofo, exceto pela *Crítica da Faculdade do Juízo*. (BROBJER, 2008, P.36 e 39).

¹⁷ MACHADO, 2002, p.10.

¹⁸ BROBJER, 2008, p.51.

¹⁹ BROBJER, 2008, p.39.

²⁰ BROBJER, 2008, p. 39 e 51. Três anos após a publicação de o *NT* Nietzsche deu uma nova ênfase aos estudos de filosofia antiga, estudando os pré-socráticos e Aristóteles (BROBJER, 2008, p.57).

²¹ BROBJER, 2008, p.53. Uma das críticas era pelas tendências não schopenhaurianas (como as hegelianas) em sua filosofia, não expressando o suficiente sua gratidão e dependência a Schopenhauer (BROBJER, 2008, p.54).

Nietzsche também leu, nesse período, as obras de seu colega na Basileia, Gustav Teichmüller. As leituras sobre Teichmüller ocorreram, na verdade, durante toda a sua vida, mas ele nunca discutiu ou expressou sua opinião sobre o filósofo²².

Seu grande apreço pelos filósofos fez com que Nietzsche tentasse se transferir da cadeira de filologia para a de filosofia em 1871. Ele escreveu às autoridades da Basileia afirmando interesse em filosofia moderna, com especial ênfase em Kant e Schopenhauer²³.

A ampliação de leituras no campo da filosofia moderna entre 1872 e 1875 acabou resultando no escrito das suas *UnzeitgemäÙige Betrachtungen* (Considerações Intempestivas) acerca de diferentes temas. Nesse período leu David Strauss, tema de sua *PI*. Estudou trabalhos relacionados à história e à filosofia da História, como Hamann, Lichtenberg, Hartmann, Hegel, Schiller, Emerson e David Hume, para a sua *SI*. Na *TI* seus estudos se voltaram para Schopenhauer, Hartmann e Carl Fuchs. Nietzsche também leu nesse período kantianos e neo-kantianos, geralmente a partir de interesses de Schopenhauer. Além de suas leituras schopenhauerianas, kantianas e gregas, Nietzsche também leu, em seu primeiro período, Marcus Aurelius, além de muitos autores que discutiam o estético, como o dramaturgo austríaco Franz Grillparzer, Hamann e R. H. Lotze²⁴.

As marcas da filosofia de Schopenhauer, somadas às da música de Richard Wagner (1813-1883), estiveram presentes na primeira fase com tanta intensidade que se consuma denominá-la como do pessimismo romântico²⁵.

Os livros e pensamentos da segunda fase (1875-1882) de Nietzsche não serão objetos do nosso trabalho, porém consideramos fundamental apresentar os principais rompimentos e influências de Nietzsche nesse período por dois motivos: o primeiro é que algumas cartas e fragmentos postumamente publicados que apresentamos ao longo do nosso trabalho são provenientes desse período; o segundo é que há conceitos desenvolvidos na segunda fase que permanecem na terceira fase de Nietzsche e, assim, são fundamentais para a nossa pesquisa.

²² BROBJER, 2008, p.52-54.

²³ BROBJER, 2008, p.37.

²⁴ BROBJER, 2008, p.60.

²⁵ MARTON, 1990, p.27.

Entre os anos de 1875 a 1876, Nietzsche teve sua primeira crise de pensamento, o que acaba fazendo com que ele rompesse com Schopenhauer, Kant e seu até então grande amigo Wagner. Nietzsche estava ciente dessa crise e a manifestava em cartas, bem como em seu livro *HDH*. Nesse período ele começou a ler sobre ciência natural, antropologia e economia política. Sua principal influência filosófica no período foi seu amigo Paul Reé (1849-1901). Nietzsche foi apresentado a Reé no ano de 1873 por Heinrich Romuldt, porém, o interesse de Nietzsche aumentou apenas quando leu o livro de Reé *Observações Psicológicas (Psychologische Beobachtungen)*. Quando já eram amigos, Reé juntou-se a Nietzsche no famoso *Bayreuth Festspielhaus*, em agosto de 1876, e também o deixou junto com o filósofo. Reé tomou o lugar que Wagner ocupava na primeira fase de Nietzsche, o de amigo mais próximo. Foi a partir de então que Nietzsche passou a escrever em aforismos, provavelmente por influência de Reé. Ele influenciou Nietzsche a pensar a filosofia de forma mais positivista (e comtiniana), o filósofo também aprovava a forma antimetafísica e pró-darwiniana dos escritos de Reé. A amizade entre eles (bem como a segunda fase de Nietzsche) termina no ano de 1882, por causa da rivalidade entre ambos pela jovem russa Lou Andreas-Salomé²⁶.

Outros aspectos desse período que merecem ser desacatados são que Nietzsche muda seu entusiasmo inicial pelos temas: metafísica, idealismo, pessimismo, arte e estética. Ele torna-se mais cético, coloca a ciência acima da arte e preza o esclarecimento. Nietzsche é simpático a Voltaire, para quem dedica *HDH*. Suas leituras são menos metafísicas e estéticas e mais históricas e antropologico-filosóficas. A partir de 1875 passa a ter interesse pelos franceses e por filosofia oriental e asiática²⁷. Dentre as influências e/ou leituras de Nietzsche nesse período estão Georg Christoph Lichtenberg, Eugem Dühring²⁸, Philipp Mainländer²⁹, Afrikan Spir³⁰, Alfons Bilharz, filósofos britânicos, Dans Lassen

²⁶ BROBJER, 2008, p.40-42.

²⁷ BROBJER, 2008, p.61-66.

²⁸ Foi um filósofo positivista, dentro das suas influências estavam Schopenhauer, Comte e Feuerbach. Este influenciou muito Nietzsche em sua segunda fase. Foi de Dühring que Nietzsche retira o conceito de ressentimento. Na terceira fase Nietzsche rejeitou o autor de forma explícita em *GM*.(BROBJER, 2008, p.66-70).

²⁹ Nietzsche também leu muito neste período. Ele era um schopenhauriano que afirmava que abstinência sexual e suicídio eram as melhores soluções para o homem e, assim, acaba cometendo suicídio. Ele afirmou que deus morreu e é um forte candidato a ter influenciado a afirmação de Nietzsche que Deus está morto. (BROBJER, 2008, p. 69-70).

Martensen, Kierkegaard³¹, Josef Pooper, os estoicos, Epiteto e Marco Aurélio, J.J. Baumann, Lecky, Otto Liebmann, Otto Caspari³², Spinoza³³ e Harald Höffding³⁴. Os grandes conceitos de Eterno Retorno, *Amor Fati*, Zarathustra, Vontade de Poder, *Übermensch* e Deus também são trabalhados nessa segunda fase³⁵. A crença de Nietzsche na ciência, enquanto meio de libertação das convicções, expressada neste período fez com que este fosse denominado como período do positivismo cético³⁶.

Mesmo que Nietzsche tivera uma grande mudança entre sua primeira e sua segunda fase, o momento em que podemos ver o maior *break* de seu pensamento foi certamente cerca de 1876, como podemos ver abaixo:

[...] o Nietzsche maduro considerou o sentido histórico como mais ou menos necessária (mas não suficiente) exigência para um profundo conhecimento da cultura, mas também nota que este ingrediente pode ser perigoso e prejudicial. Este Nietzsche, em oposição com sua visão anterior, considera o sentido histórico ou a sensibilidade e o conhecimento da história como importante, até mesmo necessário, após o meio da década de 1870 [...] ³⁷.

Pela delimitação de tempo, não tornamos as obras da segunda fase de Nietzsche como objeto de nossas análises, porém, consideramos que o estudo desta também seriam uma grande contribuição para as reflexões acerca de como Nietzsche vê o pensamento histórico.

Como já salientamos, após romper com Rée, Nietzsche inicia a terceira fase de seu pensamento. Quanto mais Nietzsche amadureceu, menores foram suas influências filosóficas. Este período, denominado como o da reconstrução da obra,

³⁰ Nunca mencionado publicamente por Nietzsche. (BROBJER, 2008, p.71)

³¹ Apesar de Nietzsche ter conhecimento de seu pensamento e sua escrita, ele nunca leu nenhum texto completo de Kierkegaard (BROBJER, 2008, p.74).

³² A talvez mais importante fonte de inspiração para a ideia de eterno retorno.

³³ Nietzsche teve um interesse intenso em Spinoza, com quem fez várias descobertas, como as do eterno retorno, *amor fati* e foi quando desenvolveu o conceito de vontade de poder. Apesar disso, não existem evidências de que Nietzsche leu Spinoza algum dia, suas ideias sobre Spinoza vem do autor Kuno Fischer (BROBJER, 2008, p.77-82).

³⁴ BROBJER, 2008, p.63-82.

³⁵ BROBJER, 2008, p.82-89.

³⁶ MARTON, 1990, p.27.

³⁷ BROBJER, 2004, p.317. Tradução nossa de: “[...] *the late Nietzsche regarded historical sense as a more or less necessary (but not sufficient) requirement for a profound knowledge of culture, but which also notes that this necessary ingredient can be dangerous and detrimental. That Nietzsche, in opposition to his earlier view, regarded historical sense or sensibility and knowledge of history as important, even necessary, after the mid-1870s [...]*”.

foi no qual Nietzsche expressou maior independência intelectual³⁸. Em seu terceiro período não houve nenhuma influência tão positiva como as anteriores. Dos intelectuais que abordamos como principais influências de Nietzsche até então, o único em relação ao qual ele não se tornou cético foi Emerson. Desde que se afastara de sua cátedra, em 1879, até o ano de 1883, ele aprendeu a ler francês fluentemente. Com isso, começou a ler sobre literatura, cultura e filosofia francesa. Na terceira fase Nietzsche tornou-se crítico das posições filosóficas, inclusive algumas que ele defendia anteriormente, e também da filosofia inglesa³⁹.

Dentro de sua terceira fase, do ano de 1883 até o ano de 1886, ele fez muitas leituras e releituras filosóficas, tais como Schopenhauer, Emerson, Dühring, Mainländer, Lange, Montaigne, Hartmann, Rolph, Guyau e Rée. Nietzsche volta a interessar-se por Du Bois-Reymond, a quem enviou sua *GM*, como também pelos fundadores do positivismo crítico (*critical positivism*), Richard Avenarius e Ernst Mach. Apesar das críticas feitas a ambos os autores, há aspectos de obras de Nietzsche, como em *CI*, *GM* e *BM*, que mostram um possível estímulo dos escritos de Avenarius e Mach. Nietzsche também enviou uma cópia de *GM* para Mach⁴⁰.

Delineados os principais aspectos das três fases, gostaríamos também de abordar o que aconteceu após a partir de 1889: como bem sabemos no início desse ano Nietzsche sofreu um colapso mental e foi neste período que suas obras começaram a se tornar famosas. A pessoa responsável por sua fama foi sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche. Em 1885 Elisabeth ela casou-se com o antisemita Bernhard Förster e eles mudaram-se para o Paraguai na intenção de fundar uma colônia ariana, *La Nueva Germânia*. O empreendimento fracassa e por causa disso Förster comete suicídio. Com isso Elisabeth retorna à Alemanha onde Nietzsche e seus escritos se encontravam sob tutela de sua mãe. Elisabeth consegue a custódia dos escritos do irmão e inicia uma série de promoções a imagem do filósofo.

Förster-Nietzsche criou um arquivo para o irmão, o *Nietzsche-Archiv*, onde reuniu uma série de discípulos e admiradores para o filósofo. Chegou-se a projetar, em 1911, um templo para Nietzsche, todavia a obra nunca se

³⁸ MARTON, 1990, p.27

³⁹ BROBJER, 2008, p.42.

⁴⁰ BROBJER, 2008, p.90-95.

concretizou⁴¹. Ela também publicou uma obra que denominou como póstuma, chamada *A Vontade de Potência*⁴². Por muito tempo se acreditou que a *VP* era a obra capital de Nietzsche. Porém, em uma visita ao arquivo, localizado em Weimar, Karl Schlechta descobre que essa obra nunca existiu. O livro é uma compilação de vários fragmentos de Nietzsche publicados fora da ordem cronológica, com a intenção de apresentar Nietzsche como um filósofo antisemita⁴³. Para legitimar seu projeto, Elisabeth ainda falsificou cartas de Nietzsche à Malwida von Meysenburg e destruiu as originais. A deturpação das obras teve inúmeras consequências, como a ressignificação do conceito de *Übermensch*, dando a entender que se remetia à superioridade da raça ariana⁴⁴.

Slechta descobriu a deturpação nos escritos do filósofo na década de 1950, porém, não foi ele quem fez o trabalho filológico de pesquisar o que foi escrito por Nietzsche e o que eram apenas falsificações de sua irmã. O trabalho árduo de organizar uma edição crítica das obras completas (*Kritische Gesamtausgabe Werke*) de Nietzsche foi empreendido por Giorgio Colli eazzino Montinari, com a colaboração de Müller-Lauter⁴⁵.

A disseminação das ideias de Nietzsche no século XX não aconteceu apenas por influência de Elisabeth, houve no século XX um *boom* de escritos sobre Nietzsche⁴⁶. Ernst Bertram, por exemplo, escreveu uma famosa biografia sobre Nietzsche tentando mitificar a imagem do filósofo alemão⁴⁷. As ideias de Nietzsche também influenciaram de forma marcante vários grupos e movimentos até 1914 (socialistas, anarquistas, comunistas, feministas, literatos etc.)⁴⁸.

Não foram todos os amigos de Nietzsche que se uniram a esta tentativa de mitificação a todo custo. Diferente de nomes como Johann Heinrich Köselitz⁴⁹,

⁴¹ NOLTE, 1995, p.130.

⁴² MARTON, 2010.

⁴³ Não foi necessário apresentar argumentos contrários às tentativas de Elisabeth na introdução, pois eles serão facilmente encontrados em inúmeras afirmações de Nietzsche ao longo da nossa dissertação.

⁴⁴ MARTON, 2010. As vinculações de Nietzsche com o Nazismo fez com que sua irmã fosse enterrada com as honras nacionais, em 1935.

⁴⁵ MARTON, 2010.

⁴⁶ Uma série de biografias sobre Nietzsche foram escritas após a sua morte. Dentre elas, sua irmã escreveu a trilogia *Das Leben Friedrich Nietzsche* (1906), *Der Junge Nietzsche* (1912) e *Der Einsame Nietzsche* (1914), seu grande amigo Franz Overbeck escreveu *La Vida Arrebatada de Friedrich Nietzsche* (2016) e Lou Salomé escreveu *Nietzsche em Suas Obras* (1992).

⁴⁷ BERTHAM, 1920.

⁴⁸ NOLTE, 1995.

⁴⁹ Também conhecido por seu pseudônimo: Peter Gast.

houve os que mostraram resistência às ideias de Elisabeth. Longe da tentativa de mitificar o filósofo, seu amigo Franz Overbeck escreve uma biografia sobre Nietzsche com “distanciamento do cálculo anedótico orientado ao enaltecimento da lenda”⁵⁰. Overbeck desaprova a imagem imaculada de Nietzsche e, com isso, entra em atrito com Köselitz e Förster-Nietzsche, negando-se a entregar as cartas de Nietzsche que possuía⁵¹. Explicados, em linhas gerais, os aspectos intelectuais fundamentais do pensamento intelectual de Nietzsche para nossa dissertação, mencionaremos a seguir a documentação trabalhada em nossa dissertação.

As principais fontes do nosso trabalho estão presentes na *Edição Crítica Digital das Obras Completas e Cartas de Nietzsche (eKGWB)*⁵² do site *Nietzsche Source*⁵³. Nela se encontram as obras publicadas, as publicações privadas, os manuscritos autorizados, os escritos postumamente publicados, os fragmentos postumamente publicados e as cartas de Nietzsche. Todas as vezes que utilizamos a plataforma como principal fonte para um escrito de Nietzsche em nosso texto, traduzimos o trecho utilizado para o português e colocamos a mesma passagem em alemão como nota de rodapé.

Como o nome de Nietzsche é hoje difundido no Brasil⁵⁴ e contamos com diversas traduções de suas obras publicadas em português, optamos pela leitura e análise dessas em nosso idioma e, quando se julgou necessário, conferimos os fragmentos utilizados. Consultamos eles em alemão no *Nietzsche Source*. As obras publicadas do filósofo que utilizamos em nosso trabalho foram: *O Nascimento da Tragédia* (1872), *a Segunda Consideração Intempestiva* (1874), *Assim falou Zaratustra* (1883-1884), *Para Além do Bem e do Mal* (1886), *Genealogia da Moral* (1887), *O Caso Wagner* (1888), *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), *O Anticristo* (1888), *Ecce Homo* (1888) e *Nietzsche Contra Wagner* (1888).

O nosso segundo conjunto de fontes foram correspondências e pequenos textos publicados por Nietzsche e por seus contemporâneos. Tivemos duas possibilidades de acesso às cartas de Nietzsche. A primeira e principal foi o site *Nietzsche Source* e a segunda diz respeito aos seis tomos de cartas do filósofo

⁵⁰ RIOS. In.: OVERBECK, 2009, p.13. Tradução nossa de: “*distanciamiento del cálculo anecdótico orientado al enaltecimiento de la leyenda*”.

⁵¹ PETER; BESTEBREURTJE, 2007. In.: OVERBECK, 2008, p.XXXIX.

⁵² *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*.

⁵³ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

⁵⁴ Principalmente após a fundação do *Grupo de Estudos Nietzsche* por Scarlett Marton no ano de 1996. Disponível em: <http://gen.fflch.usp.br/homeport>. Acesso em: 01/10/2017.

traduzidas para o espanhol⁵⁵. Ainda estudamos as cartas de seu amigo Jacob Burckhardt⁵⁶; bem como as correspondências trocadas entre o teólogo e amigo de Nietzsche, Franz Overbeck⁵⁷ e o historiador Heinrich von Treitschke⁵⁸.

As últimas fontes foram seis textos polemizando a obra *NT*. Todos eles estão presentes no livro organizado por Roberto Machado, denominado *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. São eles duas resenhas e uma carta escrita pelo amigo de Nietzsche e filólogo Erwin Rohde, duas críticas ao livro feitas por Ulrich Wilamowitz-Möllendorff e uma carta aberta a Nietzsche escrita por Wagner.

A divisão de capítulos da nossa dissertação aconteceu como explicitaremos a seguir. No primeiro capítulo trabalhamos com as obras *NT* e *SI* e com comentários sobre ambas feitas por intelectuais do período e pesquisadores no tema. No segundo capítulo trabalhamos o conceito de modernidade e o conceito de história no século XIX, este último muitas vezes ligado ao conceito de historicismo. Tentamos também identificar as relações de Nietzsche com três historicistas de sua contemporaneidade: Burckhardt, Ranke e Treitschke. No nosso terceiro capítulo apontamos, a partir de Brobjer, certos equívocos que podemos cometer a partir da leitura de Nietzsche e as autocríticas do filósofo em sua maturidade em relação aos seus escritos de juventude relacionados à história. Desenvolvemos a narrativa a partir de trechos de suas obras publicadas em sua última fase: *BM*, *GM*, *CW*, *CI*, *OA*, *EH* e *NW*. Nossa intenção foi compreender as reconfigurações do conceito de história no momento da sua produção intelectual.

⁵⁵ NIETZSCHE, 2005b, NIETZSCHE, 2007a, NIETZSCHE, 2009b, NIETZSCHE, 2010, NIETZSCHE, 2011, NIETZSCHE, 2012c,

⁵⁶ BURCKHARDT, 2003.

⁵⁷ Não tivemos acesso a todas as cartas de Overbeck, do teólogo utilizamos o tomo 8 do *Werke und Nachlaß*. Neste encontram-se 189 das 3536 cartas de Overbeck. A seleção de carta aconteceu a partir de critério subjetivo dos editores, que consideraram as situações biográficas mais importantes e os principais escritos de Overbeck. A amizade central com Nietzsche foi levada em consideração. (PETER; BESTEBREURTJE. *In.*: OVERBECK, 2008, p. XXXIX).

⁵⁸ Infelizmente também não tivemos acesso a edição completa das cartas de Treitschke. Trabalhamos aqui com o terceiro tomo de suas cartas. Neste encontram-se o Terceiro Livro, intitulado *A época da declaração histórica e política da Confederação Alemã do Norte. Novo Episódio. (Die Zeit des Norddeutschen Bundes historische und politische Aussage. Neue Folge.)*, e o Quarto Livro, intitulado *No novo Império – A história alemã (Im neuen Reich – Die deutsche Geschichte)* (TREITSCHKE, 1920).

1. O Jovem Nietzsche e a História

O principal objetivo da nossa dissertação é discutir qual foi o lugar da história e da historiografia na terceira fase da produção filosófica de Nietzsche (1882-1888). Para compreendermos esses conceitos nesse período é crucial estudarmos os escritos do filósofo em sua primeira fase, pois, como se sabe, o texto mais extenso de Nietzsche dedicado à história, denominado *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, foi publicado no início de sua produção intelectual. Sendo assim, dedicaremos uma parte da dissertação à primeira fase (1872-1876) de Nietzsche.

Porém, antes de discutirmos este período, acreditamos ser fundamental mencionar aqui um escrito de Nietzsche que precede sua primeira fase, mas também leva a palavra história no nome: é um pequeno texto intitulado *Fado e História*⁵⁹. Ele foi escrito quando Nietzsche tinha apenas dezessete anos, em 1862. Segundo o próprio autor, sua função seria a de “emitir, sobre a religião e o cristianismo, um juízo imparcial e adequado aos tempos”⁶⁰. É curioso que Nietzsche tenha exaltado neste texto um esforço de imparcialidade, algo que se tornará alvo de suas críticas quando se referir aos historiadores em sua *SI*, como veremos adiante.

Apesar do título, a discussão não é semelhante à da *SI*⁶¹. Suas inquietações aqui são acerca do cristianismo, suas discussões sobre a história giram em torno do religioso. Ele faz afirmações como: “a moral é o resultado de uma evolução geral da humanidade” e que “por dois mil anos a humanidade foi desencaminhada por uma quimera”⁶². Suas críticas não se limitam ao cristianismo, mas se estendem a outros dois ideais de massa: as ideias sociais e comunistas⁶³. Nietzsche faz um elogio do indivíduo e da livre vontade ao longo de todo o texto. Há ainda, ao final, uma pequena anotação do mesmo ano, onde se apresenta uma ideia que Nietzsche desenvolverá e aprofundará na escrita do *NT*, a afirmação de

⁵⁹ NIETZSCHE, 1998. A versão que utilizamos aqui se encontra no apêndice de sua *GM* e “é o texto ligeiramente condensado, tal como foi apresentado por Richard Blunck em 1953, em sua biografia do jovem Nietzsche” (p.163).

⁶⁰ NIETZSCHE, 1998, p.163.

⁶¹ No título deste Nietzsche optou por escrever a palavra história em alemão como *Geschichte*. Em sua *SI* ele utilizou *Historie*.

⁶² NIETZSCHE, 1998, p.164.

⁶³ NIETZSCHE, 1998, p.166. Nietzsche continuou criticando as massas durante toda a sua vida.

que: “O fato de Deus se ter feito homem indica apenas que o homem não deve buscar no infinito sua felicidade, mas fundar na Terra o seu céu”⁶⁴.

O filósofo também menciona a História Universal como um “resultado de verdades dos diferentes mundos” e a considera impossível para o homem. Ele diz, ressaltando o papel do historiador, que o grande historiador e o grande filósofo podem tornar-se profetas, “pois ambos fazem abstração dos círculos interiores para os exteriores”⁶⁵. O elogio aos historiadores não continuará por muito tempo, como veremos em seu escrito de 1874.

Em sua primeira fase, Nietzsche publicou: *O NT* (1872-1874), suas quatro *Considerações Intempestivas*⁶⁶ e um pequeno texto denominado *Uma palavra de ano novo ao editor do semanário O Novo Império*⁶⁷. Para compreendermos melhor o que perpassa a *SI*, acreditamos ser fundamental a análise de outros de seus textos. Uma dessas obras que nos ajuda a entender o seu principal escrito sobre história é, sem dúvida, o *NT*, de modo que as discussões sobre esta obra constituirão a primeira seção deste capítulo.

Entretanto, antes de partimos para a análise do *NT*, consideramos igualmente importante fazer menção ao contexto histórico do período. Contextualizar Nietzsche contribui para o entendimento de seus ideais. Diferente da maioria dos países europeus, a Alemanha teve seu território unificado apenas no ano de 1871. A Unificação da Alemanha e, a partir dela, a elaboração de um sentimento nacional comum, influenciaram a escrita das duas primeiras obras do nosso autor. Já no ano de 1866, com a vitória da Prússia sobre a Áustria na Batalha de Königgrätz (1866), surgiram reflexões, por vezes divergentes, sobre a criação de uma pequena Alemanha⁶⁸. Porém, a Áustria não era o único país que

⁶⁴ NIETZSCHE, 1998, p.168.

⁶⁵ NIETZSCHE, 1998, p.164-165.

⁶⁶ Suas quatro considerações são, respectivamente, *David Strauss, o Devoto e o Escritor* (1873), *Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida* (1874), *Schopenhauer como Educador* (1874) e *Richard Wagner em Bayreuth* (1876).

⁶⁷ Tradução nossa de: “*Ein Neujahrswort an den Herausgeber der Wochenschrift „Im neuen Reich“*”. Theodor Purschmann escreveu um livro onde chama Richard Wagner de louco. Apoiando esta ideia, Alfred Dove publicou um artigo no periódico *Im neuen Reich*. O texto de Nietzsche é uma resposta a Dove (SCHABERG, 1995, p.29-30). Ele foi assistente de Ranke e organizador de suas obras completas. A polêmica entre Dove e Nietzsche contribuiu para a forma depreciativa com que Nietzsche descreve Ranke em seus escritos. Desenvolveremos a relação entre Nietzsche e Ranke no próximo capítulo.

⁶⁸ Eram vários os que discordavam de uma Alemanha unida a partir da Prússia de Otto von Bismarck. O sentimento antiprussiano era predominante no sul e estava presente em vários grupos, como os socialistas e radicais. Contrários a estes, estavam os nacionais liberais e seu pensamento

impedia Bismarck de construir um Império Alemão, a França de Napoleão III também causava empecilho, pois o imperador francês intencionava “impor a hegemonia da França sobre a Europa ocidental”. Não vendo como alternativa conter a Prússia nem conceder seu apoio, Bismarck escolheu “adotar uma rota de colisão com a Prússia e tentar interromper qualquer agregação adicional de poder”⁶⁹. O primeiro abalo entre os países acontece quando Bismarck, após consultar o parlamento da Alemanha do Norte, não autorizou que Napoleão III comprasse Luxemburgo, abalando as relações entre a Prússia e a França⁷⁰. As duas potências se indispuseram novamente pouco tempo depois, o que acabou fazendo com que, em 1870, a França declarasse guerra à Prússia⁷¹.

A Guerra Franco-Prussiana foi apoiada por todos os estados que constituiriam, no ano seguinte, a Alemanha. “Depois de uma série de combates sangrentos em Lorena, uma parte do exército francês sob o comando do marechal Bazaine foi capturada na cidade fortaleza de Metz”⁷². Os franceses se rendem, Napoleão III é capturado com 100 mil prisioneiros de guerra. Após a guerra, o novo império alemão é formado em 1871 e Wilhelm I é proclamado *Kaiser*⁷³. O novo país se caracterizava como

um estado constitucional nacional com um parlamento eleito por sufrágio universal masculino, que consistia de uma federação pouco rígida de estados quase independentes, cuja totalidade era dominada pelo estado militar prussiano⁷⁴

Por ser um país com formação recente, a Alemanha não possuía bandeira nem hino nacional e os alemães não partilhavam do sentimento de pertencimento

de que “primeiro a Alemanha deveria ser unida, e somente então a questão constitucional poderia ser resolvida”. Bismarck considerava a batalha de 1866 apenas uma solução temporária. O problema alemão será resolvido de forma definitiva quando, depois que conseguiu o apoio dos nacionais liberais, se criou o Estado-nação. Este seria regido por um sistema monárquico e conservador, dominado pela Prússia. (KITCHEN, 2013, p.152-154).

⁶⁹ KITCHEN, 2013, p.154-155.

⁷⁰ A venda só aconteceria, segundo o rei da Holanda, com o apoio da Prússia. (KITCHEN, 2013, p.155).

⁷¹ KITCHEN, 2013.

⁷² Nietzsche participou desta guerra como enfermeiro voluntário em Metz, como mencionaremos adiante.

⁷³ KITCHEN, 2013, p. 158-160.

⁷⁴ KITCHEN, 2013, p.161.

a uma pátria comum, inclusive “cada estado tinha sua própria constituição e administração”⁷⁵.

Com a Unificação da Alemanha houve a necessidade de construir uma identidade alemã comum para todos os estados. Diversos intelectuais fizeram suas contribuições para esta identidade, inclusive Nietzsche. É neste contexto político mais amplo que ele escreveu o *NT* e a *SI*. Como perceberemos a seguir, Nietzsche, que era favorável à unificação, fez em ambos os livros sua proposta para a nova sociedade alemã.

1.1 A polêmica em torno da obra *O Nascimento da Tragédia*

Nossa análise do *NT* será dividida em duas partes. Primeiro, abordaremos algumas passagens específicas da obra, com o intuito de compreender os conceitos e as ideias principais da mesma. Em um segundo momento, atentaremos para a polêmica que esta obra suscitou entre os filólogos contemporâneos de Nietzsche.

Quando nos deparamos com este escrito, encontramos três ideias principais⁷⁶. “A primeira é uma explicação da origem, composição e finalidade da arte trágica grega”⁷⁷. Para Nietzsche, a tragédia grega, ou tragédia ática, é resultado da soma de duas divindades artísticas: Apolo e Dionísio⁷⁸. Estes nomes se manifestam em “sua concepção artística, não em ideias, mas nas figuras enérgicas e claras de seu mundo mitológico”⁷⁹. Na maioria das vezes que Nietzsche se refere a estas figuras, as chama de “forças”.

A principal característica da força dionisíaca é a embriaguez, e com ela estão a luxúria, a crueldade e a desenfreada indisciplina sexual. O culto a este deus leva ao que Nietzsche chama de Uno-Primitivo. Por outro lado, a força apolínea indica um mundo dos sonhos, do prazer e da alegria, o indivíduo vive o *Principium individuationis*. Para Nietzsche a reconciliação de ambas as forças, que

⁷⁵ KITCHEN, 2013, p.161.

⁷⁶ MACHADO, 2005, p.7.

⁷⁷ MACHADO, 2005, p.7.

⁷⁸ NIETZSCHE, 2005, p.27.

⁷⁹ NIETZSCHE, 2005, p.27.

são opostas, é “o momento mais célebre da história do culto grego”⁸⁰. O filósofo as vê como complementares. Para ele: “Apolo não conseguia viver sem Dionísio!”⁸¹, como podemos ver a seguir:

[...] consideramos o apolíneo e seu contraste, o dionisíaco, como forças de arte que emergem da própria natureza sem mediação do artista humano, e nas quais se contentam por enquanto e de modo direto os seus impulsos artísticos, por um lado como o mundo configurado pelos sonhos, cuja perfeição se encontra sem nenhuma semelhança com a elevação intelectual ou com a formação artística individual, por outro lado, como verdade embriagadora, que também não leva em consideração o indivíduo, mas que chega a procurar destruí-lo e redimi-lo por um sentimento místico de união.⁸²

Elas atuaram, segundo Nietzsche, de forma salutar entre os gregos. O filósofo conta uma lenda onde o rei Midas persegue Sileno, companheiro de Dionísio, e o pergunta sobre o que é mais conveniente para o homem. Sileno responde: “O melhor para ti é inacessível: É não ter nascido, não ser, ser nada – em segundo lugar, porém, é... morrer em breve”⁸³. A partir desta resposta trágica, os gregos são obrigados a criar os seus deuses. Com isso, eles não apenas podem viver, mas conseguem inverter a resposta de Sileno e “o pior para eles é a morte próxima, o pior em segundo lugar é o fato de terem de morrer alguma vez”⁸⁴. Esta é a harmonia da vida para Nietzsche e este é o equilíbrio entre a força apolínea e a força dionisíaca. A tragédia grega é “o coro dionisíaco, que sempre se descarrega num mundo apolíneo de imagens”⁸⁵.

Nietzsche volta a esta ideia na *SI*, onde ele defende que, ao trazer a história diante do tribunal, não se deve julgar se um acontecimento do passado foi justo ou não, mas o quanto ele contribuiu para a vida no presente. Pois a vida nunca parte de uma fonte de conhecimento. Para Nietzsche até o julgamento da justiça seria injusto. Assim ele volta a Sileno e afirma que “tudo o que *surge merece* perecer. Por isto, seria melhor que não tivesse surgido”⁸⁶. Não apenas nesse curto trecho, mas, ao longo desta obra, encontramos aproximações com o *NT*. Isso sugere que

⁸⁰ NIETZSCHE, 2005, p.33.

⁸¹ NIETZSCHE, 2005, p.39

⁸² NIETZSCHE, 2005, p.31.

⁸³ NIETZSCHE, 2005, p.35.

⁸⁴ NIETZSCHE, 2005, p.36.

⁸⁵ NIETZSCHE, 2005, p.55.

⁸⁶ NIETZSCHE, 2003, p.30

tenha havido influência deste escrito na *SI*. Outro indício é que o renascimento da tragédia, quando for abordado na *SI*, o foi a partir da proposta de uma História Mítica.

Segundo Machado, “a segunda ideia importante de *O nascimento da tragédia* é a denúncia da morte da arte trágica perpetrada por Eurípedes”⁸⁷. Para Nietzsche a tragédia grega “pereceu de suicídio” e a pessoa responsável por isso teria sido Eurípedes⁸⁸. O problema foi que este, disputando com Ésquilo, fez o povo aprender “a observar, discutir, tirar conclusões artisticamente e com as mais sagazes sofisticações”⁸⁹: houve uma mudança na linguagem pública, a tragédia passou a ser pensada de forma racional.

Hoje concebemos Eurípedes como um dos três grandes nomes da tragédia grega, ao lado dele estão Ésquilo e Sófocles⁹⁰. Se Nietzsche quis o renascer da tragédia, por que criticou Eurípedes? Isso acontece, pois não foi qualquer tragédia grega que Nietzsche quis fazer renascer, mas especificamente a de Ésquilo. Para Nietzsche, Ésquilo e Sófocles estavam “em posse do favor público”, já Eurípedes “sentia-se superior”⁹¹, pois ele tentou “tirar o componente dionisíaco e possante da tragédia e reedificá-la de modo puro e novo, sobre a base da arte, do costume e da concepção do mundo não dionisíaco”⁹².

É importante ressaltar que, por mais que Nietzsche afirmasse um equilíbrio entre as forças dionisíaca e apolínea, as características de Dionísio sempre foram mais importantes para ele. O problema, a seu ver, não foi que a arte trágica, como um todo, fora extinta, e sim, como Nietzsche afirma sobre Eurípedes, que “a divindade que falava por sua boca não era Dionísio, nem Apolo, mas sim um demônio recém-nascido, e que se chamava Sócrates”⁹³.

⁸⁷ MACHADO, 2005, p.9.

⁸⁸ NIETZSCHE, 2005, p.64.

⁸⁹ NIETZSCHE, 2005, p.66.

⁹⁰ Pensando cronologicamente Ésquilo (525 a.C. – 456 a.C.) foi o primeiro da tríade. Sófocles (497 ou 496 a.C. – 406 ou 405 a.C.) e Eurípedes (480 a.C. – 406 a.C.) são contemporâneos.

⁹¹ NIETZSCHE, 2005, p.69. Apesar do elogio a Sófocles neste trecho, mais a frente Nietzsche o vê como uma pessoa que ajudou a destruir a tragédia, mesmo que não tanto quanto Eurípedes (NIETZSCHE, 2005, p.80). Wilamowitz-Möllendorff considera a relação de Nietzsche com Sófocles divertida, pois ele “não se atreve a condená-lo, mas não consegue dissimular que gosta muito pouco dele” (WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005b, p.76).

⁹² NIETZSCHE, 2005, p.71.

⁹³ NIETZSCHE, 2005, p.71.

O problema em Sócrates foi que, segundo Nietzsche, aquele considerava apenas a forma racional de ver o mundo, excluindo a arte. Assim, para o filósofo alemão, só Apolo sobreviveu a partir de Sócrates:

No esquematismo lógico cristalizou-se a tendência apolínica, assim como verificamos em Eurípedes algo semelhante e, ainda mais, uma transposição do dionísíaco na afeição naturalista. Sócrates, o herói dialético no drama platônico, lembra-nos a natureza parecida do herói euripidéico, que é obrigado a defender as suas ações por contra-razões e razões, e que por isso corre frequentemente o perigo de perder o nosso trágico co-sofrer⁹⁴

O detrimento de Apolo nesta primeira fase de Nietzsche ocorre pois neste período seus escritos estavam sobre influência do romantismo de Wagner e da visão dualista de mundo de Schopenhauer e Kant.

Em certo sentido essa “vitória” de Dionísio é fácil de compreender. A oposição Dionísio/Apolo era a base do plano de Schopenhauer: vontade/aparência, coisa em si/fenômeno. Como Schopenhauer, Nietzsche, em 1870, distinguia o homem submetido ao império da vontade, reduzido ao estado de puro contemplador⁹⁵

Para Sócrates a arte trágica não dizia a verdade e para Platão, seguidor daquele, ela representava o agradável e não o útil⁹⁶. Este era o grande problema de Nietzsche com ambos. A morte da arte trágica levou apenas um elemento consigo, o dionísíaco, e houve a “vitória da ilusão apolínica”⁹⁷. Com isso, Nietzsche considera que a parte “mais digna, a mais importante, a mais merecedora de ser vivida, e mesmo a única vivida”⁹⁸ foi a que pereceu.

“A terceira ideia importante do livro é a tentativa de encontrar o renascimento da tragédia, ou da concepção trágica do mundo, em algumas manifestações culturais da modernidade”⁹⁹. E, com isso, lutar contra a influência de Sócrates na sociedade moderna. Pois este influencia “até o momento presente

⁹⁴ NIETZSCHE, 2005, p.80.

⁹⁵ LEBRUN, 2000, P.123. Tradução nossa do espanhol.

⁹⁶ NIETZSCHE, 2005, p.79.

⁹⁷ NIETZSCHE, 2005, p.37.

⁹⁸ NIETZSCHE, 2005, p.37.

⁹⁹ MACHADO, 2005, p.11.

e, mais ainda, por todo o futuro”¹⁰⁰. Nietzsche chega à conclusão de que “a tragédia morre pela dissipação do espírito da música” e sendo assim “ela pode simplesmente poder nascer por intermédio do mesmo espírito”¹⁰¹. É nesta terceira ideia que encontramos o principal ponto de convergência com a *SI*: Nietzsche quer que a tragédia renasça, em seu período, a partir do músico Richard Wagner. A música alemã “deve ser entendida em sua poderosa marcha solar de Bach a Beethoven, de Beethoven a Wagner”¹⁰². Além destes músicos Nietzsche acreditava que havia uma nobre luta cultural também em Goethe, Schiller e Winckelmann¹⁰³. O caráter otimista de sua obra, quase em tom profético¹⁰⁴, afirmava: “acreditai na vida dionisiaca e na renascença da Tragédia! O tempo do homem socrático passou”¹⁰⁵.

Encaminhando-se para o fim da obra, Nietzsche criticou a história afirmando que

todos que se submetem a um exame severo se sentirão decompostos de tal forma pelo espírito crítico-histórico de nossa educação, que unicamente por caminhos eruditos, por abstrações mediadoras, poderão crer na existência do mito nos tempos antigos. Sem mito, porém, perde toda cultura sua força natural, sã e criadora, somente o horizonte rodeado por mitos torna unidade um movimento cultural inteiro¹⁰⁶

Entre outras coisas, o que Nietzsche quis em o *NT* foi “o renascimento do mito alemão!”¹⁰⁷. Ele continuou com esta proposta, como veremos adiante, quando escreveu a sua *SI*.

O *NT* foi uma obra muito criticada não só por outros filólogos e filósofos, o próprio Nietzsche escreveu algumas objeções a esta obra mais tarde. Em 1886, três anos antes de ter seu último trabalho publicado, ele escreveu um *Ensaio de*

¹⁰⁰ NIETZSCHE, 2005, p.82.

¹⁰¹ NIETZSCHE, 2005, p.86.

¹⁰² NIETZSCHE, 2005, p.105.

¹⁰³ NIETZSCHE, 2005, p. 107 e 108.

¹⁰⁴ Willamowitz-Möllendorff afirma sobre declarações deste caráter na obra que “Nietzsche não se apresenta como um pesquisador científico: sua sabedora, conseguida pela via da intuição, é exposta ora em um *raisonnement* [raciocínio] que só tem parentesco com o dos jornalistas”. (WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005a, p.56).

¹⁰⁵ NIETZSCHE, 2005, p.109.

¹⁰⁶ NIETZSCHE, 2005, p.119.

¹⁰⁷ NIETZSCHE, 2005, p.121.

uma Autocrítica, no qual a primeira reflexão de Nietzsche foi sobre a base daquele livro que

havia de ser uma questão de grande fascínio e relevo, além de muito pessoal, como indica o momento que foi escrito e, inobstante, independentemente no momento a respeito da qual foi escrito, durante o tumultuoso período da guerra franco-alemã nos anos de 1870 e 1871¹⁰⁸

Nietzsche participou de forma voluntária na guerra franco-prussiana como enfermeiro no *front*¹⁰⁹. Quando ele afirmou que o que o motivara a escrever o *NT* fora uma questão de grande fascínio e relevo, Safranski acredita que se tratou de que “Nietzsche vive o começo da guerra como irrupção do dionisíaco”¹¹⁰. Esta guerra em particular foi tão importante para o filósofo que este chegou a dizer que, em seu início, ele se encontrava nos Alpes, mas algumas semanas depois já se estava diante dos muros de Metz¹¹¹.

As críticas de Nietzsche a sua obra de estreia não se limitam à questão do fascínio com o qual a escreveu. Ele ainda afirmou que o *NT* fora uma “obra da mocidade”, “uma obra de principiante”, bem como um livro “denso, mal-escrito, incômodo, delirante, sentimental, aqui e acolá adocicado até o feminino, desigual no tempo, sem desejo para o ‘asseio’ lógico”¹¹². É no mínimo curioso aqui que ele reclame da sua falta de lógica, que seria evidentemente um elemento socrático. Inclusive ele escreve para Erwin Rohde logo após a publicação do *NT* uma carta sobre a primeira resenha, não publicada, que seu amigo fez sobre o livro. Para Nietzsche “há um desacordo entre os dois sobre a tática a adotar para dar conta do livro, pois considera mais eficaz deixar de fora da discussão o seu aspecto metafísico”¹¹³, ou seja, a questão do mito.

Nietzsche afirmou que era “lamentável que não disse, como poeta, aquilo que naquele tempo o fiz como prosador. Talvez o conseguisse! Ou, ao menos, como filólogo”¹¹⁴. É uma crítica aqui sobre a forma com que escolheu escrever sua obra. Em sua maturidade, Nietzsche viu Dionísio com outros olhos. O

¹⁰⁸ NIETZSCHE, 2005, p.13.

¹⁰⁹ Cf.: SAFRANSKI, 2001, p.58.

¹¹⁰ SAFRANSKI, 2001, p.58.

¹¹¹ NIETZSCHE, 2005, p.13.

¹¹² NIETZSCHE, 2005, p.15.

¹¹³ MACHADO, 2005, p.20.

¹¹⁴ NIETZSCHE, 2005, p.16.

Dionísio que era opositor de Sócrates no escrito do primeiro Nietzsche, virou opositor de cristo em sua terceira fase¹¹⁵. O Nietzsche maduro se arrependeu de não ter tentado resolver o problema da arte a partir dela mesma, mas a partir de critérios científicos e racionais, porém, tal erro fora sanado com sua escrita de *AZ* que, segundo Machado, “realiza o projeto nietzschiano de fazer a escrita atingir a perfeição da música”¹¹⁶.

Embora ele tivesse feito todos estes apontamentos, também teceu alguns elogios ao escrito. Uma questão fundamental da obra foi “a relação do grego com a dor”¹¹⁷, nela “só é justificada a existência do mundo como acontecimento estético”¹¹⁸. Nietzsche também fez elogios à obra no sentido de que ele inventou “uma doutrina e uma valorização fundamentalmente contrárias, puramente artísticas e anticristãs”¹¹⁹, e assim, essencialmente dionisíaca.

A publicação de o *NT* causou, como se sabe, problemas para a carreira de Nietzsche enquanto filólogo. Quando a obra foi publicada, ele já era professor universitário de filologia clássica. Com a polêmica em torno do escrito, “os universitários da Basileia fogem dele”¹²⁰; mas não foram só seus alunos que ficaram descontentes com o conteúdo desta obra, ela gerou uma polêmica que abordaremos a seguir.

Nietzsche escreveu, ainda antes da publicação de o *NT*, a Rohde. Na carta ele pedia sua opinião, pois temia que sua obra não fosse lida nem por filólogos, nem por músicos, nem por filósofos¹²¹. Quando o livro foi publicado, ele se preocupou com o silêncio de seus pares e, assim, escreveu para Friedrich Ritschl¹²². Ritschl não apoiou a obra de Nietzsche, pois discordava da relação feita entre “filologia, arte e filosofia”¹²³. Ele também considerou o *NT* “uma bobagem espirituosa”¹²⁴. Ritschl via sua disciplina assentada na ciência e discordava da proposta de Nietzsche de querer transformá-la em arte. Ele escreveu uma carta a

¹¹⁵ LEBRUN, 2000.

¹¹⁶ MACHADO, 1997, p.25.

¹¹⁷ NIETZSCHE, 2005, p.16.

¹¹⁸ NIETZSCHE, 2005, p.17.

¹¹⁹ NIETZSCHE, 2005, p.19.

¹²⁰ SAFRANSKI, 2001, p.73. Basileia é uma cidade na Suíça onde Nietzsche lecionava.

¹²¹ MACHADO, 2005, p.16-17.

¹²² Ritschl foi seu professor de filologia e o indicou para o cargo na universidade de Basileia. Era muito admirado por Nietzsche (SAFRANSKI, 2001, p.17).

¹²³ MACHADO, 2005, p.18.

¹²⁴ JANZ *apud* SAFRANSKI, 2001, p.73.

Nietzsche onde defendia “a interpretação histórica como o âmago da filologia. Postura que o leva a várias críticas de fundo a *O nascimento da tragédia*”¹²⁵.

Na carta mencionada acima havia quatro objeções ao escrito de Nietzsche: a) Ritschl não via a arte como única força libertadora; b) pensava que a salvação do mundo não vinha de um sistema filosófico; c) não considera que as forças espirituais do povo grego pudessem servir como modelo para outros povos e outros períodos; d) e, por fim, questionava se as reflexões de Nietzsche eram um fundamento para a educação da juventude ou apenas um desprezo pela ciência¹²⁶. É compreensível a posição de Ritschl acerca do escrito de Nietzsche, pois “ao longo do século XIX houve uma estreita relação entre o desenvolvimento de visões, métodos e práticas na história e na filologia”¹²⁷. E, sendo assim, a filologia era histórica, científica e metódica.

Ritschl foi o primeiro, mas não o único filólogo que desaprovou o trabalho de Nietzsche. Após a publicação de o *NT*, Rohde escreveu uma resenha sobre o livro de seu amigo. Ela foi recusada e ele escreve outra, mais detalhada, que desta vez foi aceita. Quatro dias após sua publicação é publicado um texto, com críticas dirigidas tanto a Rohde quanto a Nietzsche, pelo filólogo Ulrich von Willamowitz-Möllendorff¹²⁸. Com isso, de forma não surpreendente, Wagner¹²⁹ escreveu uma carta aberta em apoio a Nietzsche. A polêmica não parou por aí, pois Rohde publicou, após a carta de Wagner, uma réplica ao texto de Willamowitz-Möllendorff. A última publicação da polêmica é a segunda parte da *Filologia do futuro* de Willamowitz-Möllendorff. São as peculiaridades desta polêmica que desenvolveremos a seguir.

Rohde escreveu uma resenha sobre o livro de Nietzsche a revista de filologia *Litterarische Zentralblatt*, mas ela foi recusada¹³⁰. Nietzsche preocupa-se

¹²⁵ MACHADO, 2005, p.18.

¹²⁶ MACHADO, 2005, p.18.

¹²⁷ BROBJER, 2007, p.162. Tradução nossa de: “*throughout the nineteenth century there was a close relationship between the developments of views, methods, and practices in history and in classical philology*”.

¹²⁸ É importante ressaltar que ele era casado com a filha do historiador Theodor Mommsen, por quem Nietzsche não tinha muito apreço. Encontramos em um fragmento de 1872 uma crítica a Mommsen afirmando que ele faz História Romana “a partir da enjoativa relação do patético ponto de vista do partido” (tradução nossa). Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1872,19\[196\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1872,19[196]). Acesso em 14/03/2017.

¹²⁹ Wagner é exaltado em o *NT*. Para Nietzsche, ele seria o compositor que poderia elaborar um renascimento da tragédia na Alemanha, a partir da música.

¹³⁰ MACHADO, 2005, p.19.

com isso, sugerindo a Rohde que ele deveria, como já mencionamos acima, “deixar de fora da discussão o seu aspecto metafísico”¹³¹. Rohde discordava da posição de Nietzsche e considerava mais importante “a unificação do eu e do todo no mito”¹³².

No início da resenha Rohde afirmou que “o caminho da investigação é histórico, [...] um modo superior de consideração histórica”¹³³, o que foi uma síntese muito breve dos argumentos de Nietzsche em sua obra. Rohde reforçou os argumentos da importância do mito com afirmações como “a música dá à luz o *mito*”, a obra de arte superior “se apresenta a nós na *tragédia mítica*” e afirmou que Nietzsche fez “uma feliz associação das considerações estéticas e históricas”¹³⁴. Ele deu reforço à ideia de Nietzsche da criação de uma nova cultura para a Alemanha, afirmando que o povo foi despertado de um sono.

Com a primeira resenha recusada, Rohde escreveu uma nova a pedido de Nietzsche¹³⁵, mais longa e detalhada. Ele continuou como um defensor do conteúdo da obra, bem como de Wagner e de Schopenhauer. Segundo Rohde, o mundo dos mitos “podia iluminar toda a vida com muito mais clareza do que a sabedora de nossos pensamentos eruditos”¹³⁶.

Quatro dias após a publicação da segunda resenha apareceu a crítica de Willamowitz-Möllendorff. Nesta constava que Nietzsche, além de seguidor de Schopenhauer e Wagner, também era professor de filologia. O filólogo disse, em tom irônico: “Evidentemente, Aristóteles e Lessing não entenderam o drama. O senhor Nietzsche entendeu”¹³⁷. As críticas a Nietzsche como uma pessoa que via o dionisíaco como uma religião e um dogma estavam presentes ao longo da resenha. Willamowitz-Möllendorff seguiu seu texto apontando inúmeros erros filológicos cometidos por Nietzsche e disse que este fizera uma ofensa “à nossa mãe Pforta”¹³⁸ com tais equívocos. Para ele, Nietzsche agira com ignorância e

¹³¹ MACHADO, 2005, p. 20.

¹³² MACHADO, 2005, p. 21.

¹³³ ROHDE, In.: MACHADO, 2005a, p.35

¹³⁴ ROHDE, In.: MACHADO, 2005a, p.37-39.

¹³⁵ MACHADO, 2005, p. 21.

¹³⁶ ROHDE, In.: MACHADO, 2005b, p.49.

¹³⁷ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005a, p.57.

¹³⁸ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005a, p.62. Ambos estudaram no colégio.

falta de amor à verdade, e se o fizera no mundo dos sonhos, não haveria problema, mas que “desça da cátedra na qual deveria ensinar ciência”¹³⁹.

A próxima publicação acerca da obra é feita por Wagner, que primeiro abordou de forma breve sua formação em relação aos estudos gregos, para depois tecer suas críticas a Wilamowitz-Möllendorff. Ele afirmou que “todos os nossos artistas e poetas, passam muito bem sem a filologia¹⁴⁰ e com isso acabou fazendo com que Nietzsche fosse ainda mais depreciado no meio filológico, reforçando o argumento de Willamowitz-Möllendorff de que Nietzsche não fizera um trabalho sistemático. Ritschl chega a se manifestar sobre esta carta declarando que Wagner “não sabia nada de filologia, deveria ter ficado calado a esse respeito”. Ritschl disse sentir pena de Nietzsche, pois este “não encontra melhores armas contra o detestável panfleto de Wilamowitz”¹⁴¹.

Rohde tentou publicar uma carta a Richard Wagner, que, na verdade, era dirigida a Willamowitz-Möllendorff. Ela foi recusada pela editora. Nietzsche intercedeu a Ritschl acerca desta questão, mas seu ex-professor disse “não querer alimentar uma polêmica contra a filologia”¹⁴². Com isso, o texto de Rohde foi publicado por um editor de Wagner. Escrito com entonação agressiva, tinha a intenção de destruir os argumentos do texto de Willamowitz-Möllendorff¹⁴³.

Na carta Rohde afirmou que não iria mais retornar ao livro de Nietzsche, pois “quem quer que seja que esteja em condições de entender o livro será profundamente impregnado por essas qualidades, sem precisar do auxílio alheio”¹⁴⁴. Em sua opinião, apenas lendo algumas réplicas do doutor [Wilamowitz-Möllendorff] ao amigo [Nietzsche] já se perdia todas as esperanças, qualquer leitor bem informado e não pertencente à corporação dos filólogos perceberia como os apontamentos de Wilamowitz-Möllendorff são inferiores¹⁴⁵.

Para ele, o que escreveu Wilamowitz-Möllendorff, daria a seguinte impressão do livro de Nietzsche: “que um diletante da literatura de arte estaria transmitindo em seu livro, com a inocência de um completo ignorante, doutrinas erradas a respeito da Antigüidade” e que os aspectos que no livro de Nietzsche

¹³⁹ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005a, p.78.

¹⁴⁰ WAGNER, In.: MACHADO, 2005a, p.81.

¹⁴¹ MACHADO, 2005, p.27.

¹⁴² MACHADO, 2005, p.28.

¹⁴³ MACHADO, 2005, p.29.

¹⁴⁴ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p.87.

¹⁴⁵ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p.89-91.

poderiam conseguir “esclarecer os problemas difíceis de nossa ciência, parecerão indignos de atenção.”¹⁴⁶ É no mínimo curioso que Rohde fizesse críticas aos profissionais de sua área e, logo após, reivindicasse reconhecimento científico no campo. Ele ainda reduziu a filologia a um mero exercício de perspicácia e memória¹⁴⁷ e a considerou não “utilizável de modo prático”¹⁴⁸. Continuando suas críticas direcionadas a Willamowitz-Möllerndorff ele escreveu:

Em todo caso, posso contar com o que permaneceu do interesse filológico que lhe foi deixado por seu professor de Leipzig e alimentado com uma força cada vez maior pela nostalgia, sempre renovada nessa época bárbara. E, assim, tenho confiança de lhe dar uma resposta favorável quando convidado o senhor a fazer um passeio pela terra antiga, um tanto empoeirada e seca, da erudição filológica.¹⁴⁹

Rohde referiu-se a Leipzig, pois foi onde ele, Nietzsche e Willamowitz-Möllerndorff estudaram. O “professor de Leipzig” seria Ritschl. A menção a Ritschl na resenha chamou nossa atenção por dois motivos. Primeiro, porque este não apoiou o livro de Nietzsche. Segundo, pois, levando em consideração que Ritschl defendia a filologia enquanto ciência, acreditamos que o mesmo teria muito mais em comum com Willamowitz-Möllerndorff do que com Nietzsche.

A última publicação da polêmica foi feita por Willamowitz-Möllerndorff. Ele a denominou *Filologia do Futuro! – Segunda Parte!*. Sua resposta foi, novamente, a de um defensor contundente da ciência. Disse que faria uma “cavalgada pela terra árida e empoeirada da erudição filológica” e não pretendia ter como público pássaros dionisíacos, mas filólogos de verdade¹⁵⁰. Ele queixou-se da divulgação da resenha ou da carta de Rohde afirmando que “mandaram imprimir em bom papel o hino de E.R. e o enviaram anonimamente, de uma vila nas montanhas bávaras”¹⁵¹. Este escrito foi enviado, segundo o filólogo, a supostos amigos do grupo. Se isto realmente aconteceu, seria intrigante pensar que o escritor de Zaratustra, que em sua maturidade afirmou que “Zaratustra não

¹⁴⁶ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p. 91-92.

¹⁴⁷ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p.93.

¹⁴⁸ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p.125.

¹⁴⁹ ROHDE, In.: MACHADO, 2005c, p.99.

¹⁵⁰ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005b, p.129.

¹⁵¹ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005b, p.130.

deve ser pastor de um rebanho, nem cão do pastor!”¹⁵², estava tentando conseguir seguidores para suas ideias já em 1872.

Willamowitz-Möllendorff deixou claro em sua resenha que não se importava com as críticas dirigidas a ele, pois o debate científico nunca era levado para o campo pessoal. Também fez várias críticas a Rohde, pois este considerava “tudo o que seu amigo diz verdadeiro e belo, enquanto tudo o que eu digo é falso e ruim”¹⁵³. Assim, diferente de Willamowitz-Möllendorff, Rohde não estaria no campo de batalha da ciência. Ele e Nietzsche eram cultores de Wagner, e este era tido por ambos como um ídolo¹⁵⁴. Para Willamowitz-Möllendorff “o que Nietzsche e Rohde defendem são tolices de cérebros degenerados”¹⁵⁵. Com isso, terminou a polêmica pública acerca de o *NT*.

Como vimos, a filologia era uma ciência na qual Nietzsche tinha formação e onde exercia seu trabalho na Universidade da Basileia. Porém, Nietzsche não aceitava o caráter científico de sua profissão e tentou ser aceito em seu campo escrevendo e legitimando trabalhos com inclinações ficcionais e filosóficas. É interessante que a visão de Nietzsche enquanto filólogo e, simultaneamente, como crítico ferrenho à ciência filológica encontrou repercussão na contemporaneidade.

O grande linguista e crítico literário alemão Harald Weinrich, ao estudar o esquecimento em Nietzsche, refere-se ao *NT*, à *SI* e à *GM*. Ao concluir suas reflexões sobre este tema, ele divide Nietzsche em dois: o “filólogo Nietzsche”, a partir de suas primeiras obras supracitadas, e o “filósofo Nietzsche”, utilizando como parâmetro a *Genealogia da Moral*¹⁵⁶. Mesmo afirmando que os filólogos profissionais perceberam que Nietzsche “não se interessa pelo passado quanto pelo presente”, Weinrich o considerou seu *NT* uma “obra histórico-filológica”¹⁵⁷. Ainda hoje, as desqualificações de Nietzsche à filologia no campo científico são consideradas um trabalho filológico. Como já eram por Rohde e Wagner, como mostramos anteriormente.

¹⁵² NIETZSCHE, 2012, p.29.

¹⁵³ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005b, p.133.

¹⁵⁴ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, In.: MACHADO, 2005b, p.147.

¹⁵⁵ MACHADO, 2005, p.31.

¹⁵⁶ WEINRICH, 2001, p.184.

¹⁵⁷ WEINRICH, 2001, p.180.

Apenas dois anos após a publicação de o *NT*, Nietzsche escreve outra obra com argumentos muito semelhantes. Sua crítica agora não é mais referida ao campo filológico, mas ao campo historiográfico, como veremos a seguir.

1.2. A Segunda Intempestiva e a sua proposta de história

É essencial, em um estudo onde o tema são as concepções de história na obra de Nietzsche, passar pela sua *SI*. Ela já foi muito estudada dentro e fora do Brasil, suas ideias são conhecidas e discutidas por vários historiadores¹⁵⁸. Seu subtítulo, denominado *da utilidade e desvantagem da história para a vida*, já nos dá uma ideia prévia do propósito da escrita desta obra. A compreensão do lugar da história e da historiografia nos seus escritos de juventude será aqui, como já mencionamos, contraposto à análise das últimas publicações do filósofo.

Ao ler a obra notamos que ela foi marcada por vários conceitos importantes para a reflexão historiográfica¹⁵⁹ e já nas primeiras linhas Nietzsche evidenciou qual era, para ele, a função da história:

precisamos dela para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida ou da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim. Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la¹⁶⁰

Nesta obra, Nietzsche viu a historiografia a partir de três modelos: a História Monumental, a História Antiquária e a História Crítica. A proposta do autor de apontar as desvantagens e vantagens da história para a vida estava presente na descrição destes três tipos de história.

A História Monumental, para Nietzsche, seria aquela que age e aspira. Ela

diz respeito antes de tudo ao homem ativo e poderoso, ao homem que luta em uma grande batalha e que precisa de modelos, mestres, consoladores e que não permite que ele se encontre entre seus contemporâneos e no seu presente.¹⁶¹

A História Monumental seria útil quando servisse de modelo para os homens do presente. Em momentos de fraqueza, ela proporcionaria coragem. Isso seria possível quando, a partir dela, se presumisse que o que “foi possível uma vez

¹⁵⁸ BARROS (2010), CALDAS (2006), REIS (2011), etc.

¹⁵⁹ Por exemplo os conceitos de lembrança, esquecimento, sentido histórico, a-histórico, supra-histórico, força plástica, fenômeno histórico, etc.

¹⁶⁰ NIETZSCHE, 2003, p.5

¹⁶¹ NIETZSCHE, 2003, p.18.

[...] será algum dia possível novamente”¹⁶². A desvantagem desta concepção de história estaria em quando o homem, ao invés de utilizá-la como inspiração, prejudicar-se-ia por ela. Ela poderia fazer o que foi grande e poderoso no passado impedir o desenvolvimento da grandeza e do poder no presente e ter como lema: “deixem os mortos enterrarem os vivos”¹⁶³.

A História Antiquária seria, segundo o pensamento de Nietzsche, aquela que preserva e venera. Esta “cuida, com mão muito precavida, do que ainda existe de antigo, busca preservar as condições sob as quais surgiu para aqueles que virão depois dele”¹⁶⁴. Para o filósofo alemão, esta história serviria à vida, enquanto conectasse uma população a suas origens. Podemos perceber isso na passagem abaixo:

Como história poderia servir melhor à vida, a não ser se conectasse as gerações e as populações menos favorecidas à sua terra natal e aos hábitos de sua terra natal, enraizando-as e impedindo-as de vagar por aí em busca do que é melhor no estrangeiro e de se engajar em uma luta ferrenha por ele?¹⁶⁵

Nietzsche ainda chamou o apego à terra natal de “sentido histórico apropriado”. Faz críticas à busca de um povo por uma história cosmopolita¹⁶⁶. Como a História Monumental, a História Antiquária também tem suas desvantagens. O problema desta apareceria quando o novo fosse recusado e hostilizado e o antigo, venerado. Este momento se daria “quando a história serve de tal modo à vida quanto o sentido histórico não conserva mais a vida, mas a mumifica”¹⁶⁷.

Quando Nietzsche fez apologia às duas primeiras formas de história, ele usou como exemplo o poeta Goethe. Ele relacionou o poeta à História Monumental, mencionando uma carta onde Goethe afirmava não encontrar entre as pessoas de seu tempo “nenhuma natureza utilizável”. E a alusão a Goethe em

¹⁶² NIETZSCHE, 2003, p.20.

¹⁶³ NIETZSCHE, 2003, p.24.

¹⁶⁴ NIETZSCHE, 2003, p.25.

¹⁶⁵ NIETZSCHE, 2003, p.27.

¹⁶⁶ Acreditamos tratar-se aqui de uma crítica a propostas como a do filósofo Immanuel Kant e seu texto *Ideia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita*. Nietzsche fazia duras críticas a Kant, bem como a qualquer tentativa de universalismo. Mesmo não citando Kant nominalmente, é plausível interpretar que as críticas neste momento do texto são dirigidas ao filósofo de *Königsberg*.

¹⁶⁷ NIETZSCHE, 2003, p.28.

relação à História Antiquária acontece para legitimar a importância do passado: o poeta teria estado em frente a um monumento de Erwin Steinbach e afirmado que foi o momento em que viu “a obra de arte alemã pela primeira vez novamente”¹⁶⁸. Goethe foi, na *SI*, um dos exemplos de grandes homens que se guiaram de forma correta a partir do passado. Na impossibilidade de encontrar inspirações em seu tempo, recorreu ao passado para encontrar exemplos dignos de inspiração. Como visto até aqui, a História Monumental e a História Antiquária poderiam servir à vida, mas também poderiam se apresentar como um perigo a mesma. Levando isso em consideração, Nietzsche afirmou que precisaríamos “muito freqüentemente de um *terceiro* modo, o modo *crítico*: e, em verdade, este também uma vez mais a serviço da vida”¹⁶⁹.

A História Crítica, para Nietzsche, precisaria “explodir” e “dissolver”, ela “traz o passado diante do tribunal”. Não era a justiça, nem a misericórdia, que se encontrava em julgamento para o filósofo, mas a vida. Essa história tinha um caráter perigoso, pois “homens e épocas, que servem desta maneira à vida, ao julgarem e aniquilarem o passado, são sempre homens e épocas perigosos e arriscados”¹⁷⁰.

Seriam estes, para Nietzsche, “os serviços que a história pode prestar à vida”¹⁷¹. Mesmo assim, os temas abordados na obra estavam longe de se esgotarem nessa tipologia. Foram inúmeras as menções, neste livro, a seu presente quando ele utilizou termos como: “nosso tempo”, “nossa época”, “homem moderno”, “cultura moderna”, “nós alemães do presente” e “europeu super-orgulhoso do século XIX”, etc.

A partir deste conjunto de termos, pressupomos que Nietzsche dirige a *SI* para pessoas específicas: seus contemporâneos alemães¹⁷². É importante aqui pensar sobre o termo, traduzido como “Intempestiva” (*unzeitgemäss*). “*zeitgemäss*” é a palavra em alemão para o que acompanha o tempo, o que é atual e moderno. “*Un*” é um prefixo de negação. Sendo assim, considerações intempestivas em Nietzsche tinham como objetivo discordar de certas ideias do

¹⁶⁸ NIETZSCHE, 2003, p.26.

¹⁶⁹ NIETZSCHE, 2003, p.29.

¹⁷⁰ NIETZSCHE, 2003, p.30.

¹⁷¹ NIETZSCHE, 2003, p.31.

¹⁷² Tanto aqui, quando em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche fala aos homens, em especiais os alemães, de seu tempo.

mundo atual desde uma perspectiva adquirida junto a outra sensibilidade, própria de outras épocas, tratando-se de um exercício ou ensaio com intenções críticas. O próprio Nietzsche confirmou isso quando disse que a intenção dele com esse escrito era “ser publicamente instruído e alcançar uma posição correta sobre a nossa época”¹⁷³. Para ele a *SI*, pois tenta compreender “pela primeira vez, algo que a época está com razão orgulhosa – sua formação histórica como prejuízo, rompimento e deficiência da época”¹⁷⁴.

Outro tema que Nietzsche dedicou atenção especial neste texto foi o esquecimento. Weinrich considera a abordagem do esquecimento por Nietzsche como uma arte, a “arte do esquecimento”¹⁷⁵. Nietzsche criou um breve diálogo para abordar a questão da lembrança e do esquecimento onde escreveu:

O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não me falas sobre tua felicidade e apenas me observas? O animal quer também responder e falar, isso se deve ao fato de que sempre esquece o que queria dizer, mas também já esqueceu esta resposta e silencia: de tal modo que o homem se admira disso.¹⁷⁶

O filósofo introduziu assim o tema do excesso de história, defendendo que seria possível viver quase sem lembrança, mas impossível viver sem esquecimento. Weinrich contrapõe o filósofo aos historiadores do XIX, que cultivam um excesso de memória, pois

a história, e isso é a história transformada em arte e ciência, dos começos até a atualidade, que com a multiplicação de seus conhecimentos, mas também pelo seu mero avanço no tempo, cresce com sempre maior complexidade e se deita como uma massa onerosa sobre a memória do ser humano de formação histórica, até que este, de tanta carga de lembranças, perde a possibilidade de viver e agir¹⁷⁷

Há quem pense diferente sobre a necessidade do esquecimento para a vida e o excesso de história das nossas sociedades. O filósofo alemão Hermann Lübbe, assim como Nietzsche, via como essencial o “inevitável dever de memória” em

¹⁷³ NIETZSCHE, 2003, p.6.

¹⁷⁴ NIETZSCHE, 2003, p.6. É curioso que Nietzsche considere-se a primeira pessoa a tentar entender sua época, sendo que dentre suas influências há contemporâneos seus. Podemos citar, por exemplo, Schopeunhauer e Wagner.

¹⁷⁵ WEINRICH, 2001, p.180.

¹⁷⁶ NIETZSCHE, 2003, p.7.

¹⁷⁷ WEINRICH, 2001, p.180.

conciliação com “o alívio psíquico produzido pelo esquecimento”¹⁷⁸. Mas este discordava da concepção de febre histórica de Nietzsche, ou seja, de que haveria um excesso de história na modernidade, assim como destoava da supervalorização de Nietzsche no que tange o esquecimento. Para Lübbe, os efeitos da consciência histórica e da “personalização histórico-científica da memória, em nossa civilização moderna [...] não resultaram em perda de vitalidade cultural”. Mesmo que existisse na modernidade uma intensa presentificação do passado, isso não comprometeria a capacidade de inovação da nossa sociedade, como Nietzsche sugeria no XIX¹⁷⁹.

Nietzsche, como vários outros intelectuais do século XIX, foi lido por seus contemporâneos, como também os leu. Já mencionamos alguns destes eruditos no tópico anterior, mas daremos atenção especial aqui aos historiadores de seu período¹⁸⁰. A *SI* foi escrita como uma crítica ao modo como a história estava sendo pensada e escrita na Alemanha contemporânea. Por que a questão da história era tão importante para Nietzsche, a ponto de ele escrever a *SI* unicamente para tratar de tal tema? Cremos que parte da resposta é a Unificação da Alemanha (1871), a qual nos referimos no início deste capítulo. Podemos entender isto com mais clareza quando nos deparamos, no livro, com suas alegações em relação ao conhecimento produzido por historiadores acerca da unificação:

aqui deve constar expressamente o meu testemunho, que é a *unidade alemã* neste sentido supremo que nós almejamos, e a almejamos mais ardentemente do que a reunificação política: *a unidade do espírito e da vida alemães depois da aniquilação e da oposição entre forma e conteúdo, entre interioridade e convenção.*¹⁸¹

A unificação, tardia se comparada a outros países europeus, trouxe a necessidade de se pensar uma história comum, nacional, para o povo alemão. Com isso, foi elementar a participação dos historiadores para se pensar a nação e

¹⁷⁸ LÜBBE, 2016, p.287.

¹⁷⁹ LÜBBE, 2016, p.288.

¹⁸⁰ Dentre os inúmeros historiadores que Nietzsche leu e eram seus contemporâneos estão: Mommsen, Niebuhr, Droysen, Burckhardt, Grote, Gibbon, Sybel, Ranke, Brochard, Buckle, Carlyle, Gervinus, Herder, Lobeck, Michelet e Treitschke (BROBJER, 2004, p.312).

¹⁸¹ NIETZSCHE, 2003, p.40.

houve “a convergência entre o desenvolvimento da ciência histórica alemã e o processo de unificação política”¹⁸².

Esta dualidade acabou fazendo com que alguns historiadores pensassem politicamente¹⁸³ acerca de sua época, o que não agradou a Nietzsche. Encontramos incontáveis críticas aos historiadores e à ciência histórica da época sobre essa questão na *SI*. Dentre elas, temos menções aos “adoradores do processo”, à “ciência pura”, ao “conhecimento puro”, à “pura fonte de conhecimento”, à “ciência do vir-a-ser universal”, à “pura objetividade”, à “história como algo neutro”, aos “homens historicamente neutros”, ao “demônio do conhecimento”, aos “homens de partido disfarçado”, aos “historiadores ingênuos”, à “objetividade” etc. Quando ele se volta para o período que denomina “nosso tempo” questiona-se, sobre a vida e a história, se “um astro poderoso e inimigo se intrometeu entre elas?”¹⁸⁴. O inimigo aqui mencionado por Nietzsche seria a ciência histórica, portadora de premissas metodológicas desenvolvidas por historiadores dos séculos XVIII e XIX como as “fontes inesgotáveis”, por meio das quais a “memória abre todas as suas portas”¹⁸⁵.

Não subscrevemos todas as críticas de Nietzsche aos historiadores e a ciência histórica da época. Neste sentido, gostaríamos de discorrer brevemente sobre os historiadores alemães do século XIX. Primeiro seria relevante deixar claro que os historiadores do século XIX, muitas vezes, de forma equivocada, são agrupados mecanicamente, como se constituíssem uma unidade harmônica e homogênea. Quando deixamos estas simplificações de lado, podemos perceber o quão diverso, plural e conflitante se caracterizava esse grupo: a rede de historiadores alemães era altamente complexa. O historiador Julio Benvoglio, por exemplo, sublinha a “existência de diferentes *escolas históricas* – ou movimentos – em solo alemão durante o oitocentos”¹⁸⁶. Dentro desta rede havia, porém, um historiador em específico que desagradava a Nietzsche, Leopold von

¹⁸² BENTIVOGLIO, 2010, p.23.

¹⁸³ A intenção de pensar a história relacionada à política não foi predominante no século XIX. A atuação político-jornalista de Leopold von Ranke, por exemplo, acabou causando incompreensões junto a amigos e ele acabou chegando à conclusão de que esta não correspondia à sua real vocação. Cf.: MATA, 2010.

¹⁸⁴ NIETZSCHE, 2003, p.32.

¹⁸⁵ NIETZSCHE, 2003, p.33.

¹⁸⁶ BENTIVOGLIO, 2010, p.21. Benvoglio faz menção a escola Rankeana e Humboldtiana, escola de Niebuhr, escola filológica de Böckh e de Grimm, escola romântica de Goethe e Novalis, escola histórica do Direito de von Savigny e a Escola Histórica prussiana (p.33).

Ranke. Ranke foi alvo das críticas do filósofo durante toda a sua vida. Voltaremos a isso no tópico seguinte, porém queremos aqui mencionar apenas um famoso trecho do prólogo de suas *Histórias dos povos Latinos e Germânicos*, onde Ranke afirma que:

Todas essas histórias das nações latinas e germânicas e as demais que com elas se relacionam aspiram a ser compreendidas em sua unidade pelo presente livro. Tem se dito que a história tem por missão julgar o passado e instruir ao presente em benefício do futuro. Missão ambiciosa, é verdade, que este nosso ensaio não arroga. Nossa pretensão é mais modesta: tratamos, simplesmente, de expor como ocorreram, na realidade, as coisas¹⁸⁷

Quando o historiador afirma “tem se dito que a história tem por missão julgar o passado e instruir ao presente em benefício do futuro”, ele está fazendo uma crítica a duas concepções de história: a *Historia magistra vitae* e a visão de progresso das Filosofias da História. Não querendo nem julgar o passado, nem prever o futuro, Ranke afirma que apenas quer, de maneira modesta, mostrar “como ocorreram, na realidade, as coisas”¹⁸⁸.

Apresentando este trecho de Ranke pretendemos demonstrar que, ao menos ele, entre os historiadores, não parece pretender escrever “a história como algo neutro”¹⁸⁹ e “uma máscara corretamente objetiva”¹⁹⁰. Também notamos isso ao ler seu texto sobre *O conceito de História Universal* onde ele define história como ciência, enquanto se aproxima da filosofia, e também como arte, por sua proximidade da poesia¹⁹¹. Ele ainda ressalta que a diferença entre ambas e a história é que a última não pode prescindir o real. Porém, Nietzsche via o famoso historiador de forma depreciativa. Fazendo uma pesquisa nas *eKGBW* presentes

¹⁸⁷ RANKE, 1986, p.38. Tradução nossa de: “*Todas estas historias de las naciones latinas y germánicas y las demás que con ellas se relacionan aspiran a ser comprendidas en su unidad por el presente libro. Se ha dicho que la historia tiene por su misión enjuiciar el pasado e instruir al presente em beneficio del futuro. Misión ambiciosa, en verdad, que este ensayo nuestro no se arroga. Nuestra pretensión, es más modesta: tratamos, simplemente, de exponer cómo ocurrieron, em realidad, las cosas*”.

¹⁸⁸ Para Jörn Rüsen o que Ranke fez aqui foi “a relação entre os historiadores e a experiência do passado, dada no material das fontes” (2011, p.103) e para Estevão Martins a “formulação de Ranke demonstra que a elaboração teórica do historicismo não se concentrava na construção de quadros de referência explícitos de interpretação histórica, mas no destaque da especialização [...] através [...] do estudo rigoroso das fontes” (2004, p.6).

¹⁸⁹ NIETZSCHE, 2005, p.46.

¹⁹⁰ NIETZSCHE, 2005, p.51.

¹⁹¹ RANKE, 2010, p.202.

no site *Nietzsche Source*, encontramos 15 menções diretas a Ranke, alvo de críticas de Nietzsche. As reprovações a Ranke se assemelham às que Nietzsche faz aos historiadores quando não os menciona nominalmente. Como em a *GM*, onde qualifica Ranke como “clássico *advocatus* de toda a *causa fortior* [causa mais forte], esse mais que prudente entre todos os prudentes ‘homens positivos’”¹⁹².

Ranke e os demais historiadores do século XIX não estavam buscando a neutralidade e a objetividade como elementos inquestionáveis. Eles estavam iniciando o estudo do que o historiador Estevão Martins denominou a condição de construção da plausibilidade discursiva, que é o conjunto de três elementos:

(a) a qualidade dos dados colhidos na documentação que corresponda ao período, ao episódio, à seqüência de acontecimentos que se quer conhecer, descrever, entender, explicar; (b) os padrões metódicos do exame dos dados; (c) a qualidade discursiva do texto historiográfico¹⁹³

Os historiadores não buscavam a verdade única, mas, como os historiadores que reconhecem a cientificidade da história na atualidade, uma “verdade como certeza provável”¹⁹⁴.

O historiador Gerhard Ritter (1888-1967), ao expressar suas considerações acerca da *SI*, critica a filosofia vitalista exposta na obra, que Nietzsche descreve como pertencente a personalidades fortes. Ritter expressa a objetividade e a arte de forma conjunta na prática do historiador:

A verdadeira história é essencialmente tarefa do artista criador que sabe configurar com ela uma unidade dramática, tarefa do dramaturgo que “pensa objetivamente a história”, tomando a totalidade dos isolados e que “coloca uma unidade de plano em coisas” embora que elas não existiam.¹⁹⁵

¹⁹² NIETZSCHE, 2009, p.119.

¹⁹³ MARTINS, 2009, p.13.

¹⁹⁴ MARTINS, 2009, p.24.

¹⁹⁵ RITTER, 1972, p.149. Tradução nossa de: “*La verdadera historia es esencialmente tarea del artista creador que sabe configurar con ella una dramática unidad, tarea del dramaturgo que << piensa objetivamente lá História >>, haciendo de aislado a una totalidad y que << coloca en las cosas una unidad de plan >> aunque em ellas no existia.*”

Nietzsche foi um grande crítico do modo como a história da Alemanha unificada estava sendo construída, pois ele tinha outra proposta para a historiografia alemã, contrária à escrita da história como ciência. Podemos notar essa intenção claramente nos trechos sobre a História Monumental:

Enquanto a alma da historiografia residir nos grandes *estímulos* que um homem poderoso retira dela, enquanto o passado precisar ser descrito como digno de imitação, como imitável e como possível uma segunda vez, aquela alma estará em todo caso correndo o risco de se tornar algo distorcido, embelezado e, com isso, próximo da invenção poética; sim, há tempos que não conseguem estabelecer distinção nenhuma entre um passado monumental e uma força mítica: pois de um mundo podem ser extraídos exatamente os mesmos estímulos que os outros.¹⁹⁶

O trecho acima nos diz muito do que Nietzsche propõe com a *SI*, especificamente quando o autor descreveu a História Monumental. Dá-nos a visão de Nietzsche acerca dos historiadores para o filósofo eles pensavam a história como uma investigação científica, sua crítica era voltada para a “própria idéia de verdade considerada como um ‘valor superior’, como ideal; uma crítica, portanto, ao próprio projeto epistemológico”¹⁹⁷. Para Nietzsche a ciência não era detentora da verdade, ele via esta como algo complexo e com várias camadas. Segundo ele, o passado não teria que ser “puro conhecimento”, mas sim dominado por “pulsões vitais”¹⁹⁸.

Ao fazer críticas à objetividade da história, Nietzsche na verdade se juntava ao coro de outros importantes historiadores da época, como Sybel, Treitschke e Droysen (que se opunha frontalmente à “objetividade eunuca”)¹⁹⁹.

¹⁹⁶ NIETZSCHE, 2003, p.18.

¹⁹⁷ MACHADO, 1999, p.7.

¹⁹⁸ NIETZSCHE, 2003, p.27.

¹⁹⁹ Trecho de Droysen comentando sobre a objetividade: “Entre nós a parcialidade é motivo de acusação quando alguém escreve sobre coisas alemãs pensando de maneira alemã, austríaca ou prussiana [...]. Eu considero este modo de uma objetividade eunuca, e se a imparcialidade e a verdade históricas consistem neste modo de observar as coisas, então os melhores historiadores são os piores, e os piores, os melhores. Eu não quero mais do que deixar à mostra a verdade relativa de meu ponto de vista; mas também que não desejo menos do que isso. Quero mostrar como minha pátria, minhas convicções religiosas e políticas e meu tempo me permitiram tê-lo. O historiador precisa ter a coragem de admitir tais limitações, pois o limitado e o específico valem mais e são mais ricos do que o geral. A imparcialidade objetiva, como Wachsmuth recomenda em sua teoria da história, é desumana. Humano é, na verdade, ser parcial” (DROYSEN *apud* CALDAS, 2006, p.98).

Para Nietzsche, a objetividade “não passa de superstição”²⁰⁰, ela era vista como uma mitologia igual a todas as outras formas de história, mas, neste caso, uma “mitologia muito ruim”²⁰¹, pois esqueceria o momento forte e espontâneo da criação do artista, que resultaria em “uma pintura artisticamente verdadeira e não historicamente verdadeira”²⁰². Nietzsche afirmou que “dever-se-ia pensar uma historiografia que não tivesse em si nenhuma gota da verdade empírica comum e que pudesse requisitar o predicado da objetividade no grau mais elevado”²⁰³. Ele apostava na história enquanto uma “potência artística”²⁰⁴.

A intenção de Nietzsche, ao escrever este livro, foi propor uma escrita da história que construísse um mito, um herói sem intenção de produzir uma verdade a partir da razão, ou seja, uma História Mítica. Ele nos disse com caráter imperativo: “Saciai vossas almas com Plutarco e ousai acreditar em nós mesmos, acreditando ao mesmo tempo em vossos heróis”²⁰⁵. O filósofo estava sempre apostando, nesta obra, na história para a vida, com um “invólucro ilusório”, “dominada não pelo saber, mas pelos instintos e pelas poderosas imagens ilusórias”²⁰⁶.

Nossa principal intenção em abordar o *NT* foi mostrar como Nietzsche defendia um renascimento do mito para a sociedade alemã. Este era o maior ponto de convergência desta obra com a *SI*. Para o filósofo, “só como fenômeno artístico são justificados *in aeternum* a existência e o mundo” e “toda a nossa sabedoria artística é, no fundo, uma grande ilusão”²⁰⁷. Haveria em Nietzsche uma continuidade entre as duas obras que culminam em um mesmo projeto de história: a sua ideia de uma História Mítica.

²⁰⁰ NIETZSCHE, 2003, p.52.

²⁰¹ NIETZSCHE, 2003, p.52.

²⁰² NIETZSCHE, 2003, p.52.

²⁰³ NIETZSCHE, 2003, p.53.

²⁰⁴ NIETZSCHE, 2003, p.55.

²⁰⁵ NIETZSCHE, 2003, p.58.

²⁰⁶ NIETZSCHE, 2003, p.61.

²⁰⁷ NIETZSCHE, 2005, p.44.

2. Ranke, Burckhardt e Treitschke

2.1 A Modernidade

Quando nos propomos ao estudo de Nietzsche nesta dissertação, temos a intenção, como já demonstramos na introdução, de ver Nietzsche como um sujeito do século XIX. Assim, suas críticas à sociedade, a nosso ver, só puderam acontecer porque o filósofo estava inteiramente inserido nela. Temos indicações claras disso quando Nietzsche escreveu a *SI* “contra o tempo, e com isso, no tempo, e [...] em favor de um tempo vindouro”²⁰⁸.

Existem várias formas de dividir a história e é importante ter consciência disso²⁰⁹. Concordamos com a visão que afirma que ainda vivemos na modernidade e que Nietzsche também viveu neste período. Com este entendimento preliminar, discutimos, então, o que constitui o período moderno.

Para admitirmos o surgimento de uma modernidade e sua continuidade até os dias atuais, necessitamos de algo que a diferencie dos períodos anteriores, a antiguidade e o medievo. Uma das pessoas que reflete sobre esta mudança é, segundo Faubian, Max Weber:

Weber descobre o limiar existencial da modernidade numa certa desconstrução: daquilo a que se refere como o “postulado ético de que o mundo é governado por Deus, e é portanto um cosmos que, de alguma forma, possui um significado e é eticamente orientado...”²¹⁰

Sendo assim, o mundo que antes era regido pela religião ou pela magia, na modernidade sofre um desencantamento, ou, num dizer mais literal, ocorre uma desmagificação do mundo ocidental²¹¹. Há a predominância do pensamento racional e científico na modernidade, porém, junto a ele, podem coexistir outras formas de pensamento, inclusive o religioso e o mágico supracitados. Acontece “o

²⁰⁸ NIETZSCHE, 2003, p.7.

²⁰⁹ A partir da tradição francesa, as escolas de ensino fundamental e médio no Brasil adotam a divisão quadripartite da história de considerar que existem: A Idade Antiga, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea (PORTO, 2007). Também há discussões sobre a possibilidade da existência, ao invés de uma História Contemporânea, de uma Pós-Modernidade (ANKERSMIT, 2001; ZAGORIN; 2001). E ainda, dentre as incontáveis divisões conceituais que existem na história, os que consideram ainda viverem na modernidade.

²¹⁰ FAUBIAN *apud* EISENSTADT, 2001, p.141.

²¹¹ CARDOSO, 2014, p.108.

‘desencantamento’ do mundo, inerente à crescente rotinização e burocratização”²¹². O Ocidente torna-se múltiplo. As forças dionisíaca e apolínea de Nietzsche são uma das representações do pensamento plural da modernidade.

O pluralismo é positivo em vários sentidos, Odo Marquard enfatiza o quão salutar é encontrar-se com pessoas que têm um pensamento oposto para o desenvolvimento de ideias²¹³. Ele também afirma que o pluralismo não é uma posição absoluta, “pois não é possível absolutizar a posição de que não há posição absoluta”²¹⁴. Uma característica importante do período moderno em sua fase mais recente foi o questionamento, a desqualificação e a crítica das filosofias das filosofias da história. Pois isso possibilitou um pluralismo de histórias. Este pluralismo levou a um efeito de liberdade²¹⁵.

Para Luckmann e Berger mesmo que houvesse diferentes formas de vida nas sociedades não modernas, elas “ainda estavam referidas a uma ordem comum de valores, e a interação entre as comunidades de vida permanecia limitada e severamente regulamentada”²¹⁶. Mesmo em comunidades sem essa ordem comum de valores, como o Império Romano, os pontos de vista econômico e político apresentavam um caráter social de ordenação²¹⁷. Na sociedade global os grupos não são mais separados espacialmente entre si, o que causa, em certos casos, “entrechoques de diferentes ordens de valores e concepções de mundo”. Estes entrechoques, provenientes de uma sociedade pluralista e moderna, acabam ocasionando crises de sentido²¹⁸. Quanto mais moderna uma sociedade é, menores são as ordens de valores e as reservas de sentido comuns²¹⁹.

Nietzsche apontou certo desencantamento do mundo, somado a uma crise de sentido, a partir do cristianismo em sua contemporaneidade. Foi, pela primeira vez, em *GC* que ele afirmou: ““Para onde foi Deus?” [...] *Nós o matamos*”²²⁰. A morte de Deus resultou, para Nietzsche, no que ele denominou em *AZ* como o último homem:

²¹² EISENSTADT, 2001, p.145

²¹³ MARQUARD, 2006, p. 132.

²¹⁴ MARQUARD, 2006, 134. *Tradução nossa de: “pues no es posible absolutizar la posición de que no hay una posición absoluta”.*

²¹⁵ MARQUARD, 2006, p.136.

²¹⁶ EISENSTADT, 2001, p.37.

²¹⁷ EISENSTADT, p.37.

²¹⁸ EISENSTADT, p.38.

²¹⁹ EISENSTADT, p.39.

²²⁰ NIETZSCHE, 2012a, p.137.

A terra se tornará então pequena, e sobre ela andarão aos saltos o último homem, que torna tudo pequeno. Sua espécie é indestrutível como a do pulgão. O último homem será o que viver mais tempo. [...] Abandonam as regiões onde a vida era dura porque precisam de calor. Ainda amam o vizinho e se encostam nele porque uma pessoa necessita de calor.²²¹

A resposta positiva de Nietzsche foi elaborada na mesma obra a partir do conceito de *Übermensch*, o “[...] super-homem é o contrário do último homem”²²².

A ideia de Nietzsche de uma morte de Deus não se concretizou em nossa sociedade até os dias atuais. Apesar de certa diminuição da influência da religião em certos setores da sociedade, por causa da convivência da mesma com outras formas de orientação, esta não desapareceu por completo. Parece mais correta a concepção de que surgem, na modernidade, “comunidades subculturais” que podem resguardar o indivíduo de “crises intransponíveis de sentido”²²³. Inclusive, para Luckmann e Berger, o “despedaçamento da ordem universal de sentido” teve como principal causa o “reco da religião”²²⁴. Mas, mesmo com as crises de sentido, o pluralismo da modernidade e o afastamento da religião foram positivos no sentido em que o pluralismo atuou como resposta às guerras civis confessionais²²⁵.

O sociólogo israelense Eisenstadt defende para este período a concepção de Modernidades Múltiplas. Para ele, esta é “a melhor forma de compreender o mundo contemporâneo – e explicar a história da modernidade”²²⁶. É importante notar que ele usa o conceito no plural, pois considera que elas não são nem idênticas, nem estáticas. Reconhece “múltiplos padrões institucionais e ideológicos” e, inclusive, não considera modernidade como sinônimo de ocidentalização. Mesmo que a era moderna tenha sua origem no ocidente, “muitos dos movimentos que se desenvolveram em sociedades não ocidentais articularam fortes temas anti-ocidente, ou mesmo antimodernos; no entanto, todos eles eram

²²¹ NIETZSCHE, 2012b, p.25.

²²² MACHADO, 1997, p.55.

²²³ LUCKMANN; BERGER, 2004, p.42.

²²⁴ LUCKMANN; BERGER, 2004, p.46.

²²⁵ MARQUARD, 2006, p.134.

²²⁶ EISENSTADT, 2001, p.139.

distintamente modernos”²²⁷. Inclusive os vários movimentos denominados pós-modernos e antimodernos acabam construindo-se a partir de um discurso com características modernas, sendo um espelho da modernidade²²⁸.

No campo político, o programa moderno apresentou uma concepção de transformações radicais. Temas como igualdade, liberdade e justiça tornaram-se “componentes centrais do projecto moderno da emancipação do homem”²²⁹. Para Eisenstadt, foram vários os movimentos desenvolvidos nos séculos XIX e XX, dentre eles é citado o liberal e o socialista/comunista, seguidos pelos nacionalista e nacional-socialista²³⁰. Podemos identificar na intenção de abarcar as massas, dos movimentos socialista e comunista, um alvo da crítica de Nietzsche à modernidade.

O filósofo iniciou muito cedo sua rejeição a uma tradição de pensamento que ele denominava como socrática. O problema de Sócrates, para Nietzsche, não se limitou a ter deixado o legado de um pensamento científico, lógico e racional. Sua tradição, incorporada pelo seu discípulo Platão, ainda criou a Teoria das Formas. Nesta, Platão considerava a existência de um Mundo das Ideias e um Mundo Sensível. O Mundo das Ideias seria o mundo metafísico onde todas as formas estariam presentes. O Mundo Sensível seria o mundo real, apenas uma cópia de formas perfeitas. A Teoria das Formas de Platão foi incorporada pelo Cristianismo, como Nietzsche afirmou no prólogo de *BM*: “o Cristianismo é um platonismo para o ‘povo’”²³¹. O que faria do cristianismo outro movimento de massas, como o movimento socialista/comunista do século XIX.

Em sua obra *GM*, o filósofo desenvolveu o conceito de *moral dos escravos* a fim de descrever e criticar o cristianismo e qualquer movimento de massas. Em contraposição a este, Nietzsche descreveu o conceito de *moral do senhor*. Este conceito defendia o nobre, o aristocrático, o que produz a vida de forma autônoma. Podemos notar, a partir de Nietzsche, a diferença dos conceitos:

“nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de

²²⁷ EISENSTADT, 2001, p.140.

²²⁸ EISENSTADT, 2001, p.153.

²²⁹ EISENSTADT, 2001, p.142.

²³⁰ EISENSTADT, 2001, p. 146.

²³¹ NIETZSCHE, 2005, p.8.

“espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento” que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo”, transmutar-se finalmente em “ruim”.²³²

Foi a aposta de Nietzsche no indivíduo que fez o filósofo desenvolver o conceito de *Übermensch*. A proposta de Nietzsche era que cada indivíduo produzisse a vida por si mesmo e não submetido a uma moral.

Tivemos a intenção de abordar aqui o período moderno como plural e múltiplo, e, apesar de já existir pluralismo antes da modernidade, ele não estava presente com esta enorme abrangência e rapidez²³³. Um período também que abarca várias opiniões e formas de interpretações, inclusive as de Nietzsche, que foi um grande crítico do período moderno sem, com isso, romper com a modernidade.

2.2 Leopold von Ranke o Historicismo

Quando encontramos explicações sobre as críticas de Nietzsche a escrita da história do século XIX, elas se exprimem em geral na forma de críticas vinculadas ao historicismo. Temos como exemplo as afirmações: “Ao historicismo, de que tanto se orgulha o século XIX marcado pelo hegelianismo, Nietzsche opõe o modelo grego”²³⁴ ou que as críticas de Nietzsche na *SI* são direcionadas para “o historicismo, a concepção de história como ciência, [...] cuja ordem é determinada por leis positivas que o historiador descreve objetivamente através de uma perspectiva axiologicamente neutra, como convém o cientista natural”²³⁵. Segundo o historiador Gerhard Ritter Nietzsche parecia não entender que os historiadores não estavam interessados em produzir uma ciência imutável, mas sim

[...] a interpretação científica do sentido se alça por cima da arbitrariedade e do preconceito enquanto se sujeita a si mesma

²³² NIETZSCHE, 2009, p.18.

²³³ LUCKMANN; BERGER, 2004, p.50.

²³⁴ MARTON, 2014, p.37.

²³⁵ GIACÓIA JÚNIOR. *In.*: MALERBA, 2013, p.80.

uma prova inexorável; a objetividade científica, a verdade objetiva só é alcançada onde a intenção da interpretação se ampara nos dados imediatos e indubitáveis da experiência real, o que para o historiador significa amparar-se na realidade indubitável de suas fontes que deve ser compreensível mediante a tentativa de interpretação científica.²³⁶

Gostaríamos de utilizar estas duas afirmações como ponto de partida para uma problematização da relação de Nietzsche com a história, os historiadores do século XIX e o conceito de historicismo. Quando Nietzsche elaborava suas críticas aos historiadores e ao conhecimento histórico de seu período em sua *SI*, por vezes o filósofo relacionava a sua crítica a filosofia da história proposta por Hegel, que é apenas uma maneira de interpretar a história. Quando olhamos para a pluralidade de pensamentos entre os historiadores do século XIX, podemos notar que não era unânime a aderência às ideias de Hegel. Quando se tratava da continuidade do processo histórico, por exemplo, o raciocínio de Droysen recebeu a influência de Hegel, diferente de Burckhardt e Ranke, descrentes da visão de progresso presente no pensamento sobre a história²³⁷ que Nietzsche tanto criticava. Ou seja, apesar das influências de Hegel em alguns dos historiadores do período e de Nietzsche por vezes expor a história na *SI* a partir do viés hegeliano, esta linha de pensamento não era unânime entre os historiadores do século XIX. Também gostaríamos de acrescentar que quando investigamos as críticas de Nietzsche a historiadores, encontramos frequentemente o nome de Ranke. Já o nome de Droysen é inexistente nos inúmeros livros, fragmentos e cartas que ainda temos disponíveis de Nietzsche.

Sobre a nossa segunda citação, nela há a interpretação do historicismo como movimento do século XIX em que predomina “a concepção de história como ciência”, determinadora de leis positivas e o historiador que adere a esta como alguém que descreve objetivamente, neutro, com a pretensão de ser um cientista natural. Todas estas afirmações condizem com o que Nietzsche afirmou sobre a ciência da história na *SI*, porém, apesar da compreensão aprofundada

²³⁶ RITTER, 1872, p.159-160. Tradução nossa de “[...] *la interpretación científica del sentido se alza por encima de la arbitrariedad y del prejuicio en cuanto se sujeta a sí misma a una prueba inexorable; la objetividad científica, la verdad objetiva solo se alcanzan allí en donde el intento de interpretación se ampara en los datos inmediatos e indudables de la experiencia real, lo cual para el historiador significa ampararse en la realidad induditable de sus fuentes que han de hacerse comprensibles mediante el intento de interpretación científica.*”

²³⁷ RODRIGUES, 2017.

sobre a crítica de Nietzsche ao pensamento histórico e aos historiadores do século XIX presente neste trecho, acreditamos que as críticas do filósofo não são representativas nem da complexidade do conceito de historicismo, nem de todos os historiadores e formas de pensar a história do século XIX.

Em nenhum momento nas suas cartas ou obras publicadas Nietzsche empregou a palavra *Historismus*. Ele apenas a utilizou em três fragmentos, e, quando isto aconteceu, Nietzsche não discutiu sobre historicistas, nem os autores e ideias que, segundo estudiosos de Nietzsche, eram alvos de críticas do filósofo e estavam completamente vinculados ao historicismo²³⁸. Considerando, todavia, que seria normal a vinculação desse conceito aos escritos de Nietzsche sobre história a partir de seus estudiosos, faremos aqui uma breve discussão sobre o tipo de história que estava sendo pensada e produzida pelos historiadores do século XIX, bem como sobre esse conceito.

Antes de adentrarmos nas reflexões sobre o conceito de historicismo e o século XIX, gostaríamos de abordar brevemente outros dois conceitos: o de Filosofia da História e o de Progresso. O primeiro conceito surgiu com Voltaire no século XVIII. As Filosofias da História foram elaborações teóricas sobre a história da humanidade com um sentido escatológico, ou seja, estas desenvolviam um trajeto comum para todos os povos da humanidade marcado pelo ideal de progresso e “se baseiam na premissa de que a humanidade tem buscado sempre os mesmos objetivos, a felicidade, ou a liberdade, ou a moralidade – independentemente do fato de que as pessoas de épocas passadas não sabiam disso e que perseguiram suas próprias ambições”²³⁹. Dentre os vários teóricos que elaboraram suas Filosofias da História tivemos Augusto Comte. Comte é considerado o fundador e principal intelectual da Filosofia da História denominada Positivismo. Em geral, ele pregava que a evolução do conhecimento ao longo do tempo era comparada à evolução dos seres humanos. A religião, a filosofia e a ciência representariam, respectivamente, a infância, adolescência e a maturidade dos homens. Essa era a sua Lei dos Três Estágios para a evolução da humanidade.

²³⁸ Fragmentos disponíveis nos seguintes links: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,11\[4\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,11[4]), [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1880,10\[D88\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1880,10[D88]), [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1887,9\[126\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1887,9[126])f. Acesso em: 01/10/2017.

²³⁹ SCHOLTZ, 2013.

A institucionalização da história como ciência no século XIX pode levar, como temos ressaltado, a concepções errôneas e equivocadas como a de que a história desse período, ou mesmo o historicismo, teriam a pretensão de cunhar leis positivas. Porém, o historicismo não tinha um caráter teleológico e, diferente da pretensão universalista das Filosofias da História, provenientes do período do Iluminismo²⁴⁰, este tinha como característica marcante a ênfase na categoria de singularidade.

O conceito de historicismo estava longe de obter um grau de sedimentação no século XIX e mesmo no século XX. Inclusive, até os dias atuais não encontramos significado unívoco para o termo, mas incontáveis definições. É muito comum, por exemplo, associá-lo ao processo de institucionalização e cientificização da história do século XIX. Em contrapartida, não é consenso entre os pesquisadores da área a definição de historicismo como um período temporal.

Quando nos deparamos com textos sobre a história e o século XIX, é comum encontrarmos que esse foi o século da história, mas é normal também encontrarmos afirmações de que inúmeros pensadores do século XVIII foram ‘pré-historicistas’²⁴¹. Segundo Gunter Scholtz, a visão de que o século XVIII foi o século da filosofia e o século XIX foi o século da história, bem como de que a erudição no Iluminismo era a-histórica são pensamentos equivocados. No século XVII havia, certamente, um ceticismo histórico devido ao desenvolvimento das ciências matemáticas e da natureza, porém, na segunda metade do século XVIII há uma defesa do conhecimento histórico. Não apenas Vico, mas também Fr. M. Vierhalter, D. Hume, G.W. Leibniz, J.M. Chladenius, Montesquieu, J. G. Herder, G. W. Leibniz entre outros estavam preocupados com a defesa do pensamento histórico²⁴².

A visão de progresso começou a ser questionada já no ano de 1700, resultando nas *Querelle des anciens et des modernes*, o que estabeleceu que não haveria critérios racionais para discutir o progresso das artes plásticas. Com os

²⁴⁰ Para Odo Marquard a Revolução Francesa considerou apenas sua História Universal emancipatória, o que ele denominou como “monomito”, ou seja, a consideração de apenas uma forma de história. Contrariamente a esta haveria a história que ele denominou como um “polimito”, na qual a multiplicidade proporciona liberdade. (MARQUARD, 2000). Consideramos esta última como representante do historicismo.

²⁴¹ BURKE, 1997. Isso é afirmado por historiadores como Martins que consideram o historicismo como um momento de cientificação da história no século XIX.

²⁴² SCHOLTZ, 2013.

resultados da Revolução Francesa no final do século XVIII, houve certo ceticismo sobre a construção racional do Estado e da religião, bem como do progresso, o que levou a diferentes conceitos de história: a razão não era a única orientação para se pensar o agir humano no mundo, mas também o conhecimento sobre história. Nesse contexto cunhou-se o termo *Historismus*. Como apontamos acima, este termo gera, ainda hoje, controvérsias e mal-entendidos. Ele obteve, no século XIX, inúmeros significados que não se adequam aos critérios básicos do historicismo nos dias atuais. As primeiras menções ao termo datam de 1797-1798 com Novais e Schlegel, entretanto os autores não apresentam suas definições sobre o termo, mas Scholtz infere que o significado da palavra era “a consideração filosófica a respeito dos fenômenos culturais em seu desenvolvimento e declínio, ou o reflexo do mundo em transformação como um todo”²⁴³.

Em 1839 L. Feuerbach utilizou o mesmo conceito para atacar o conservadorismo nas obras do historiador H. Leo. Para Feuerbach, a filosofia deveria ser anti-historicista e olhar para o futuro. Porém no século XIX havia um interesse muito forte pelo passado e, com isso, “no século XX, a tendência em construir um estilo gótico ou rococó, para redescobrir e interpretar a música antiga foi chamada de ‘historicismo’.”²⁴⁴. Como a visão sobre o conceito era o de renovar antigos paradigmas estéticos, o termo perde, nesse momento, sua ênfase crítica.

Menos de uma década depois, em 1848, Chr. J. Braniss também fez suas considerações sobre o historicismo, publicando um programa filosófico em oposição ao Naturalismo de Feuerbach, no qual Braniss via o historicismo como uma filosofia da história que caminhava para a liberdade e embasada na ação de Deus. A principal divergência entre este e Feuerbach foi sua valoração à religião.

No ano de 1850 Fichte e M. Chalybäus apontam como historicismo o caráter da Escola Histórica do Direito (*Historische Rechtsschule*). Esta, fundada por S. Hugo e Fr. C. von Savigny, estudou o antigo direito romano com a perspectiva que era mais rico juridicamente do que o sistema moderno e que seus aspectos ainda eram utilizados pela sociedade. Para Fichte e Chalybäus o lado

²⁴³ SCHOLTZ, 2013, p.70. Tradução de: “*the philosophical consideration of cultural phenomena in their growth and decline or the reflection of the changing world as a whole.*”

²⁴⁴ SCHOLTZ, 2013, p.70. Tradução de: “*in the twentieth century, the tendency to build in gothic or rococó style, to rediscover and interpret old music was called ‘historicism’.*”

positivo dessa escola era o direito ser visto como uma realidade no mundo social e o negativo, que ela partia de uma tradição conservadora, não admitindo relatividades no direito.

Entre as tentativas de definir o historicismo temos também a de C. Prantl que data de 1852. Sua ideia era a de um “verdadeiro historicismo” contra as construções hegelianas. Prantl estava preocupado com os detalhes, a causalidade, o fenômeno histórico como um produto de causas. Ele elaborou uma nova forma de idealismo, denominada idealismo objetivo, que tem a ideia de que “as ‘ideias’ só podem ser encontradas dentro da realidade histórica”²⁴⁵.

Já no final do século XIX o historicismo recebeu um significado que se tornou dominante. Quando os intelectuais se centraram unicamente nas mudanças da história, ele foi atacado como relativismo²⁴⁶. A partir desse problema do Historicismo, do século XIX em diante, era considerado por sua relatividade histórica e cultural. O conceito é, ainda hoje, alvo de críticas, as quais se encontram nos campos da história e da filosofia até os dias atuais. O conhecimento histórico é alvo de críticas e visto como positivismo histórico, relativismo e ceticismo, minando valores absolutos, como já pudemos ver na *SI* de Nietzsche²⁴⁷, na qual também encontramos a crítica ao que Nietzsche reclamou como “excesso de história”.

Como acabamos de ver, o conceito de historicismo não estava definido no século XIX e as Filosofias da História se confundiam com ele, muitas vezes sendo a ele atribuídas, de forma depreciativa. Nos dias atuais, o conceito de historicismo ainda não tem um significado claro e bem definido. Segundo Sérgio da Mata, temos uma dificuldade tripla em torno do historicismo, pois “nosso olhar ao seu respeito já não é o mesmo. Por outro lado, não sabemos exatamente do que se trata quando evocamos a palavra ‘historicismo’. Não existe qualquer definição consensual do que é, ou do que seria, ou do que foi historicismo”²⁴⁸. Dentro das diferenças conceituais, encontramos comumente divisões temporais acerca do historicismo²⁴⁹.

²⁴⁵ SCHOLTZ, 2013.

²⁴⁶ A. Menger atacou o Historicismo de G. Schmoller desta maneira, R. Stammler atacou a Escola Histórica do direito e Dilthey foi atacado por W. Windelband e E. Husserl. (SCHOLTZ, 2013).

²⁴⁷ SCHOLTZ, 2013.

²⁴⁸ MATA, 2010, p.49. SCHOLTZ, 2013 também aponta as controvérsias do conceito.

²⁴⁹ Por exemplo, Wehling, Meinecke, Sérgio Pistone, Mandelbaum e Iggers (WEHLING, 1994).

Estevão Martins é um dos historiadores que divide o historicismo como um movimento que aconteceu em certo período cronológico. Ele o define como “a época de desenvolvimento da ciência histórica, na qual esta se constituiu, como ciência humana compreensiva, sob a forma de uma especialidade acadêmica”²⁵⁰. Dentre as contribuições positivas desse movimento para a ciência da história esteve, a partir de Ranke, a investigação do passado baseado nas fontes como princípios elementares e, contrariamente às filosofias da história, esse é um estudo do particular para o geral. O historicismo também tinha como características a individualidade, a sequencialidade e a pluralidade. Para Martins, o movimento situou-se no século XIX e, apesar de seus principais representantes serem historiadores alemães, ele abrangeu toda a Europa²⁵¹. Este teria sido resultado de uma crise de orientação após a Revolução Francesa e elaborou uma nova consciência histórica para a sociedade. Martins divide o historicismo em fases: a de preparação na primeira metade do século XIX, a de integração e canonização na segunda metade do século XIX e a terceira fase se fundamenta por uma justificativa filosófica dos princípios do conhecimento científico determinantes para história como ciência humana compreensiva. O historiador ainda vê uma crise nos fundamentos da ciência da história, que levou a uma série de mal-entendidos e suposições no século XX, e afirma um fim do historicismo sem um período específico, apesar da ciência da história ser influenciada pelo mesmo nos dias atuais. No texto é observado como aspecto teórico metodológico do historicismo a sua defesa da ciência histórica contra o positivismo²⁵². O método histórico do historicismo tem duas intencionalidades: a primeira é a cientificização do conhecimento histórico (com regras de pesquisas compostas pela heurística, crítica e interpretação) e a segunda é orientar a pesquisa histórica por determinações universais que “definam o caráter histórico do agir humano passado e capacitem o conhecimento histórico para a formação política”²⁵³. Já sua pretensão pedagógica tem a intenção de orientar o agir contemporâneo. Martins

²⁵⁰ MARTINS, 2004, p.2.

²⁵¹ MARTINS, 2004, p.2.

²⁵² Esta crítica contra o positivismo aconteceu a partir de manuais sobre o método histórico como a *Historik* (1817) de Johann Gustav Droysen e o *Lehrbuch der historischen methode* (1889) de Ernst Bernheim (MARTINS, 2004, p.7), Vale ressaltar que, por vezes, como vimos acima, quando analisa-se a crítica de Nietzsche à história, se atribui ao historicismo um caráter positivista, o que seria um grande equívoco.

²⁵³ MARTINS, 2004, p.17.

considera que o historicismo foi fundado a partir de uma visão burguesa do mundo pós-Revolução Francesa e, com a industrialização e o capitalismo moderno, ele perde sua plausibilidade²⁵⁴.

Concordamos com algumas contribuições de Martins, como a institucionalização da história no século XIX e o importante desenvolvimento da ciência da história que começa a contar com uma metodologia própria. Porém, temos outra compreensão sobre conceito de historicismo, pensamos neste de outra forma, que não cronologicamente. Concordamos com a compreensão de historicismo de Mata:

Compreendo o historicismo não como um método, muito menos como uma época da história da historiografia, mas como uma atitude espiritual diante da realidade, e que nela ressalta duas dimensões principais: (a) o caráter dinâmico, mutável e histórico [...] e (b) a sua inefável singularidade.²⁵⁵

Mata ainda aponta que esses aspectos já estavam claramente delineados com Herder²⁵⁶, mas foram identificados apenas nas décadas de 1920 e 1930 por Ernst Troeltsch, que entende o historicismo como “uma historicização fundamental de todo o nosso pensamento a respeito do homem, sua cultura e seus valores”²⁵⁷ e por Friedrich Meinecke²⁵⁸ como a “substituição de uma consideração generalizadora das forças históricas por uma consideração individualizadora”²⁵⁹.

Como viemos ressaltando, quando pensamos no movimento historicista o primeiro historiador que nos vem a mente é o mesmo: Ranke (1785-1886). Como Comte foi considerado “o pai do positivismo”, Ranke também desempenha este papel em relação ao historicismo. O pai do historicismo proveio de uma família de pastores luteranos. Quando criança estudou em Donndorf e após dois anos foi transferido para Schulpforta. Na universidade de Leipzig estudou teologia e direito. Após sua formação, lecionou Grego em Frankfurt an der Oder. Até esse

²⁵⁴ MARTINS, 2004.

²⁵⁵ MATA, 2011, p.50.

²⁵⁶ Johann Gottfried von Herder (1744-1803) foi um intelectual que viveu a maior parte do século XVIII. Encontramos aspectos fundamentais do historicismo em seu pensamento é mais um dos motivos para não considerarmos ele cronologicamente.

²⁵⁷ TROELTSCH *apud* MATA, 2011, p.51.

²⁵⁸ MATA, 2011, p.50. Com isso, chegamos a conclusão de que quando as principais dimensões do historicismo foram identificadas, Nietzsche já havia falecido. Sendo assim, preferimos não associar as críticas de Nietzsche aos historiadores do século XIX como uma crítica ao historicismo.

²⁵⁹ MEINECKEN *apud* MATA, 2011, p.51.

momento seus interesses eram, em geral, vinculados à Antiguidade Clássica. Foi ainda nessa mesma cidade, no ano de 1820, que ele começa a estudar a vida das nações no século XV.

Encontramos nesse historiador certas convergências com Nietzsche. Ambos provinham de famílias de pastores luteranos, estudaram no colégio interno de Pforta²⁶⁰, na universidade de Leipzig e tinham interesses pelos clássicos, em especial os trágicos. Todavia, quando Nietzsche veio ao mundo, Ranke era um adulto de 49 anos. Quando a *SI* foi lançada, o historiador já tinha 77 anos. Apesar de ambos terem frequentado as mesmas instituições, não sabemos se Ranke soube em algum momento da existência de Nietzsche. Não encontramos nenhuma menção ao filósofo em seus escritos. Já a relação contrária foi bem diferente, como ressaltamos no capítulo anterior. Apesar das poucas menções ao historiador, Nietzsche já tinha consciência de sua existência desde os anos em Schulpforta. Ele relatou em uma carta à mãe e à irmã que haveria uma Pfortaer Schulfest onde estariam presentes 12 homens do comitê de Berlim, dentre eles Nietzsche evocou o nome de Ranke²⁶¹.

A primeira menção a Ranke como historiador precedeu a *SI*, se encontrando em um fragmento²⁶² de sua primeira fase escrito entre 1872 e 1873 e é uma lista por ele intitulada como Máscara da Comédia Burguesa de Kotzebue²⁶³. Nela ele menciona os nomes de Ranke, Mommsen²⁶⁴, Beenays e os jornalistas (*Zeitungsschreiber*) como os jovens anciãos (esnobes), os históricos²⁶⁵.

²⁶⁰ Em uma carta à Georg Brandes datada de 10 de abril de 1888, Nietzsche relata sobre o privilégio de ter estudado nesta escola: “Eu tive a sorte de ser um aluno da conceituada Schulpforta, da qual tantos surgiram (Klopstock, Fichte, Schlegel, Ranke, etc., etc.) que tem importância na literatura alemã”. Tradução nossa de: „*Ich hatte das Glück, Schüler der ehrwürdigen Schulpforta zu sein, aus der so Viele (Klopstock, Fichte, Schlegel, Ranke usw usw), die in der deutschen Litteratur in Betracht kommen, hervorgegangen sind*“. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1888,1014>. Acesso em: 20/09/2017.

²⁶¹ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1863,356>. Acesso em: 20/09/2017.

²⁶² Das 15 menções a Ranke que restam até os dias de hoje, 7 em são fragmentos, 4 em são cartas e 3 acontecem em obras publicadas.

²⁶³ August von Kotzebue (1761-1819) foi um dramaturgo e escritor alemão. Inferimos que Nietzsche menciona Kotzebue para evidenciar a forma zombeteira com que aborda alguns intelectuais nas classificações: As “donzelas velhas” (*Die „alten Jungfern*”), os eternos estudantes do Ginásio (*Die ewigen Gymnasiasten*) e os ímpios do Campo (*Die Unfrommen vom Lande*). Kotzebue escreveu mais de 200 comédias (*Lustspiele*) e dramas. 87 delas organizadas por Goethe. Entre suas comédias temos: *Die Indianer in England. Lustspiel in drey Aufzügen* (1790), *Die Unglücklichen. Lustspiel in einem Akte* (1798), *Blinde Liebe. Lustspiel in drey Akten* (1806) etc.

²⁶⁴ Mommsen e Ranke foram elogiados na *PI*, na qual Nietzsche afirma que eles são estudiosos e historiadores do conhecimento científico em contraposição a David Strauss que se baseia na fé.

Um ano após abordar o nome de Ranke de forma cômica, as críticas a ele continuam em outro fragmento escrito entre o verão e o outono de 1873:

Quando tais historiadores como Ranke se generalizam, eles não ensinam: estes tipos de frases foram conhecidos muito antes de seu trabalho: elas lembram a experimentação absurda que Zöllner reclama nas ciências naturais²⁶⁶.

Neste fragmento Nietzsche criticou a forma de escrita de Ranke, segundo ele, de caráter generalizador. Para contrapor Ranke, ele mencionou o astrofísico Zöllner, que, assim como Nietzsche e seu *NT*, teve um livro²⁶⁷ que causou um escândalo na comunidade de seu período. O livro de Zöllner era uma mistura de ciência, afirmações morais e filosofia kantiana. Ele atacava, de uma perspectiva kantiana, a ciência e a prática científica com críticas voltadas a, por exemplo, o que ele afirmava ser uma ênfase excessiva a importâncias dos experimentos. Nietzsche chegou a escrever uma carta a Rohde em novembro de 1872²⁶⁸ afirmando que não estavam sozinhos. Nietzsche também fez elogios a Zöllner no ano de 1873²⁶⁹. Como podemos ver explicitamente no fragmento sobre Ranke e Zöllner, “Nietzsche se apropriou mais a frente da crítica de Zöllner e a direcionou às humanidades, especialmente a escrita da história”²⁷⁰.

É possível que as críticas aos historiadores na *SI* estejam direcionadas a Ranke, pois as reprovações feitas ao conhecimento histórico e aos historiadores são semelhantes as que ele dirige ao historiador, mas Ranke não é nomeado nesta obra²⁷¹. Os fragmentos supracitados são os únicos em que o nome de Ranke é explicitamente mencionado por Nietzsche na década de 1870.

As críticas a Ranke na Segunda Fase de Nietzsche são praticamente inexistentes, Nietzsche mencionou-o neste período apenas uma vez no ano de

David Strauss: § 3 Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/DS-3>. Acesso em: 25/10/2017.

²⁶⁵ Tradução nossa de: *Die jungen Greise (Blasirten), die historischen*. Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1872,19\[273\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1872,19[273]). Acesso em: 05/11/2017.

²⁶⁶ Tradução nossa de: “*Wenn solche Historiker wie Ranke allgemein werden, belehren sie nicht: solche Sätze wusste man längst vor ihrer Arbeit: sie erinnern an das unsinnige Experimentieren, über das Zöllner in den Naturwissenschaften klagt*“. Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1873,29\[92\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1873,29[92]). Acesso em: 05/11/2017.

²⁶⁷ Se trata do seu *Über die Natur Kometen: Beiträge zur Geschichte und Theorie der Erkenntnis*.

²⁶⁸ Ano que se iniciou a polêmica sobre o *NT*, assunto sobre o qual abordamos no capítulo anterior.

²⁶⁹ BROBJER, 2008, p.59.

²⁷⁰ BROBJER, 2008, p.59. Tradução nossa de: „Nietzsche later picket up Zöllner’s critique and direct it at the humanities and especially the writing of history“.

²⁷¹ Há apenas uma citação indireta a Ranke na obra. (BROBJER, 2007, p.171).

1875²⁷². O nome aparece como o primeiro nome em uma lista de “Preocupações: Para comprar e trocar livros”²⁷³, como livros do grande Ranke²⁷⁴. É impossível precisar quais eram as impressões de Nietzsche sobre Ranke em sua segunda fase, já que dispusemos apenas de uma pequena lista onde o nome de Ranke apareceu. A próxima menção ao conhecimento histórico de Ranke escrita por Nietzsche acontecerá apenas no ano de 1884, já em sua última fase.

Se existe uma mudança nas manifestações de Nietzsche sobre o conhecimento histórico de sua primeira para sua terceira fase, esta certamente não aconteceu em relação a Ranke. Após nove anos Nietzsche mencionou o historiador novamente em um fragmento escrito entre o Verão e o Outono 1884. Nietzsche fez uma crítica à Europa democrática, pois esta teria produzido seres humanos com conhecimento, porém, ao mesmo tempo, animais de rebanho²⁷⁵.

Eu não encontrei ainda *nenhuma* razão para desanimar! Quem preservou e educou uma *verdade forte*, ao mesmo tempo com um espírito bem amplo, tem chances mais favoráveis do que nunca. Pois a capacidade de amestrar o ser humano tornou-se muito grande nessa Europa democrática; seres humanos que facilmente aprendem, que facilmente se dobram, são a regra: o animal de rebanho, até altamente inteligente, está preparado. Quem pode e sabe comandar, esse encontra também aqueles que *precisam* obedecer: eu penso, p. ex., em Napoleão e em Bismarck. É pouca a concorrência com a vontade forte e *não* inteligente, a que mais atrapalha. Quem é que não derruba esses senhores “objetivos”, de vontade fraca, como Ranke ou Renan²⁷⁶.

No fragmento Nietzsche aponta que os animais de rebanho precisam obedecer e também há os que precisam comandar. Ele cita Napoleão e Bismarck como exemplo de vontade forte, em oposição ao que ele considera como vontade fraca e objetiva de Ranke.

²⁷² Um ano após ter publicado a *SI*.

²⁷³ Tradução nossa de: „Sorgen: Bücher anzuschaffen und einzutauschen.“. Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,4\[1\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,4[1]). Acesso em: 25/10/2017.

²⁷⁴ Brobjer acredita que, depois das críticas de Nietzsche a Ranke direta e indiretamente até a *SI*, Nietzsche “descobriu” e leu o historiador a partir desta obra. Brobjer ainda diz acreditar que Ranke contribuiu para o *break* dos pensamentos de Nietzsche que o levaram a sua Segunda Fase. (BROBJER, 2007, p.172).

²⁷⁵ Discutiremos sobre o que Nietzsche quer dizer com o termo “animal de rebanho” no próximo capítulo, a partir da obra *GM*.

²⁷⁶ NIETZSCHE, 2008, p.227.

Entre os meses de agosto e setembro de 1885 Nietzsche continuou sua crítica relativa ao modo com que Ranke escreve a história em dois fragmentos:

A historiografia *embelezadora de Ranke*, o seu andar na ponta dos pés em todos os pontos onde é preciso expor um tal absurdo terrível do acaso; a sua crença em um como que dedo imanente de Deus, que ocasionalmente empurraria algo uma vez pra cá e pra lá na maquinaria do relógio: pois ele, o supermedroso, não ousa mais encarar-Lo como máquina do relógio nem como causa originadora da máquina do relógio.²⁷⁷

No excerto acima, Nietzsche desaprovou a forma com que Ranke, que era temente a Deus, pensava a historiografia. Para Ranke “Deus não pode intervir a favor de uns e em prejuízo dos outros”²⁷⁸ e, com isso, a solução de Ranke para problema da história foi expulsar Deus da mesma²⁷⁹, atitude que não agradou a Nietzsche, como podemos ver quando o filósofo o chama de “supermedroso”.

Só então foi que passei a ter um olho para a história: Ranke. A ignorância nas ciências naturais e na arte de curar faz de nossos historiadores modestos advogados dos fatos: como se algo bom acabasse “brotando”, ao menos um mínimo “dedo de Deus”.²⁸⁰

O problema da religiosidade de Ranke apareceu em outro fragmento do mesmo período: o fato que incomoda Nietzsche no segundo fragmento é a ligação de Ranke com os acontecimentos do passado, o que acaba fazendo com que o denomine como advogado dos fatos. Na obra *GM*, Nietzsche ainda denominou, de forma depreciativa, Ranke como o “mais prudente entre todos os prudentes ‘homens positivos’”.²⁸¹

A última menção a Ranke feita por Nietzsche acontece na obra *EC*, onde ele comparou o historiador a seu admirado professor Ritsch:

“Ele [Ritsch] possuía aquela deterioração agradável que caracteriza a nós, os turíngios, e com a qual até mesmo um alemão se torna simpático – nós, para chegar à verdade, ainda preferimos andar por caminhos tortos. Com essas palavras eu não quero, nem de longe aliás, subestimar meu compatriota mais próximo, o **inteligente** Leopold von Ranke.”²⁸²

²⁷⁷ NIETZSCHE, 2008, p.574.

²⁷⁸ MATA, 2010, p.193.

²⁷⁹ MATA, 2010, p.193.

²⁸⁰ NIETZSCHE, 2008, p.578.

²⁸¹ NIETZSCHE, 2009a, p.119.

²⁸² NIETZSCHE, 2009c, p.65.

É no mínimo curiosa a contraposição que Nietzsche fez nesse fragmento entre o filólogo e o historiador. Pois, como bem sabemos a partir da polêmica acerca do *NT* abordada no capítulo anterior, Ritsch parecia se aproximar mais de Ranke do que de Nietzsche quando se tratava do conhecimento histórico.

2.3. Jacob Burckhardt

A nomeação de Nietzsche à cátedra de filologia clássica da Universidade de Basileia, em 1869, proporcionou a ele o convívio com diversos intelectuais. Dois deles serão abordados a seguir, o historiador Jacob Burckhardt e o teólogo Franz Overbeck. Overbeck será abordado sempre em diálogo com o historiador Heinrich von Treitschke.

Jacob Burckhardt (1818-1897) foi um historiador suíço que nasceu e cresceu na cidade da Basileia. Seu apreço pela cidade era tamanho que se recusou a substituir Ranke em Berlim no ano de 1872. Seu primeiro contato com Nietzsche ocorreu nessa universidade e no período suas afinidades eram muitas. Burckhardt era conservador, temia a rebelião das massas, simpático às ideias de Schopenhauer, descrevia a existência de leis na história, era crítico de Hegel, execrava a ideologia do progresso e não acreditava em filosofias da história²⁸³.

Quando o filósofo chegou à Basileia, ele e Burckhardt estabeleceram uma relação agradável, “Burckhardt reconheceu de imediato a originalidade de seu talento, enquanto Nietzsche encontrou no homem mais velho a harmonia de qualidades que despertou sua admiração duradoura”²⁸⁴. Nietzsche, em uma carta datada de 07 de novembro de 1870, nos deu algumas de suas impressões sobre Burckhardt:

Na noite passada, tive um prazer que eu teria concedido a você. Jacob Burckhardt deu uma palestra livre sobre “grandeza histórica”, que é inteiramente de nossas mentes e emoções [...]. Pela primeira vez, tenho um prazer em uma palestra, ela é de uma forma que se eu tivesse mais idade, eu poderia fazer.²⁸⁵

²⁸³ LIMA. In.: BURCKHARDT, 2003, p.9.

²⁸⁴ COLL. In.: BURCKHARDT, 2003, p.83.

²⁸⁵ Tradução nossa de: “*Gestern Abend hatte ich einen Genuß, den ich Dir vor allem gegönnt hätte. Jacob Burckhardt hielt eine freie Rede über „historische Größe“, und zwar völlig aus unserm Denk- und Gefühlskreise heraus. [...] Zum ersten Male habe ich ein Vergnügen an einer Vorlesung,*

Em uma carta para von Preen, de 27 de setembro de 1870, Burckhardt também expressa suas primeiras impressões sobre Nietzsche de forma positiva:

A credibilidade do Filósofo [Schopenhauer] cresceu novamente nessas últimas semanas. Vive aqui um de seus devotos [Nietzsche], com quem converso de vez em quando, desde que eu consiga expressar-me em sua língua.²⁸⁶

Levando em consideração que a língua oficial da Basileia também é o alemão, acreditamos que quando Burckhardt afirmou precisar expressar-se na língua de Nietzsche, inferimos que se tratava da formação e das visões de mundo do filósofo.

Em outra carta de Burckhardt, agora de 1872, mencionando uma conferência de Nietzsche a Arnold von Salis, ele fez vários elogios ao filósofo, afirmando que o estilo de Nietzsche era “tão grandioso e ousado”, “um homem de grandes talentos, tudo o que adquire em primeira mão passa adiante”²⁸⁷. Mesmo com a admiração mútua, Nietzsche e Burckhardt mantiveram uma relação polida ao longo da vida.

Se somarmos as cartas publicadas de Burckhardt onde ele referencia Nietzsche, não chegaremos a 10. Quando as cartas partem de Nietzsche temos ainda hoje 7 cartas endereçadas a Burckhardt e mais de 70 cartas onde ele faz menções ao nome do historiador. Do período em que Nietzsche viveu na Basileia, não se tem nenhum registro de cartas endereçadas a Burckhardt. Porém, diferente do que consta nas cartas do historiador, Nietzsche mencionou com certa frequência o filósofo em cartas a amigos e à família.

A relação distanciada parece ter ao menos três motivos. O primeiro era o progressivo afastamento de Nietzsche a certas ideias que nesse período lhe eram simpáticas, porque “Schopenhauer, a Grécia e a situação europeia forneceram muitas opiniões em comum”²⁸⁸. Apenas alguns meses após Nietzsche ingressar na Basileia, ambos já mencionavam o outro nas cartas supracitadas. Nesse período, Nietzsche ainda admirava Schopenhauer. Ambos concordavam com as “causas da

dafür ist sie auch derart, daß ich sie, wenn ich älter wäre, halten könnte.“. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1870,107>. Acesso em: 01/09/2017.

²⁸⁶ BURCKHARDT, 2003, p.275.

²⁸⁷ BURCKHARDT, 2003, p.284.

²⁸⁸ COLL. *In.*: BURCKHARDT, 2003, p.84.

enfermidade da Europa, mas quando Nietzsche começou a revelar a cura, Burckhardt retirou-se para polidas generalidades [...] que faziam Nietzsche sorrir”²⁸⁹, a esperar que a Rússia fosse se unir à Europa²⁹⁰. Já a afinidade pelos gregos esteve presente em ambos ao longo da vida. O segundo motivo era a incompreensão de Nietzsche em relação à vida cristã e acadêmica de Burckhardt, sendo que o historiador também era pessimista, Dilthey também não compreendia essa questão em Burckhardt²⁹¹. O terceiro motivo era “a habilidade de Burckhardt de manter as pessoas a distância”, porém, isso contribuiu para que eles não rompessem drasticamente²⁹², como aconteceu com Nietzsche e outros intelectuais. Mesmo assim, Nietzsche continuou enviando suas publicações a Burckhardt ao longo da vida.

Notamos certo padrão quando Burckhardt escreveu cartas a Nietzsche com impressões sobre os escritos do filósofo. O historiador sempre demonstrou certa incompreensão aos escritos de Nietzsche. O primeiro foi em uma carta de 1874 onde Burckhardt, referindo-se à *SI*, declara: “minha cabeça nem de longe foi capaz de refletir, como você é capaz de fazer, sobre as causas final, os objetivos e a conveniência da história”²⁹³. Ele teceu vários elogios à obra, que considerou um “poderoso e significativo trabalho” e, como Nietzsche, afirmou que nunca ensinou história a partir da história mundial e também que nunca sonhou em treinar eruditos e discípulos²⁹⁴. Nietzsche apreciou os comentários feitos pelo historiador sobre a *SI* em cartas a Gersdorff²⁹⁵ e a Rohde²⁹⁶.

Esta carta cortês tem, segundo Meier, significados para além destes simples elogios. O primeiro é “que ele [o historiador] não tinha uma cabeça filosófica” e “Burckhardt queria escapar do debate sobre o ganho e o dano da pesquisa histórica”²⁹⁷. Porém, parece que Burckhardt estava realmente satisfeito

²⁸⁹ COLL. *In.*: BURCKHARDT, 2003, p.84 E 85.

²⁹⁰ COLL. *In.*: BURCKHARDT, 2003, p.85.

²⁹¹ COLL. *In.*: BURCKHARDT, 2003, p.86.

²⁹² COLL. *In.*: BURCKHARDT, 2003, p.83.

²⁹³ BURCKHARDT, 2003, p.296.

²⁹⁴ BURCKHARDT, 2003, p.295 e 296.

²⁹⁵ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1874,348>. Acesso em: 14/09/2017.

²⁹⁶ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1874,353>. Acesso em: 14/09/2017.

²⁹⁷ MEIER, 1981, p.99. Tradução nossa de: “*Dass er keinen philosophischen Kopf habe“ e „Burckhardt wollte sich also der Debatte um Gewinn und Schaden der Geschichtsforschung entziehen“.*

com os trabalhos de Nietzsche neste período. Nietzsche relatou em cartas a Romundt e a Rohde, respectivamente nos meses de setembro e outubro de 1875, que Burckhardt afirmara que os cidadãos da Basileia nunca teriam um professor como ele²⁹⁸.

A próxima carta a Nietzsche também foi um comentário sobre a sua obra. Datada de 5 de abril de 1879, nela Burckhardt deixa suas impressões sobre *HDH*, obra que adquiriu pela mão de terceiros. Ao ler o livro, o historiador se encontrou “mais uma vez, maravilhado ante a plenitude e a liberdade de sua mente”²⁹⁹ e, parecendo não entender na totalidade as ideias que constam na obra dele, Burckhardt ainda afirma:

Onde não posso segui-lo, observo, com um misto de medo e prazer, para ver quão convicto você caminha à beira dos mais vertiginosos rochedos, e tento formar para mim mesmo alguma imagem do que você dever ver nas profundezas e à distância.³⁰⁰

Burckhardt novamente escreveu para von Preen, para falar sobre essa obra de Nietzsche alguns meses antes, em 9 de dezembro de 1878, onde ele afirmou que, apesar da saúde de Nietzsche, o filósofo deu meia volta em direção ao otimismo³⁰¹ e ainda acrescenta: “Ele é um homem fora do comum, que adquiriu um ponto de vista individual e pessoal a respeito de quase tudo...”³⁰². Os comentários positivos acerca da obra deixaram Nietzsche muito contente, o qual expressa sua satisfação em cartas a Reé e Köselitz³⁰³.

A penúltima carta a Nietzsche, como de costume, foi um comentário sobre uma obra sua, a *GC*³⁰⁴. O historiador disse se admirar com o tom invulgar e límpido de Nietzsche e escreveu a Nietzsche que isso era “o que ninguém teria

²⁹⁸ Disponíveis em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1875,487> e <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1875,490>. Acesso em: 10/10/2017. Um médico em Lörrach lhe informou as opiniões de Burckhardt.

²⁹⁹ BURCKHARDT, 2003, p.338.

³⁰⁰ BURCKHARDT, 2003, p.338.

³⁰¹ Nietzsche abandona o pessimismo junto com o rompimento com Schopenhauer. Acreditamos que é isto que Burckhardt nota nas cartas de Nietzsche a partir de então.

³⁰² BURCKHARDT, 2003, p.338.

³⁰³ Disponíveis em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1878,720> e <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1878,723>. Acesso em: 10/10/2017.

³⁰⁴ Enviado para Burckhardt a pedido de Nietzsche.

esperado de você”³⁰⁵. Nessa carta ele afirma refletir sobre Nietzsche como um professor de história:

[...] se você iluminasse a história *ex professor*, com sua luz própria e a partir de seu ângulo particular de visão: em comparação com o atual *consensus populorum*, tudo ficaria de cabeça para baixo da mais esplêndida maneira. Quão feliz eu sou por ter deixado o habitual pensamento ilusório cada vez mais para trás, e por ter me contentado em relatar o que aconteceu sem demasiados elogios ou queixas.³⁰⁶

Duas coisas devem ser notadas no trecho acima, a primeira é a impressão de Burckhardt sobre Nietzsche como um professor acadêmico de história. O historiador já havia elogiado o filósofo em sua *SI* e agora elogiava as visões de história de Nietzsche em *GC*. Burckhardt disse: “posso ver claramente que vantagem seria para nossa ciência se alguém pudesse ver com os seus olhos”³⁰⁷. O segundo elemento a se notar é a forma como o historiador viu sua área de especialização. Pelo trecho, quando ele afirmou ficar contente em abandonar o pensamento ilusório e “relatar o que realmente aconteceu”, vemos que ele compartilha a visão da *Geschichtswissenschaft* elaborada e praticada por historiadores do século XIX, como, por exemplo, Ranke³⁰⁸.

Burckhardt tomou a liberdade de elogiar a *Geschichtswissenschaft* para Nietzsche nessa carta. Acreditamos que isso aconteceu por vários motivos. Um deles foi a ligação de Nietzsche à ciência, e inclusive ao positivismo de Comte em seu segundo período, como já mencionamos acima. O outro motivo foi a rejeição de Nietzsche às ideias expressas na *SI*, que trabalharemos no início do próximo capítulo.

Esta penúltima carta alegrou muito Nietzsche, que, a partir dela, disse a Salomé que Burckhardt era o primeiro historiador entre os vivos e que o historiador gostaria que Nietzsche o substituísse em sua cátedra de História

³⁰⁵ BURCKHARDT, 2003, p.370.

³⁰⁶ BURCKHARDT, 2003, p.371.

³⁰⁷ BURCKHARDT, 2003, p.371.

³⁰⁸ Ciência da História.

Universal. Ele também escreveu sobre o desejo de Burckhardt a Overbeck e Köselitz³⁰⁹.

A próxima obra que Nietzsche enviou a Burckhardt foi uma parte de seu *AZ*. Em uma carta a Karl Hillebrand de maio de 1883, Nietzsche afirma que apenas Hillebrand e Burckhardt seriam sinceros acerca do conteúdo da obra. Com o silêncio de Burckhardt acerca da mesma, Nietzsche pediu, em uma carta de junho de 1885, para Overbeck perguntar ao historiador se ele recebera a obra³¹⁰. Ao que parece, Burckhardt não apreciou o *Zaratustra*. Em carta a Köselitz, Nietzsche afirmou que Burckhardt não lhe disse nada mais do que se ele não teria a intenção de no futuro escrever um drama também³¹¹. Nietzsche se afetou tanto com o comentário de Burckhardt que pediu a Overbeck para não contar a Burckhardt que uma quarta parte de *Zaratustra* existia, pois Nietzsche não enviou uma cópia ao historiador³¹². O texto foi enviado apenas no dia 26 de setembro de 1886³¹³.

A última carta endereçada a Nietzsche foi desta mesma data e o assunto foi a obra *BM*. Na carta Burckhardt reclama de certa superestimação de Nietzsche a sua capacidade e também lastima certa dificuldade com a filosofia. Ele disse sobre as obras de Nietzsche: “Nunca fui capaz de perseguir problemas como os seus, e nem mesmo entender claramente suas premissas. Nunca [...] tive uma mente filosófica, e até a história da filosofia é mais ou menos um livro fechado para mim”³¹⁴. Burckhardt ainda escreve a Nietzsche:

O que mais acho fácil de entender em seu trabalho são seus julgamentos históricos e, em particular, suas opiniões sobre a época atual; sobre a vontade das nações e de sua periódica paralisia; sobre a antítese entre a grande segurança dada pela prosperidade e a necessidade de educar-se por meio do perigo; sobre o trabalho árduo como destruidor dos instintos religiosos;

³⁰⁹ Cartas disponíveis em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1882,305>, <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1882,307> e <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1883,398>. Acesso em 10/10/2017.

³¹⁰ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1884,515>. Acesso em: 10/10/2017.

³¹¹ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1884,522>. Acesso em: 10/10/2017.

³¹² Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1885,645>. Acesso em: 10/10/2017.

³¹³ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1886,754>. Acesso em: 10/10/2017.

³¹⁴ BURCKHARDT, 2003, p.375.

sobre a multidão de homens dos dias atuais, e suas reivindicações; sobre democracia como herdeiro cristianismo e, em especial, sobre os poderosos da terra do futuro!³¹⁵

Para o historiador, diferente de assuntos como o destino do atual comum homem europeu, Nietzsche o deixaria perplexo e afirma: “O livro vai muito além da minha pobre e velha mente, sinto-me idiota ante o pensamento de sua assombrosa percepção de todos os movimentos espirituais e intelectuais da atualidade”³¹⁶. Nietzsche disse a Overbeck que esta carta o entristecera e se queixa que padecia de solidão³¹⁷. Essa foi a última carta de Burckhardt dirigida a Nietzsche.

Mesmo com o olhar crítico de Burckhardt sobre suas obras, Nietzsche continuou elogiando e respeitando Burckhardt nos anos seguintes, geralmente mencionando seu nome junto ao do historiador francês Hippolyte Taine³¹⁸. Nietzsche ainda enviou a *GM* para Burckhardt³¹⁹, porém o historiador se irritou tanto com o conteúdo da obra que não a respondeu³²⁰.

Não podemos deixar de mencionar aqui uma carta em que Burckhardt fez comentários acerca de Nietzsche pouco tempo antes de o filósofo falecer. Mesmo que, como afirmamos anteriormente, o afastamento entre Nietzsche e Burckhardt pudesse ter proporcionado uma relação duradoura entre eles, esta não era a relação esperada pelo historiador, que no dia 13 de janeiro de 1896, quando Nietzsche já estava inconsciente, escreve a von Pastor, afirmando:

[...] uma vez que me falta por completo a veia filosófica, percebi, na época de sua indicação para cá, que meu relacionamento com ele não lhe seria de qualquer valia, e por isso permaneceu ocasional, apesar das sérias e amigáveis discussões.³²¹

Como pudemos ver a partir das cartas trocadas entre o filósofo e o historiador, não houve uma amizade estrelada (*Sternenfreundschaft*) entre ambos,

³¹⁵ BURCKHARDT, 2003, p.375.

³¹⁶ BURCKHARDT, 2003, p.376.

³¹⁷ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1886,761>. Acesso em: 10/12/2017.

³¹⁸ Conferir cartas número: 765, 767, 852, 972 e 1196. Disponíveis em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>. Acesso em: 10/10/2017.

³¹⁹ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1887,952>. Acesso em: 10/10/2017.

³²⁰ Nota de rodapé número 99 de: LIINARES. *In.*: 2012c, p.383.

³²¹ BURCKHARDT, 2003, p.408.

os problemas são visíveis³²² e não é difícil perceber também como Nietzsche fez tentativas persistentes de estabelecer uma amizade com Burckhardt, a ponto de esconder do historiador a publicação de uma parte de Zarathustra.

2.3 Heinrich von Treitschke

O próximo historiador abordado em nossa dissertação é Heinrich von Treitschke. Porém, antes de abordarmos o historiador, é fundamental uma explicação sobre a pessoa que intermediou o contato deste com Nietzsche, o teólogo Franz Overbeck (1837-1905).

Overbeck pertenceu a uma família de classe média, seu pai era alemão e sua mãe francesa. Logo que nasceu, vivia em São Petesburgo, mudando-se depois para Paris, voltando a São Petesburgo e, em 1850, passando a morar em Dresden. Nesta última cidade ele estudou no mesmo colégio que Treitschke, porém não chegaram a se conhecer, sendo apresentado ao historiador quando ingressou na fraternidade *Grünen Hannoveraner* em maio de 1857, que integrava um círculo de amigos de Leipzig e Göttingen³²³. Em 1870, tornou-se professor do Novo Testamento e história da igreja primitiva na Universidade da Basileia, onde trabalhou até sua aposentadoria no ano de 1897³²⁴. Foi na cidade de igual nome que ele conheceu Nietzsche, no ano de 1871, ambos moravam no mesmo endereço. Overbeck foi, de longe, o melhor amigo de Nietzsche. O teólogo nunca foi mencionado em suas obras publicadas, porém, quando pesquisamos seu nome nas *eKBWB* encontramos, em meio a várias cartas e dois fragmentos postumamente publicados, 494 referências a seu nome. Seus últimos trabalhos se destacaram por sua crítica à teologia cristã³²⁵, de certo modo, paralela ao pensamento de Nietzsche em sua terceira fase³²⁶, o que é totalmente compreensivo já que ambos mantiveram diálogo constante durante toda a vida. Seu último contato com o filósofo foi em uma carta enviada por Nietzsche datada de 4 de

³²² MEIER, 1981, p.98.

³²³ WILSON, 2002, p.XIV a XVI.

³²⁴ WILSON, 2002, p.VII.

³²⁵ “A maioria dos intérpretes concluiu, a partir de suas notas tardias, que Overbeck perdeu qualquer fé cristã que ele tinha”. WILSON, 2002, p.27. Tradução nossa de: “*Most interpreters have drawn the conclusion from the late notes that Overbeck lost whatever faith he had earlier*”.

³²⁶ WILSON, 2002. p.33.

janeiro de 1889, onde o filósofo assinou como *Dionysos*. Overbeck foi a primeira pessoa a entrar em contato com Nietzsche após o seu colapso mental e o acompanhou a uma clínica médica³²⁷. Em nosso trabalho não será feito um estudo da relação entre Nietzsche e Overbeck. Esta relação longa e complexa poderia ser abordada em todas as páginas de nossa dissertação e ainda não teríamos esgotado o assunto. O nosso objetivo em abordá-lo aqui é apontar as impressões de Nietzsche e Treitschke, um sobre o outro, mediada por Overbeck.

Treitschke era, em linhas gerais, um dos principais representantes da Escola Prussiana e, assim, “pró-Prússia, nacionalista, pró-Bismarck, anti-França, romântico”³²⁸. O conhecimento de Nietzsche sobre o historiador precedeu o de Overbeck. A primeira menção de Nietzsche a ele não continha juízo de valor, o filósofo apenas citou o nome de Treitschke em uma carta endereçada à mãe e à irmã datada de 24 e 25 de outubro de 1864, dando a entender que conhecia Treitschke pessoalmente quando se dirige a irmã dizendo: “Então eu quero te apresentar alguns velhos *Bonner Frankonen* como velhos conhecidos: Max Rötger [...] e Treitschke, que se distinguiu como palestrante no *Leipziger Turnfest*”³²⁹. Apesar de Brobjer afirmar que não haveria evidências de que ele e Nietzsche tiveram algum encontro pessoal ao longo de sua vida, acreditamos a partir deste trecho, que possam ter conversado, mesmo que de forma rápida e informal no *Leipziger Turnfest*.

As próximas menções ao historiador foram em duas cartas endereçadas a Carl von Gersdorff em agosto de 1866, o mesmo período em que ocorre a Guerra Austro-Prussiana. Na época Nietzsche era simpático ao nacionalismo e, assim, defendia o historiador³³⁰. Em uma das cartas ele descreve Treitschke como um homem da opinião geral e afirma ser um prazer raro e novo estar de acordo com o atual governo. Nesta carta³³¹ e na outra³³² do mesmo mês fez críticas a

³²⁷ SAFRANSKY, 2001, p.289.

³²⁸ BROBJER, 2007, p.175. Tradução nossa de: “*pro-Prussia, nationalistic, pro-Bismarck, anti-French, and Romantically flavored*”.

³²⁹ Tradução nossa de “*Dann will ich Dir einige alte Bonner Frankonen als alte Bekannte vorstellen: Max Rötger [...] und Treitschke, der sich als Redner beim Leipziger Turnfest auszeichnet*”. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1864,449>. Acesso em: 25/10/2017. Nesta, bem como em algumas outras vezes que Nietzsche menciona o historiador, ele escreve o seu nome acrescido da letra “z”, ou seja, Treitschke.

³³⁰ O que também ajuda é que nesta época Treitschke, assim como Sybel, tinha visões mais liberais e menos políticas. Estas visões permanecerão até cerca de 1871. (BROBJER, 2007, p.175).

³³¹ Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1866,517>. Acesso em: 25/10/2017.

Landescommission por proibir a obra de Treitschke *Die Zukunft der norddeutschen Mittelstaaten*³³³ na Saxônia.

O próximo contato significativo com Treitschke aconteceu em junho de 1871 e foi mediado por Overbeck, o qual apresenta Nietzsche como uma estrela amigável (*freundlicher Stern*) e, junto a inúmeros outros elogios, declarou: “Nietzsche é o primeiro filólogo que eu encontrei, com quem pode-se conversar como não filólogo sobre a Antiguidade”³³⁴. Ele também falou de um ensaio estético que Nietzsche produziu e conta que sugeriu ao filósofo publicação na revista *Preußisches Jahrbuch*, da qual Treitschke era editor. Overbeck enviou anexo a esta carta o texto *Sócrates e a Tragédia Grega*, o qual Nietzsche imprimiu no período 30 exemplares por conta própria. O ensaio de Nietzsche foi um excerto do seu livro *NT*, que não se encontrava em suas mãos no momento. Por fim, Overbeck pediu para Treitschke escrever a Nietzsche com suas impressões sobre o texto³³⁵.

A resposta do historiador foi escrita no dia 4 de agosto de 1871. Treitschke diz que prefere responder a Overbeck e não a Nietzsche. Ele elogia o texto e solicita a Nietzsche uma adequação da forma de escrever seu texto ao grande público, caso Nietzsche o fizesse, seu texto seria bem-vindo à revista³³⁶. Com a reprovação parcial de Treitschke sobre o escrito do filósofo, Nietzsche não publicará este e nem nenhum outro texto na *Preußisches Jahrbuch*³³⁷, ainda assim, a despeito da rejeição do historiador, Nietzsche destinou-lhe um exemplar de o *NT*³³⁸.

Treitschke reage ao *NT* de forma muito crítica, porém ele não envia seus apontamentos diretamente a Nietzsche, mas a Overbeck. A carta data do dia 28 de julho de 1872. Como já expusemos, das cartas de Treitschke a que tivemos

³³² Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1866,515>. Acesso em 25/10/2017.

³³³ Neste período ele comprou e leu esta obra, mas não expressou opinião sobre ela. (BROBJER, 2007, p.176).

³³⁴ OVERBECK, 2008, p.58. Tradução nossa de: “Nietzsche ist der erste Philologe der mir begegnet ist, mit dem man als Nichtphilolog über das Alterthum reden kann“.

³³⁵ OVERBECK, 2008, p.58-60.

³³⁶ TREITSCHKE, 1919, p.331.

³³⁷ Informações retiradas das notas 368 e 369 de uma carta enviada a Rohde no mesmo período. Nesta Nietzsche conta ao amigo que imprimira os 30 exemplares por conta própria e que este era uma reelaboração de uma conferência. Também elucidou que possivelmente seria publicada parte da mesma conferência, com o tema dionisíaco e apolíneo, em um anuário. (NIETZSCHE, 2007a, p.200 e 529).

³³⁸ OVERBECK. 2008, p.62.

acesso, nenhuma foi enviada diretamente a Nietzsche e nas cartas de Nietzsche também não houve uma direcionada a Treitschke. Sendo assim, inferimos que não se estabeleceu nenhuma relação direta entre eles durante suas vidas depois que Nietzsche se tornou um professor universitário. Diferente da seleção de cartas enviadas de Overbeck para Treitschke, nas que o teólogo enviou para Nietzsche o nome do historiador não aparece. Se Overbeck e o filósofo debatiam sobre o historiador, deviam fazê-lo pessoalmente. Voltando à carta, a reação de Treitschke foi sempre muito crítica, tendo afirmado que enviou suas impressões para Overbeck pela falta de proximidade com o filósofo. Treitschke desaprovava o modo fantasioso com que Nietzsche escreveu o *NT*³³⁹, ele disse lamentar ver um talento significativo se perder com caprichos como o pássaro dionisíaco de Wagner³⁴⁰.

Overbeck responde a carta, no dia 8 de julho, dizendo que também identificava excessos na obra, como o agravamento estético da metafísica, mas elogiava a escrita original e os pensamentos profundos. Ainda disse que Nietzsche não merecia a forma como Treitschke o vinha ignorando e criticou Wilamowitz-Möllendorff pela polêmica em torno do *NT*, que poderia aumentar a propensão de Nietzsche a extravagância³⁴¹.

Mesmo com a reprovação a esta obra, Nietzsche também enviou sua *PI* a Treitschke. O teólogo endereçou uma carta no dia 1º de setembro de 1873 ao historiador informando-o disto e pedindo-lhe que expressasse alguma opinião sobre esta. Overbeck enviou-lhe outra carta no dia 23 de outubro, questionando o silêncio de Treitschke sobre o assunto³⁴², a qual foi respondida no dia 28 de outubro. A resposta de Treitschke foi muito dura, criticando a influência de Schopenhauer aos escritos de Nietzsche, bem como a visão negativa sobre a Alemanha de sua contemporaneidade demonstrada por Nietzsche nesta obra, e compartilhada por Overbeck. Outro ponto que o historiador reprovou profundamente em Nietzsche foi que havia “em seu tom uma provocante amarga

³³⁹ Posteriormente Nietzsche também se opôs à fantasia desta, bem como da *SI*, como já explicitamos no capítulo anterior.

³⁴⁰ PETER; BESTEBREURTJE, 2007. *In.*: OVERBECK, 2008, p.68.

³⁴¹ OVERBECK, 2008, p.69.

³⁴² OVERBECK, 2008, p.80.

nitidez que desafia a contradição”³⁴³. Overbeck o responde em uma longa carta no dia 14 de novembro defendendo, em linhas gerais, Nietzsche e Schopenhauer. O interesse que Nietzsche tinha por Treitschke não continuou após sua publicação da *PI* e a partir deste período forma-se um abismo entre eles³⁴⁴.

Em uma carta de 1 de novembro de 1874 Overbeck manifestou sua vergonha por Nietzsche perguntar-lhe se devia ou não enviar a Treitschke a *SI*, dada de sua rejeição à obra anterior. Overbeck ainda manifestou nesta carta sua esperança de ver Treitschke tornar-se schopenhaueriano.

Passados alguns anos, em 1881 Treitschke escreveu um artigo antisemita onde afirma “Os judeus são nossa desgraça”³⁴⁵, o que abala sua relação com Overbeck, apesar de ambos continuarem em contato até o fim da vida de Treitschke. No mesmo ano o historiador ainda escreveu a Overbeck afirmando: “Seu azar é esse extravagante Nietzsche”³⁴⁶.

Nietzsche só mencionou o nome de Treitschke publicamente em sua última fase. Neste período, com a relação de Treitschke e Overbeck abalada, ele não precisava mais levar em consideração os sentimentos do teólogo pelo historiador³⁴⁷. A primeira menção aconteceu na obra *BM*, em que afirmou:

Não deve surpreender, quando o espírito de um povo que sofre, que *quer* sofrer de febre nervosa nacionalista e ambição política, passam nuvens e perturbações várias, pequenos acessos de imbecialização: entre os alemães de hoje, num momento a imbecialidade antifrancesa, noutro a antijudaica, logo a antipolonesa, logo a cristã-romântica, ora a wagneriana, ora a teutônica, ou a prussiana (vejam-se esses pobres historiadores, esses Treitschke e Sybel, com suas cabeças bem amarradas), ou como quer que se chamem, esses breves enevoamentos do espírito e da consciência alemães³⁴⁸.

Nietzsche fez, neste aforismo, críticas tenazes ao nacionalismo de Treitschke, bem como às ideais que ele já abandonara no seu *break* da primeira para a segunda fase: o nacionalismo (prussiano e/ou teuto), o romantismo, o

³⁴³ TREITSCHKE, 1919, p.376 e 377. Tradução nossa de: „in seinem Tone ist eine aufreizende erbitternde Schärfe, die den Widerspruch herausfordert“.

³⁴⁴ BROBJER, 2007, p.177. Isso acontece, principalmente, por Nietzsche virar as costas ao nacionalismo alemão.

³⁴⁵ BROBJER, 2007, p.177. Tradução nossa de: „The Jews are our misfortune“.

³⁴⁶ TREITSCHKE, 1919, p.535. Tradução nossa de: „Dein Unglück ist dieser verschrobene Nietzsche“.

³⁴⁷ BROBJER, 2007, p.177.

³⁴⁸ NIETZSCHE, 2005a, p.142.

cristianismo e as ideias de Wagner. Ficou explicitada, neste aforismo, também sua simpatia aos franceses que, como já vimos na introdução, entraram no campo de interesse de Nietzsche em 1875. Ele também censura o repúdio a Polônia e aos Judeus. Gostaríamos de destacar aqui as críticas de Nietzsche à “imbecialidade antijudaica”. A partir desse aforismo³⁴⁹ é evidente que Nietzsche não era antisemita e que a obra *VP* era uma farsa. Ele ainda continuou algumas linhas a seguir: “os judeus são, sem qualquer dúvida, a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que atualmente vive na Europa; eles sabem se impor mesmo nas piores condições”. O filósofo ainda diz que os judeus deveriam ser estabelecidos, admitidos e respeitados em algum lugar e “para isso talvez fosse útil e razoável expulsar do país os agitadores antisemitas”³⁵⁰.

Retornando à relação com Treitschke, os comentários de Nietzsche em *BM* continuaram na obra *EC*, na qual denominou o historiador novamente como antisemita, afirmando: “Existe uma historiografia imperial-alemã, existe – eu temo – até mesmo uma historiografia anti-semita – existe uma historiografia **cortesã** e o senhor von Treitschke não tem a menor vergonha dela”³⁵¹ e, em uma dupla-crítica à corte prussiana e ao historiador, ainda afirma: “na corte prussiana, temo que se considere o senhor von Treitschke profundo”³⁵².

Como podemos perceber nestas páginas, num primeiro momento houve certa simpatia de sua parte em relação a Treitschke. Depois da *PI*, que foi escrita paralelamente ao afastamento de Nietzsche dos ideais nacionalista, ele e Treitschke começaram a desaprovar o pensamento um do outro. Overbeck tentou intermediar uma possível agradável relação entre ambos, porém, desistindo disso e tornando-se crítico de Treitschke no ano de 1881, quando o historiador junta ao seu nacionalismo o caráter antisemita. Mesmo assim, o historiador e o teólogo trocaram cartas até o final da vida, enquanto Nietzsche tornou-se extremamente contrário a Treitschke, passando a desaprová-lo também de forma pública.

³⁴⁹ Sua simpatia aos judeus também esteve presente em outro escritos do filósofo como, por exemplo, *GM*.

³⁵⁰ NIETZSCHE, 2005a, p.143-144.

³⁵¹ NIETZSCHE, 2009c, p.136.

³⁵² NIETZSCHE, 2009c, p.140.

3. Nietzsche Tardio e suas Concepções de História

3.1. Reflexões para além das obras publicadas

Se nos depararmos com alguma obra publicada, sem uma consulta prévia a outras fontes, podemos chegar a algumas ideias equivocadas sobre o filósofo, como “a exagerada visão da diferença – e independência – de Nietzsche do seu tempo”³⁵³. E assim chegaremos a conclusões como a de que ele era isolado, não era compreendido entre os seus pares e lia pouco. Porém, quando pesquisamos mais a vida do autor, percebemos que as coisas não são exatamente como Nietzsche afirmava em suas obras publicadas. Dentre as passagens em que Nietzsche proclama seu isolamento, encontramos uma no *Prelúdio em rimas alemãs* de sua obra *GC*. Neste ele declara:

A pena rabisca: que inferno!
Estarei condenado a garatujar? –
Então recorro audacioso ao tinteiro
E escrevo sinuosos risos de tinta.
Como tudo flui, tão largo, tão pleno!
Como me sai bem tudo o que faço!
É verdade que a escrita não é legível –
Que importa? Quem lê o que escrevo, enfim?³⁵⁴

Ao lermos os versos, notamos que Nietzsche se considera, no mínimo, um bom escritor, apesar de sua letra ilegível. Porém, ao fim ele lamenta-se com a pergunta: “Quem lê o que escrevo, enfim?”.

É correto afirmar que Nietzsche rompeu com diversos pensamentos e se desentendeu com inúmeras pessoas ao longo de sua vida ativa, porém não estava apartado da sociedade e podemos expor sua interação social com vários exemplos. O primeiro foi sua amizade com Overbeck. O teólogo permaneceu ao lado de Nietzsche até o fim da vida do filósofo, sendo seu amigo e leitor. Outros elementos que aproximam Nietzsche de seu tempo foram a leitura e apreciação de

³⁵³BROBJER, 2008, p.1. Tradução nossa de: “an exaggerated view of Nietzsche’s difference – and independence – from his time”.

³⁵⁴NIETZSCHE, 2012a, p. 47. Em alemão: „Die Feder kritzelt; Hölle das! Bin ich verdammt zum Kritzeln-Müssen? – So greif’ ich kühn zum Tintenfass Und schreib’ mit dicken Tintenflüssen. Wie läuft das hin, so voll, so breit! Wie glück mir Alles, wie ich’s treibe! Zwar fehlt der Schrift die Deutlichkeit – Was thut’s? Wer liest denn, was ich schreibe?“ (NIETZSCHE, 2012a, p.46).

Schopenhauer³⁵⁵, que não eram incomuns no século XIX, assim como o estudo da tragédia grega. Nietzsche manteve contato com inúmeras pessoas através de cartas de junho de 1850 até janeiro de 1889, das quais ainda temos acesso a 1256 escritas por ele e que foram publicadas, resultando hoje em 6 tomos e somam mais de 3 mil páginas³⁵⁶. Por causa de seu afastamento drástico de alguns intelectuais e de algumas de suas ideias, Nietzsche se sentia, em especial nos seus últimos anos de vida, solitário. Porém, isso não o impediu de manter contato com as pessoas por meio de cartas³⁵⁷, nas quais ele descrevia minuciosamente sua rotina aos amigos, colegas e familiares³⁵⁸.

Outra afirmação que ocultava em suas obras foi seu intenso nível de leitura. Um ano antes de sofrer seu colapso mental ele afirmou em *EH*:

E meus olhos, só eles, já se puseram um fim em meus hábitos de rato de biblioteca – alemão: filologia – e eu estava livre do “livro” e durante anos não li mais nada: o **maior** favor que eu jamais provei a mim mesmo... Aquele mais baixo dos seres, sorrateiro e ao mesmo tempo acalmado sob uma constante **arte-de-ouvir** o que os outros diziam (e é isso que significa ler!) despertou devagar, tímida e duvidosamente – até que enfim **voltou a falar**.³⁵⁹

A leitura do trecho nos remete a ideia de que Nietzsche abandonou seus hábitos de leitura. Tal impressão parece se confirmar por seus livros publicados ao final de sua vida, nos quais poucos autores contemporâneos são mencionados. Porém, apesar das críticas frequentes aos livros e aos leitores nas obras de Nietzsche, na verdade ele continuou a ler muito e prezava por boas bibliotecas³⁶⁰.

Há um artigo de Brobjer no qual ele analisa as leituras de Nietzsche e sua biblioteca privada. Na primeira página do artigo, Brobjer afirma sobre Nietzsche: “Ele critica a leitura porque não é suficientemente afirmativo da vida e dionisíaca [...]. Ele também a critica por tornar as pessoas reativas e forçá-las a se preocupar

³⁵⁵ O próprio Nietzsche afirma em uma carta, referindo-se a Basiléia: “Aqui temos uma filosofia da música muito profundamente conectada a Schopenhauer”. Tradução nossa de: “*Hier haben wir eine überaus tiefe Philosophie der Musik im strengen Anschluß an Schopenhauer*“. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1870,107>. Acesso em: 01/09/2017.

³⁵⁶ NIETZSCHE, 2005b, NIETZSCHE, 2007a, NIETZSCHE, 2009b, NIETZSCHE, 2010, NIETZSCHE, 2011 e NIETZSCHE, 2012c.

³⁵⁷ BROBJER, 2008, p.18.

³⁵⁸ 1072 de suas 1256 cartas foram escritas entre 1882 e 1889, ou seja, sua terceira fase.

³⁵⁹ NIETZSCHE, 2009c, p.101.

³⁶⁰ BROBJER, 1997. Em uma carta à Elisabeth Förster ele afirma “*one cannot even with ten horses draw me to a place where, if I am correctly informed, not even a good library is to be found.*” NIETZSCHE *apud* BROBJER, 1997, p.164.

com o pensamento dos outros ao invés dos próprios”³⁶¹. Tendemos a acreditar no autor, principalmente quando as informações concernem aos seus últimos anos de vida, quando Nietzsche sofria vários problemas de saúde. Porém, quando deixamos suas obras publicadas e analisamos outras fontes, percebemos que as afirmações de Nietzsche não se confirmam. Inclusive, quando a saúde impossibilitava sua leitura ou sua escrita, o que acontecia com frequência na sua terceira fase, Nietzsche pedia a ajuda da família e de amigos³⁶².

É impressionante o número de livros que constam na biblioteca de Nietzsche ainda hoje. Esta consiste em cerca de 900 títulos, 1000 volumes. Desses, Brobjer estima que Nietzsche leu ou usou 200 entre 1885 e 1888, o período final da sua vida e em que sua saúde estava mais debilitada. Ele comprou, entre 1885 e 1888, 60 livros publicados nesse período. Entre os quais, 25 apresentam marcas, cerca de 25 não apresentam marcas e 9 contêm anotações³⁶³. Ele também comprou, nessa época, livros que foram publicados anteriormente. Não há como precisar números, mas Brobjer supõe que foram comprados cerca de 100 livros nos últimos anos de sua vida. Nietzsche ainda pegou emprestado um número significativo de livros com seus amigos pelo correio. Sendo assim, quando lemos em *EH* a afirmação de que Nietzsche “não manteve um livro em sua mão por meio ano”³⁶⁴ esta é incorreta³⁶⁵, pois ele também visitou, nos quatro últimos anos de vida, várias bibliotecas³⁶⁶.

Conforme explicitamos acima, diferente da tentativa de produzir uma lenda a partir da imagem de Nietzsche, o filósofo era mais comum do que podemos imaginar, um homem entre tantos de seu tempo. Seu pensamento

³⁶¹ BROBJER, 1997, p.663. Tradução nossa de: “*He criticizes reading because it is not sufficiently life-affirming and Dionysian. [...] He also criticizes it for making one reactive and forcing one to be concerned with the thoughts of others than with one's own*”.

³⁶² BROBJER, 2008, p.12.

³⁶³ BROBJER, 1997, p. 665 e 679.

³⁶⁴ BROBJER, 1997, p. 666. Tradução nossa de: “*not have held a book in his hand for a half year*”.

³⁶⁵ BROBJER, 1997, p.665. Como o objetivo desta dissertação não são as leituras de Nietzsche, acreditamos que os argumentos apresentados até agora são suficientes para entendermos que Nietzsche lia mais do que afirmava em suas obras publicadas. Porém, caso queira-se aprofundar o estudo sobre as leituras de Nietzsche, em especial no final de sua vida, recomendamos a leitura do artigo *Nietzsche Reading and Private Library, 1885-1889* de Thomas Brobjer. No final deste, inclusive, há dois apêndices. Um com as leituras de Nietzsche de 1885 até 1889 e outro com os livros que constam na biblioteca de Nietzsche do mesmo período.

³⁶⁶ BROBJER, 2008, p.14.

independente foi consolidado apenas em sua terceira fase, como podemos ver no fragmento abaixo:

Pelo menos até a década de 1880, ele era um pensador inesperadamente convencional, emprestando mais de outros pensadores, incluindo seus contemporâneos, do que já foi reconhecido antes. O jovem Nietzsche compartilhou não só seu amor com a antiguidade e seu silêncio sobre a cristandade com a maioria dos filósofos em seu tempo, mas também sua fidelidade a Schopenhauer e Wagner, sua preocupação com a tragédia e o pessimismo e sua elevação de valor artístico e perspectiva. Essas atitudes eram bastante típicas dos pensadores durante as décadas de 1860 e 1870 e se refletem em uma série de livros e artigos filosóficos da época. O pessimismo e o interesse pela filosofia de Schopenhauer eram especialmente comuns entre os filósofos amadores. Na verdade, em seu início, Nietzsche era típico o suficiente para ser selecionado como representativo de um certo tipo de pensador filosófico não-acadêmico.³⁶⁷

Em nota ao trecho citado acima, Brobjer ainda afirma que, por vezes, Nietzsche se aproximou do plágio, citando ideias sem as referenciar.

Muitas vezes os pesquisadores que estudam Nietzsche consideram que o filósofo tenha nascido póstumo³⁶⁸, ou seja, antes de seu tempo. Isso se evidencia em suas próprias afirmações, como quando escreve que “alguns nascem póstumos”³⁶⁹ e se incluiu entre estas pessoas. Porém, a partir dos dados expostos, concluímos que Nietzsche não estava tão deslocado de seu tempo quanto imaginava. Mesmo que não tenha sido rodeado de pessoas no seu dia-a-dia, ele não deixou de se comunicar através de cartas e, como vários outros pensadores do

³⁶⁷ BROBJER, 2008, P 2 e 3. Tradução nossa de: “*At least until the 1880s, He was an unexpectedly conventional thinker, borrowing more from other thinkers including his contemporaries, than has been recognized before now. The young Nietzsche shared not only his love of antiquity and his silence about Christianity with most philosophers of his time but also his allegiance to Schopenhauer and Wagner, his concern with tragedy and pessimism, and his elevation of artistic value and perspectives. These attitudes were rather typical of thinkers during the 1860s and 1870s and are reflected in a number of books and philosophical articles of the time. Pessimism and an interest in Schopenhauer’s philosophy were especially common among amateur philosophers. In fact, the early Nietzsche was typical enough to be selected as representative of a certain type of nonacademic philosophical thinker.*”

³⁶⁸ Como, por exemplo, Mário Ferreira dos Santos ao escrever a sua obra *O Homem que Nasceu Póstumo* (1954). Oswaldo Giacóia Junior também declara que Nietzsche já “sabia que nascera póstumo” (2000, p.68).

³⁶⁹ Encontramos esta afirmação em sua obra *Ecce Homo*, onde Nietzsche disse “Tampouco é ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos” (1995, p.52) e em uma carta a Carl Fuchs onde ele declarou que: “Alguns nascem postumamente” referindo a si mesmo. Tradução nossa de: “*Einige werden posthum geboren*”. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1888,1096>. Acesso em: 01/05/2017.

século XIX, também foi lido por intelectuais em seu meio, bem como leu os mesmos. Podemos ver isso em seu intenso nível de leitura e na inserção de suas obras nos debates intelectuais da época³⁷⁰. Feitas estas discussões sobre os certos equívocos que podemos ter ao ler apenas a partir das obras publicadas, passemos a análise das obras do último período de Nietzsche.

3.2 A Relação de Nietzsche com o Conhecimento Histórico

É praticamente inexistente o estudo sobre as concepções de história da terceira fase de Nietzsche no Brasil. Via de regra os historiadores de nosso país que atentam ao conceito de história em Nietzsche, normalmente o fazem a partir da *SI*³⁷¹, na qual Nietzsche se posicionava contrariamente à tradição historiográfica dominante, denominando suas escritas de história como: história acumulativa, febre histórica, excesso de lembrança etc. Esta obra, comentada em nosso primeiro capítulo, pertence ao início da produção intelectual do filósofo. Levando-se em consideração esta carência de estudos sobre Nietzsche no campo da História das Ideias, sentimos a necessidade de entender como o filósofo se porta em relação à história em sua maturidade. Para tal empreendimento, nosso suporte teórico principal foi o historiador das ideias Brobjer, que se dedicou a estudar a forma como Nietzsche via a história em seu último período e, por isso, seu trabalho foi de grande ajuda para a escrita de nossa dissertação. Nosso interesse em pesquisar a história na terceira fase de Nietzsche leva em consideração as rupturas do filósofo com vários modelos de pensamento ao longo de sua vida. Nosso trabalho busca compreender o que Nietzsche entendeu por história em sua terceira fase, com a intenção de desenvolver um novo olhar nos estudos nietzschianos produzidos no Brasil.

Parte dos documentos sobre Nietzsche e os historiadores em sua terceira fase já foram trabalhados no capítulo anterior, a saber, as relações de Nietzsche com e impressões de Nietzsche sobre três historiadores: Ranke, Burckhardt e Treitschke. Sobre o primeiro, notamos as reprovações de Nietzsche, ao longo de toda sua vida, em relação à maneira de Ranke escrever e pensar a história,

³⁷⁰ Um dos exemplos foi a polêmica da obra *NT*, que discutimos no primeiro capítulo.

³⁷¹ BARROS, 2010; CALDAS, 2006; REIS, 2006; et al.

aspirando à objetividade e prezando o estudo acadêmico. Outro fato que fez Nietzsche estar muito incomodado com este historiador era a profunda religiosidade deste. O segundo historiador, Burckhardt, foi de longe um dos historiadores³⁷² que Nietzsche mais admirou e prezou em todas as fases. A crença do historiador da cultura a Deus era tolerada por Nietzsche, diferente do que aconteceu com Ranke, e, mesmo com uma relação distante e polida, os dois mantiveram um relacionamento relativamente estável ao longo da vida. O último historiador, o nacionalista Treitschke, foi um intelectual do qual Nietzsche tentou aproximar-se no início de sua carreira, quando ainda demonstrava certa simpatia ao nacionalismo, devido a proximidade desse com Overbeck, porém, a tentativa não durou muito tempo. Com uma relação que nunca se concretizou, Nietzsche se manteve em silêncio em relação ao pensamento do historiador por um longo período, sua primeira crítica e menção pública ao nome do historiador foi na obra *BM*, quando Overbeck e Treitschke já tinham uma relação abalada e estremecida pelo antissemitismo do historiador. Feita essa rápida síntese da relação de Nietzsche com tais historiadores, passamos às concepções de Nietzsche sobre a história nas suas obras finais.

Trabalhamos, no capítulo anterior, a relação apenas com os três historiadores supracitados. Porém, gostaríamos de sublinhar que a relação de Nietzsche com os eruditos da história não se resume, de maneira nenhuma, apenas a estes três intelectuais. Nietzsche tinha um vasto conhecimento em história que provinha de sua formação, pois “foi profissionalmente e com sucesso educado como um filólogo clássico, ou, em outras palavras, como um historiador³⁷³”. Inclusive, conforme já vimos, a história estava sendo institucionalizada como um campo acadêmico neste período. Nietzsche conhecia os historiadores clássicos, como Heródoto, Xenofonte, Tácito, Políbio, Lívio e Tucídides, bem como incontáveis historiadores do século XIX, como Mommsen, Niebuhr, Droysen, Grote, Gibbon, Sybel, Buckle, Carlyle, Gervinus, Herder, Lobeck, Michelet, Wolf, Taine, etc³⁷⁴.

³⁷² Ao lado do francês Taine em sua terceira fase: “Sua admiração por Taine é tamanha, tanto que a relação de Nietzsche com Rohde é abalada pela crítica que este fez ao historiador francês.” (BROBJER, 2004, p.314).

³⁷³ BROBJER, 2004, p.311. “*Nietzsche was professionally and successfully educated as a classical philologist or, in other words, as a historian.*”

³⁷⁴ BROBJER, 2004, p.312; BROBJER, 2007; JENSEN, 2013.

A obra que marca o início da terceira fase de Nietzsche foi *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*³⁷⁵. Nela, Nietzsche conseguiu escrever um romance para expor ideias centrais do seu pensamento. O livro tinha como personagem principal Zaratustra, que vivia recluso nas montanhas e desceu-as para compartilhar suas ideias junto ao povo. Ele se torna um andarilho que propaga ensinamentos e convive com discípulos. Esta obra, apesar de ser muito marcante para Nietzsche, não será assunto de nossas discussões, pois nela não há uma discussão direta sobre o nosso tema.

3.3. As Resignificações da História em Nietzsche

Antes de iniciarmos a análise dos documentos, gostaríamos de atentar às principais mudanças de Nietzsche entre sua primeira e última fase. Como já vimos na introdução, logo após Nietzsche escrever a sua *SI*, ele mudou drasticamente as suas concepções intelectuais, rompendo com Wagner e Schopenhauer, por exemplo. As três formas de história que Nietzsche elaborou nesta obra; a história monumental, a história antiquária e a história crítica; não foram mais mencionadas em escritos posteriores de Nietzsche. Com este rompimento, seus ideais metafísicos, suas visões sobre o remédio para a história, elaborados a partir dos conceitos de a-histórico e supra-histórico (que transcendem a história), também não foram mais evocados em seus escritos posteriores. Tanto seus amigos e conhecidos, quanto o próprio Nietzsche, parecem ter pouco ou nenhum interesse nesta obra após sua publicação. O filósofo também quase nunca se referiu a esta ou qualquer outra intempestiva em seus livros, cartas e cadernos de anotações posteriores³⁷⁶. Em 1877 ele escreveu sobre os seus escritos em uma nota:

Quero informar expressamente os leitores dos meus escritos anteriores [ou seja, o Nascimento da Tragédia e as Meditações Intempestivas] que eu abandonei as visões metafísico-artísticas e o que as governam fundamentalmente: são agradáveis, mas

³⁷⁵ O livro foi escrito em quatro partes, as partes I e II foram escritas no ano de 1883, a parte III no ano de 1884 e a parte IV no ano de 1887.

³⁷⁶ BROBJER, 2004, p.301-303.

insustentáveis. Aquele que fala publicamente cedo geralmente é rapidamente forçado a recuar publicamente suas declarações.³⁷⁷

Um ano depois ele também considerou a *SI* como “uma tentativa de *fechar* os olhos contra a história e o conhecimento que adquirimos através da história”³⁷⁸.

Nietzsche evitou elogios e críticas a sua *SI* em sua terceira fase, ele apenas fazia declarações sobre a *PI*, a *TI* e a *QI*, e quando se pronunciou acerca destas obras ele costumava criticar aspectos gerais do seu pensamento na juventude, o que incluía indiretamente a *SI*.³⁷⁹ O único comentário positivo acerca desta obra está presente no livro *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*³⁸⁰ que foi escrito poucos meses antes do colapso mental de Nietzsche, onde ele afirmou:

A **segunda** extemporânea (1874) traz à luz o aspecto perigoso, que corrói e envenena a vida no modo através do qual operamos a ciência: a vida **enferma** por causa dessas roldanas e mecanismos desumanizados, por causa da “**impessoalidade**” do trabalhador, por causa da falsa economia da “divisão do trabalho”³⁸¹.

Brobjer acredita que os elogios a *SI* nesta obra, que destoam das afirmações e concepções durante a segunda e terceira fase de Nietzsche, pode ter sido proveniente da sua crescente megalomania neste período em um nível em que ele evita reconhecer erros anteriores³⁸².

Depois de publicar os excertos de *AZ*, Nietzsche publicará *Para além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma filosofia do futuro*. A obra foi escrita de forma simultânea a *AZ* a partir de reflexões e anotações entre os anos de 1884 e 1885.

³⁷⁷ NIETZSCHE, 1877. In.: BROBJER, 2004, p.304. Tradução nossa de: “*I want expressly to inform the readers of my earlier writings [i.e., The Birth of Tragedy and the Untimely Meditations] that I have abandoned the metaphysical-artistic views that fundamentally govern them: they are pleasant but untenable. He who speaks publicly early is usually quickly forced to publicly retreat his statements*”.

³⁷⁸ NIETZSCHE, 1878. In.: BROBJER, 2004, p.306. Tradução nossa de: “*An attempt to close the eyes against the knowledge we get through history*”.

³⁷⁹ BROBJER, 2004, p.308.

³⁸⁰ *Ecce Homo*, que traduzido do latim para o português significa “Eis o homem”, foi o que Pôncio Pilatos disse aos judeus ao apresentar Jesus Cristo. Esta obra seria uma autobiografia de Nietzsche escrita em 1888 e nela Nietzsche fez comentários acerca de todas as suas obras publicadas previamente. Não iremos analisar os trechos da obra de forma sequencial, mas eles serão diluídos ao longo do capítulo.

³⁸¹ NIETZSCHE, 2009c, p.89.

³⁸² BROBJER, 2004, p.310.

Sua primeira impressão, com 300 exemplares, foi publicada apenas no ano de 1886³⁸³.

Como já vimos no capítulo anterior, Nietzsche fez, no aforismo 251 da obra, críticas à “febre nervosa nacionalista” de Treitschke e de Sybel, que levou à intolerância em vários aspectos. Neste aforismo o filósofo ainda enfatizou o antisemitismo. Ele também mencionou Michelet no Aforismo 209, como podemos ver abaixo:

Graças ao caráter indomavelmente viril e tenaz dos grandes filólogos e historiadores-críticos alemães (que examinados atentamente, foram também artistas da destruição e desagregação), estabeleceu-se pouco a pouco, apesar de todo o romantismo em música e filosofia, um conceito *novo* do espírito alemão, em que a tendência ao ceticismo viril predominava decididamente [...]. Pode haver boas razões para que gente humanitária, superficial, de sangue quente faça o sinal da cruz diante desse espírito: *cet esprit fataliste, ironique, méphistophélique* como o denomina Michelet, não sem um calafrio.³⁸⁴

Não é surpreendente a citação ao historiador francês, levando em consideração o grande interesse de Nietzsche por franceses no período. Porém, a partir deste fragmento, Nietzsche pareceu ter uma concepção surpreendente nova e positiva sobre os filólogos e historiadores alemães, uma afirmação como esta não apareceria em meio a seus escritos iniciais, *NT* e *SI*. Todavia, é difícil inferir nomes a tais filólogos e historiadores críticos alemães, já que Nietzsche retirou o nome dos historiadores que havia citado neste trecho, provavelmente por ter mudado de opinião. Quanto ao primeiro grupo, seria muito possível que seu amigo Rohde e seu professor de filologia Ritsch estivessem inclusos. Já no segundo grupo temos dificuldades, a partir dos escritos de Nietzsche, de mencionar alguém para além de Burckhardt. Nietzsche também mencionou nesta obra outro historiador francês que ele admirava muito, Taine. A menção a este foi muito breve, pois Nietzsche apenas disse que Taine era “o *primeiro* historiador vivo”³⁸⁵.

³⁸³ SOUZA. *In.*: NIETZSCHE, 2005a, p.230.

³⁸⁴ NIETZSCHE, 2005a, p.103. Em uma versão deste aforismo anterior a esta ele lista como historiadores-críticos: Lessing, Herder, Kant, Wolf e Niebuhr (BROBJER, 2004, p.315).

³⁸⁵ NIETZSCHE, 2005a, p.147.

Em *EH*, quando Nietzsche dissertou sobre esta obra, *BM*, ele fez o seguinte comentário sobre o sentido histórico:

Este livro (1886) é, em tudo que ele tem de essencial, uma **crítica da modernidade**, incluídas as ciências modernas, as artes modernas e até mesmo a política moderna [...]. Todas as coisas das quais a época se orgulha são sentidas como objeção a esse tipo, quase como se fossem maus modos: a famosa “objetividade”, por exemplo, a “compaixão por tudo o que sofra”, o “sentido histórico” como uma sujeição ante o gosto estranho com sua prostração ante *petits faits*, a “cientificidade”³⁸⁶.

Olhando para trás, Nietzsche via esse livro como basicamente a todos seus outros livros, uma crítica a seu tempo. É necessário ressaltar que Nietzsche não mencionou, neste aforismo, este livro como uma crítica à religião cristã, que era um aspecto central em seus escritos da terceira fase. Ele apontou aqui como o livro foi uma crítica à modernidade a partir da ciência.

A próxima obra que Nietzsche publicou foi *Genealogia da Moral: uma Polêmica*, escrita no ano de 1887. A intenção de Nietzsche ao escrevê-la era a de ser um complemento de *BM*, mas acabou se tornando uma obra independente. Com a intenção de mostrar como a humanidade chegou ao estágio atual, Nietzsche optou por um estudo genealógico da mesma³⁸⁷. Nesta sua obra ele mencionou dois historiadores em um mesmo fragmento: Taine e Ranke.

Obviamente, em seu aforismo 19 da Terceira Parte da *GM*, Nietzsche elogiou Taine e criticou Ranke. Ele censurou o padre católico Jensen e seu quadro da Reforma Protestante, questionou o que aconteceria se alguém contasse sobre o movimento de outro modo que “não mais com a cuidadosa e adocicada pureza dos historiadores protestantes, mas com uma intrepidez *à la* Taine, a partir de uma *fortaleza da alma*, e não de uma prudente indulgência para com a força?”³⁸⁸. Após este elogio ao historiador francês, Nietzsche deu um exemplo de homem prudente a partir de Ranke:

Os alemães, diga-se de passagem, chegaram a produzir afinal bastante bem o tipo clássico dessa indulgência – bem podem reivindicá-lo com todo o direito: o seu Leopold Ranke, esse

³⁸⁶ NIETZSCHE, 2009c, p.127 e 128.

³⁸⁷ SOUZA. *In.*: NIETZSCHE, 2009a, p.159.

³⁸⁸ NIETZSCHE, 2009a, p.119.

clássico *advocatus* de toda *causa fortior* [causa mais forte], esse mais que prudente entre todos os prudentes “homens positivos”.³⁸⁹

Nietzsche denominou Ranke como um homem positivo. Já dissertamos, no capítulo anterior, sobre como o olhar acerca dos historiadores alemães do século XIX, que prezavam a história a partir de aspectos científicos, acaba, por vezes, remetendo a um erro: associá-la com o positivismo, algo que Ranke certamente não era. Isso não quer dizer que não existiam historiadores positivistas, o problema com afirmações como esta está em qualificar o positivismo apenas de forma depreciativa, sem considerar as suas contribuições e peculiaridades. Porém, mesmo se considerarmos estas últimas, Ranke ainda não estaria compreendido nessa tendência.

Ao fazer uma análise de *GM*, não se pode deixar de lado o conceito de genealogia, que, em Nietzsche, estava diretamente ligado ao de história. Marton preocupou-se em explicar o conceito, a partir de Nietzsche, em contraposição ao de genética. Segundo seu entendimento, “o procedimento genético apresenta-se como busca da origem das coisas. E, enquanto tal, pressupõe dois postulados. Trata-se de apreender o que são as coisas; o que sempre foram e o que sempre serão; de descobrir sua essência”³⁹⁰. Já o procedimento genealógico faz crítica às noções de essência e verdade. Ao propor-se a fazer um exame genealógico da verdade a partir de Nietzsche, Marton partiu para duas perspectivas:

Por um lado, interroga-se sobre a proveniência dessa noção que foi atribuída às coisas, tentando-se desvendar qual a força que lhas conferiu. Por outro investiga-se o valor dessa proveniência, apontando-se a vontade que anima a força que se apoderou das coisas, atribuindo-lhes a noção de “verdade”.³⁹¹

A intenção de Nietzsche com essa obra foi ver a genealogia para além de um conhecimento das origens, despreendendo-se da pesquisa no sentido de acúmulo de informações³⁹². Ele viu a moral da tradição cristã, predominante no ocidente, como uma contra natureza³⁹³.

³⁸⁹ NIETZSCHE, 2009a, p.119.

³⁹⁰ MARTON, 1979, p.63.

³⁹¹ MARTON, 1979, p.63.

³⁹² Que, para ele, como já vimos, era como alguns historiadores faziam suas pesquisas.

³⁹³ PASCHOAL, 2005, p.72.

Michel Foucault em seu ensaio, *Nietzsche, a Genealogia e a História*, também esclarece o método genealógico a partir de Nietzsche, contrapondo-o à metafísica. Foucault observa que o Nietzsche genealogista prefere ouvir a história que acreditar na metafísica. Para os dois, Nietzsche e Foucault, a genealogia não pretende chegar nas raízes, mas mostrar as discontinuidades e romper com as noções de verdade³⁹⁴. Ao fazer sua genealogia da moral, Nietzsche analisou como a mesma foi elaborada por um certo tipo de historiador em seu aforismo 2 da primeira dissertação:

Todo o respeito, portanto, aos bons espíritos que acaso habitem esses historiadores da moral! Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história! Todos eles pensam, como é velho costume entre os filósofos, de maneira a-histórica; quanto a isso não há dúvida. O caráter tosco de sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”³⁹⁵.

Para Nietzsche este conceito foi se desenvolvendo como utilidade, esquecimento, hábito e erro³⁹⁶. O filósofo problematizou neste aforismo o bom a partir dos ideais cristãos. Está claro, neste aforismo, que o grande problema de Nietzsche em sua terceira fase não era a história, mas quem a escreve: alguns tipos de historiadores, os da moral. O problema de Nietzsche com a história que não serve diretamente a vida, evidente em sua primeira fase, parece ter sido sanado, todavia não o problema com quem escreve a história: o historiador. Nietzsche identifica o historiador que pensa a partir da moral como um esquecedor e o assemelha ao filósofo. O problema de ambos era pensar a-historicamente³⁹⁷, não lembrar um certo período muito importante para Nietzsche: o momento que precede o cristianismo e o platonismo: a Grécia trágica, pré-cristã e pré-socrática, quando o trágico seria disseminado na sociedade.

A historiografia moderna foi comentada novamente na última parte deste livro, no fragmento de número 26 onde Nietzsche afirmou:

³⁹⁴ FOUCAULT, 1979.

³⁹⁵ NIETZSCHE, 2009a, p.16.

³⁹⁶ NIETZSCHE, 2009a, p.16.

³⁹⁷ Contrária a avaliação de Nietzsche em sua *SI*, aqui o esquecimento e o a-histórico são vistos de forma negativa.

Ou quem sabe a historiografia moderna demonstrasse uma maior certeza de vida, certeza de ideal? Sua pretensão mais nobre está em ser *espelho*; ela rejeita qualquer teologia; nada mais deseja “provar”; desdenha fazer de juiz, vendo nisto seu bom gosto – ela não afirma, e tampouco nega, ela constata, “descreve”... [...] Quanto àquela outra espécie de historiadores, ainda mais “moderna” talvez, espécie folgazã, voluptuosa, que flerta simultaneamente com a vida e com o ideal ascético, que usa a palavra “artista” como uma luva e que hoje monopolizou inteiramente o elogio da contemplação [...] ³⁹⁸

A primeira forma de historiografia descrita por Nietzsche era denominada como asceta, niilista e com um alto grau de precisão. Apesar de Nietzsche estar falando de historiadores neste fragmento, ele exemplificou a partir de uma pessoa que não é denominada como tal: Dühring³⁹⁹. Para Nietzsche ele foi um destes niilistas históricos, também denominado a-histórico e anti-histórico. O segundo grupo descrito nesta dissertação, que Nietzsche denominou como contemplativos, objetivos de cátedra, hedonistas da história, meio pároco, meio sátiro, era exemplificado por Renan⁴⁰⁰. Após a crítica a esta segunda forma de historiador, Nietzsche desenvolveu críticas tenazes aos que ele denominava “novos especuladores do idealismo”, antisemitas e modo-cristão-ariano-homem-de-bem. Críticas a partir das quais ele também fez crítica ao nacionalismo alemão e mencionou o trecho do hino nacional tão exaltado no período nazista “*Deutschland, Deutschland über alles*” e que hoje não faz mais parte do hino nacional alemão.

A próxima obra de Nietzsche foi a primeira de cinco escritas em seu último ano de lucidez, ela foi *O Caso Wagner: um problema para músicos*. Nesta Nietzsche apresentou os motivos pelos quais se afastou do músico. Ainda que nela discussão sobre historiografia e historiadores fosse praticamente inexistente, o

³⁹⁸ NIETZSCHE, 2009a, 134 e 135.

³⁹⁹ É possível que Karl Eugen Dühring (1833-1921) fosse o filósofo mais lido por Nietzsche depois de Schopenhauer e Platão. Nietzsche tinha conhecimento do filósofo como um schopenhaueriano em 1868 e pode ter lido algo dele neste momento, mas a leitura intensiva sobre Dühring aconteceu apenas em 1875. Em 1875 tinha mais opiniões contrárias do que em concordância com o filósofo. Nietzsche possuiu 7 obras de Dühring, apenas duas destas sem anotações. Cerca de 1884-1885, ele comprou, leu e anotou na autobiografia de Dühring, que era nacionalista e antisemita. (BROBJER, 2008, p.66)

⁴⁰⁰ Nos anos de 1878 e 1879 Nietzsche tinha muito interesse no pensamento francês, incluindo o historiador das religiões Ernst Renan (1823-1892), a quem Nietzsche se tornou um crítico. (BROBJER, 2008, p.73). A obra de Renan denominada *A vida de Jesus* foi uma das que contribuiu para que Nietzsche desenvolvesse alguns dos importantes conceitos trabalhados em *OA*. (BROBJER, 2008, p.104).

filósofo chegou a mencionar o nome de Niebuhr⁴⁰¹, sem fazer nenhuma reflexão acerca do mesmo. Porém, Nietzsche fez dois pós-escritos a esta obra. No primeiro ele discutiu de maneira breve sobre a história e afirmou que a adesão a Wagner custou caro e que o músico não teve sucesso por três quartos da vida e que mesmo após seu sucesso, ele era suspeito entre os alemães que demonstram um grau de saúde. Assim, ele afirmou que, diferente da França, “os alemães, os retardados por excelência na história, são hoje os mais atrasado entre os povos de cultura da Europa: isso tem sua vantagem – de tal modo são relativamente o mais jovem”⁴⁰². O suposto atraso que Nietzsche relatou neste trecho refere-se à unificação tardia da Alemanha, que já mencionamos anteriormente. Pelo seu relato, Nietzsche considerou isto positivo, pois fez com que Wagner não atingisse popularidade no país.

Se Nietzsche não atacou a história no *CW*, atacou os historiadores em seu comentário acerca da mesma em *EH*, onde disse:

Mas nada aqui deve perturbar minha intenção de ser rude e de dizer algumas verdades aos alemães: **se eu não o fizer, quem o fará?**... Eu falo de sua indecência *in historicis*. Não apenas que o **olhar amplo** para o caminho, para os valores da cultura fugiu completamente às mãos dos historiadores alemães, que todos eles são bufões da política (ou da igreja...): esse olhar amplo inclusive foi **mandado ao exílio** por eles. Primeiro alguém tem de ser “alemão”, ter “raça”, para aí poder decidir *in historicis* a respeito de todos os valores e desvalores – a gente os determina... “Alemão” é uma argumento, “Alemanha, Alemanha sobre tudo”⁴⁰³ um princípio, os germanos são a “ordem mundial da decadência” na história; em relação ao século XVIII, os reestabelecedores da moral, do “imperativo categórico”...⁴⁰⁴

Neste fragmento, Nietzsche repete as críticas que já fizera em outros acerca dos historiadores. As possíveis conexões de historiadores à política, o que Nietzsche considerava inadmissível, mesmo que ele próprio o tenha feito em sua juventude. Um dos historiadores que se ligou à política, bem como a religião, foi Ranke. Ele também criticou, neste fragmento, Treitschke e seu inaceitável

⁴⁰¹ NIETZSCHE, 1999, p.17.

⁴⁰² NIETZSCHE, 1999, p.36.

⁴⁰³ Referência ao trecho alemão do hino nacional comentado no fragmento anterior.

⁴⁰⁴ NIETZSCHE, 2009c, p.136.

antisemitismo, algumas linhas abaixo do excerto que colocamos aqui, Nietzsche citou o historiador nominalmente.

Ele ainda maldiz, nos comentários desta obra em *EH*, a falsa leitura de sua obra em alemão:

Meus leitores e ouvintes naturais já são hoje russos, escandinavos e franceses – será que eles sempre serão, será que aumentarão?... Os alemães estão inscritos a história do conhecimento apenas com nomes duvidosos, eles apenas produziram moedeiros falsos “inconscientes” (Fichte, Schelling, Schopenhauer, Hegel, Schleiermacher, assim como Kant e Leibniz): eles jamais devem merecer a honra de ver que o primeiro espírito **íntegro** na história do espírito, o espírito no qual a verdade sobre a falsificação praticada durante quatro séculos é levada ao tribunal, é relacionado como parte do espírito alemão.⁴⁰⁵

A próxima obra, *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com um martelo*, foi escrita em *Sils-Maria* em um curto espaço de tempo, pois o filósofo incorporou parte do material que seria usado quando publicasse sua obra prima nunca publicada, a *VP*⁴⁰⁶. A primeira menção ocorreu em um aforismo muito curto que afirmou: “Em busca dos primórdios, nos tornamos caranguejos. O historiador olha para trás; por fim, também *acredita* para trás”⁴⁰⁷. Porém, se Nietzsche pareceu se incomodar com o olhar ao passado neste aforismo, se incomoda também com a ausência do mesmo nos estudos filosóficos:

Os senhores me perguntam quais são as idiosincrasias dos filósofos?... Por exemplo, sua falta de sentido histórico, seu ódio à própria ideia de *devoir*, seu egípcianismo. Eles acreditam *honrar* uma coisa ao despojá-la de seu aspecto histórico *sub specie aeterni* – ao fazer dela uma múmia. Tudo o que os filósofos manusearam há milênios foram múmias conceituais; nenhuma realidade escapou viva de suas mãos. Esses idólatras de conceitos matam e empalham quando adoram – tudo corre perigo de morte quando adoram.⁴⁰⁸

A crítica de Nietzsche à falta de sentido histórico pareceu ser sua crítica ao modelo socrático, que culminou no modelo cristão de pensamento por dois mil

⁴⁰⁵ NIETZSCHE, 2009c, p.138 e 139.

⁴⁰⁶ SOUZA. *In.*: NIETZSCHE, 2006.

⁴⁰⁷ NIETZSCHE, 2012d, p.22.

⁴⁰⁸ NIETZSCHE, 2012d, p.34.

anos⁴⁰⁹, bem como a consideração da razão na filosofia, apresentada neste trecho a partir dos conceitos, que se iniciaram com Sócrates também. Do mesmo modo que a falta de história nos filósofos foi um problema para Nietzsche, a falta de filosofia entre os historiadores também o incomodou; para ele a objetividade do historiador foi resultado desta carência, ele fez esta afirmação a partir de uma crítica a Sainte-Beuve⁴¹⁰:

Como historiador, desprovido de filosofia, desprovido do *poder* do olhar filosófico – recusando, por isso, a tarefa de julgar em todos os assuntos capitais, usando a “objetividade” como máscara.⁴¹¹

Outro problema para ele, diretamente ligado à objetividade, era o sistema de educação superior da Alemanha. Para ele o país precisava de educadores e não de professores ginasiais e eruditos universitários, ou seja, cientistas. Mesmo com a relação um pouco abalada, Nietzsche mencionou como um exemplo positivo dentro deste meio o historiador da cultura que tanto admirava:

[...] *faltam* educadores, a *primeira* condição da educação: *daí* o declínio da cultura alemã. – Uma das raríssimas exceções é meu venerável amigo Jakob Burckhardt, de Basileia: é a ele, em primeiro lugar, que a Basileia deve sua precedência em humanidade.⁴¹²

No próximo aforismo vemos presentes o elogio à história da cultura grega, em contraposição ao cristianismo, também muito enfatizada no primeiro período de Nietzsche:

É decisivo para o destino dos povos e da humanidade que se comece a cultura pelo lugar certo – *não* pela “alma” (como era a funesta supertição dos sacerdotes e semissacerdotes): o lugar certo é o corpo, o gesto, a dieta e a fisiologia, o *resto* é consequência... É por isso que os gregos são o *primeiro acontecimento cultural* da história – eles sabiam, eles *faziam* o que era necessário; o cristianismo, que desprezava o corpo, foi a maior desgraça da humanidade até agora.⁴¹³

⁴⁰⁹ Como Nietzsche afirma no prólogo de *BM*, o “cristianismo é platonismo para o ‘povo’” (NIETZSCHE, 2005a, P.8).

⁴¹⁰ Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869) foi um crítico literário e historiador francês.

⁴¹¹ NIETZSCHE, 2012d, p.78 e 79.

⁴¹² NIETZSCHE, 2012d, p.71.

⁴¹³ NIETZSCHE, 2012d, p.122 E 123.

A penúltima obra publicada por Nietzsche em vida foi *O Anticristo: maldição ao cristianismo*. Obra que foi uma crítica direta ao cristianismo e aos cristãos. Haja vista que o título, *der Anrichrist*, em alemão, tem os significados de anticristo e anticristão⁴¹⁴, temos certas ressalvas sobre a versão em português do texto, que traduz como “anticristo”. Isto porque, como Nietzsche mesmo afirmou, “a palavra ‘cristianismo’ é um mal-entendido – no fundo houve apenas um cristão, e esse morreu na cruz”⁴¹⁵. Mesmo não sendo um problema que envolve nossa dissertação diretamente, gostaríamos de explicar aqui sinteticamente o problema de Nietzsche com o cristianismo, que foi um problema para ele desde a juventude, como podemos ver com o texto *Fado e História*, e foi um dos principais, se não o principal, problema de Nietzsche em sua terceira fase.

O primeiro e grande problema para Nietzsche era o discípulo de Sócrates, Platão. Platão elaborou a Teoria das Ideias e a partir desta surgiram dois mundos: o Mundo Ideal e o Mundo Aparente. Para ele, as formas da terra, do Mundo Aparente, eram resultados de cópias ou simulacros do Mundo das Ideias. Com isso, houve a exaltação do mundo metafísico em detrimento do mundo físico. Como já ressaltamos, para Nietzsche “o Cristianismo é um Platonismo para a povo”⁴¹⁶ e este seria o problema desta forma que regeu a vida dos cristãos por 2 mil anos. Assim como o platonismo, este modelo renunciou a vida na terra com a promessa de uma vida eterna no céu, onde aconteceria a vida após a morte. Podemos ver as críticas de Nietzsche em sua terceira fase já em *NT*:

O Cristianismo desde seu surgimento foi, essencial e fundamentalmente, repugnância e tédio da vida na vida, que se cobriu, se ocultou, se fantasiou sob a confiança numa existência “diferente” ou “melhor”. O ódio ao mundo, a maldição às afeições, o medo da beleza e da sensualidade, um ALÉM inventado para melhor poder maldizer o AQUI, no fundo uma inclinação para coisa nenhuma, o fim, o descanso [...]⁴¹⁷

Assim como em outras obras do Nietzsche maduro, como *GM* e *BM*, o cristianismo aparece como “a vitória da rebelião dos fracos, doentes e rancorosos

⁴¹⁴ ZWICK, *In.*: NIETZSCHE, 2010b, p.7.

⁴¹⁵ NIETZSCHE, 2010b, p.71.

⁴¹⁶ NIETZSCHE, 2005a, p.8.

⁴¹⁷ NIETZSCHE, 2005, p.18.

contra os fortes, orgulhosos e saudáveis”⁴¹⁸. Em *OA* Nietzsche se distanciou da historiografia e dos historiadores, quando mencionou a história, geralmente estava referindo-se à História do Cristianismo, à História de Israel, à História dos Judeus etc.

Porém, no aforismo 37, Nietzsche discutiu o sentido histórico afirmando:

Nossa época se orgulha de seu sentido histórico: como conseguiu acreditar no absurdo de que nos primórdios do cristianismo se encontra a *grosseira fábula do milagreiro e do redentor* – e tudo o que é espiritual e simbólico seja somente um desenvolvimento ulterior? Pelo contrário: a história do cristianismo – a partir da morte na cruz – é a história do mal-entendido, passo a passo mais grosseiro, de um simbolismo *original*⁴¹⁹.

Outra preocupação de Nietzsche em relação à história foi, novamente, como o apóstolo Paulo interferiu na história universal gerando um “*não* à realidade, *não* à verdade histórica!”⁴²⁰. O apóstolo ainda cometeu um grande crime contra a história ao falsificar a história de Israel, qualificando-a como história do pré-cristianismo⁴²¹.

Uma única vez Nietzsche citou os historiadores nesta obra, no aforismo 55, no qual ele discutiu se haveria oposição entre a mentira e a convicção, chegando à conclusão que não haveria. Para ele, a convicção teria uma história antes de ser assim e esta história estaria permeada por tentativas e erros. Assim, o que se tornou convicção para um filho, poderia ser mentira para um pai. Com isso, ele definiu mentira da seguinte forma:

A mentira mais habitual é aquela com que alguém engana a si mesmo; enganar os outros é, relativamente, a exceção. – Esse *não* quer ver o que se vê, esse não quer ver da *maneira* que se vê, é quase a condição primeira de todos que são *partidários* em algum sentido: o homem partidário torna-se necessariamente mentiroso. A historiografia alemã, por exemplo, está convencida de que Roma era o despotismo, de que os germanos trouxeram o espírito da liberdade ao mundo: há alguma diferença entre essa convicção e uma mentira? Deve causar alguma admiração que todos os partidos, também os historiadores alemães, papagueiem por instinto as grandes

⁴¹⁸ ZWICK. *In.*: NIETZSCHE, 2010b, p.5.

⁴¹⁹ NIETZSCHE, 2010b, p.68.

⁴²⁰ NIETZSCHE, 2010b, p.76.

⁴²¹ NIETZSCHE, 2010b, p.76.

palavras da moral – que a moral quase *continue existindo* pelo fato de que o partidário de toda espécie a necessite a todo o momento?⁴²²

Nietzsche ainda afirmou, sobre a história, que, para ele, “a aristocracia alemã está praticamente *ausente* na história da cultura elevada: percebe-se o motivo... Cristianismo, álcool”⁴²³, algo que podemos exemplificar rapidamente com suas críticas a partir do *NT* e da *SI*.

O último livro de 1888 tinha como objeto o mesmo que o primeiro: Wagner. Porém, este livro não continha escritos novos, os capítulos “foram todos selecionados, não sem cautela, entre os meus [de Nietzsche] escritos anteriores – alguns remontam a 1877 –, e retocados aqui e ali sobretudo encurtados”⁴²⁴. Ou seja, esta obra não abordava um conteúdo novo, seus textos eram provenientes de suas obras: *O viajante e sua sombra*, *HDH*, *GC*, *GM*, e *BM*⁴²⁵.

Exceto por um aforismo onde Nietzsche afirmou que “Os grandes homens, tal como são venerados, são pequenas ficções ruins, feitas posteriormente – no mundo dos valores históricos a moeda falsa predomina...”⁴²⁶, não houve discussão sobre o tema desta pesquisa no livro.

A partir dos aforismos mencionados neste capítulo, podemos fazer algumas inferências sobre certos padrões presentes na obra de Nietzsche e sua terceira fase. A primeira coisa a notar-se é que Nietzsche, em sua terceira fase, tinha um olhar menos depreciativo acerca da história e do sentido histórico do que o manifestado na *SI*, porém, um conceito que Nietzsche continuou considerando depreciativo foi o de objetividade. É plausível interpretar que as críticas ao conceito de objetividade eram sempre muito parecidas com as que ele fez a Ranke e sobre ambos, tanto o conceito, quanto o historiador, sempre recaiu uma análise de Nietzsche onde parecia que estes estavam direta e exclusivamente ligados ao positivismo. Outra conclusão é de que não podemos afirmar que Nietzsche era simpático ou adverso aos historiadores. Dos três historiadores que analisamos

⁴²² NIETZSCHE, 2010b, p.105-106.

⁴²³ NIETZSCHE, 2010b, p.120.

⁴²⁴ NIETZSCHE, 1999, p.41.

⁴²⁵ SOUZA. *In.*: NIETZSCHE, 1999, p.86.

⁴²⁶ NIETZSCHE, 1999. p.58.

aqui Nietzsche foi simpático a um, Burckhardt⁴²⁷, e oposto a outros dois, Ranke e Treitschke, em sua terceira fase. Porém, o que podemos afirmar é que Nietzsche prezava os historiadores que abordavam a história a partir de sua perspectiva intelectual. A cultura, para Nietzsche, era um ponto forte entre estes historiadores; já o pensamento que exaltava a ciência, a objetividade, o nacionalismo e o antissemitismo eram praticamente inaceitável para o filósofo. Todavia, se houve algo que Nietzsche não abandonou, mas modificou de certa maneira, em sua maturidade, foi a admiração aos gregos.

⁴²⁷ Mesmo que Taine não foi objeto de nossas análises, não podemos ignorar a admiração de Nietzsche por ele neste período. Sendo assim, podemos mencionar aqui no mínimo dois historiadores apreciados por Nietzsche no período.

Conclusão

Nietzsche é um filósofo muito conhecido e polêmico em nossa contemporaneidade, porém, apesar de suas obras serem de fácil acesso em nosso país, seus outros documentos e os escritos de seus contemporâneos sobre Nietzsche não o são, o que dificulta um olhar sobre Nietzsche que não parta do próprio filósofo. Por causa de sua fama e de sua tentativa de mitologização, algumas informações sobre Nietzsche chegam a nós de forma distorcida, como as afirmações de que o filósofo era distante de seu tempo, isolado, incompreendido, avesso à leitura, precursor do nazismo, etc. Esperamos ter conseguido refutar tais equívocos em nosso trabalho.

Nosso trabalho passou obrigatoriamente pelas obras de Nietzsche publicadas em sua juventude, onde ele se demonstrava nacionalista, romântico, contemplador de uma metafísica artística, avesso à história e à filologia. Foi neste período que ele cunhara suas visões sobre a *história tradicional*, a *história antiquaria*, a *história mítica*, a *ahistórico* e *suprahistórico*, as quais abandonou logo no início de sua segunda fase. Nesta época ele também propôs um renascimento do mito na sociedade alemã, ideia que ele considerou em sua maturidade agradável, porém ilusória.

Preocupamo-nos também em abordar o conceito de modernidade, e dentro deste período diferenciar o Historicismo, as Filosofias da História e a ideia de Progresso, pois nos escritos de Nietzsche e sobre o filósofo podemos ter a impressão de que todos eles fazem parte do mesmo movimento: a Ciência da História. Depois disto, apresentamos a relação de Nietzsche com três historiadores: Burckhardt, Ranke e Treitschke. Percebemos que Nietzsche possivelmente discordava de alguns aspectos do pensamento de Burckhardt, como o seu vínculo à religião, porém, devido a sua admiração por Burckhardt, o filósofo nunca o criticou publicamente. O segundo historiador, Ranke, foi o maior alvo de críticas do filósofo durante sua vida. Se o cristianismo de Burckhardt não incomodava Nietzsche, o de Ranke certamente era alvo de desaprovações públicas do filósofo. O maior problema de Nietzsche com Ranke era, porém, sua pretensão de objetividade, que para Nietzsche levava a uma neutralidade falsa. Entretanto, como apontamos em nossa dissertação, Ranke não estava buscando uma verdade

positivista e irrefutável e sim partindo de critérios científicos para a escrita de suas obras, com metodologia, documentação e pesquisa. O terceiro historiador foi Treitschke. Nietzsche tinha certa simpatia por ele em seu primeiro período, motivada pela amizade entre Treitschke e o grande amigo de Nietzsche, Overbeck. Tanto pelo nacionalismo quanto pelo antissemitismo do historiador, Nietzsche passa a tratá-lo de forma depreciativa e desaprová-lo publicamente.

Em nosso terceiro capítulo apresentamos a resignificação do conceito de história por Nietzsche e também mostramos que o seu conhecimento acerca dos historiadores não se resumia, de maneira nenhuma, aos estudados em nosso segundo capítulo. Também tentamos delimitar possíveis padrões em sua visão de história. A primeira é o abandono das ideias de sua *SI*, exceto as que se apresentavam próximas ao conhecimento de ciência. Ainda identificamos que, se a visão de Nietzsche era dividida acerca dos historiadores, ele parece ter um olhar mais otimista acerca da história. Se houve algo em sua terceira fase que não sofreu mudanças e que provavelmente foi o motivo para Nietzsche manter proximidade com Burckhardt ao longo de sua vida, foi sua admiração aos gregos.

Feitas estas observações, ressaltamos por último que o nosso trabalho intentou entender melhor o filósofo a partir do seu contexto intelectual e, com isso, tentamos também fugir o máximo possível de erros e equívocos acerca de Nietzsche.

Referências Bibliográficas

ANKERSMIT, Frank. Historiografia e pós-modernismo. *Topoi*, Rio de Janeiro, Março, P. 113-135, 2001.

BARREIRO, Mateus de Freitas. Ensinaamentos de Schopenhauer que Influenciaram Freud: a Loucura e o Recalque. *Periódico eletrônico Colloquium Humanarum*, v. 10, p. 123-142, 2014.

BARROS, José D'Assunção. O Paradigma da Descontinuidade em Nietzsche uma análise da Primeira Parte da 2ª Consideração Intempestiva de Nietzsche. *Lusíada. Série de História (Lisboa)*, v. 7, p. 417-441, 2010.

BENTIVOGLIO, Julio. Cultura política e historiografia alemã no século XIX - A escola histórica prussiana e a *Historische Zeitschrift*. *Revista de Teoria da História*, ano 1, nº 3, junho, 2010.

BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: attempt at a mythology*. Translated by Robert E. Norton. University of Illinois, 2009.

_____. *Nietzsche - Versuch einer Mythologie*. Leipzig: Hesse und Becker, 1920.

BROBJER, Thomas. Nietzsche's philosophical context: an intellectual biography. Urbana and Chicago: *University of Illinois Press*, 2008.

_____. Nietzsche's Reading and Private Library, 1855-1889. *Journal of the History of Ideas*, v. 58, n. 4, p. 663-693, oct, 1997.

_____. Nietzsche's Relation to Historical Methods and Nineteenth-Century German Historiography. *History and Theory*, v. 46, n. 2, p. 155-179, 2007.

_____. Nietzsche's View of Historical Studies and Methods. *Journal of the History of Ideas*, v. 65, n. 2, p. 301-322, apr, 2004.

BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

BURKE, Peter. *Vico*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

CARDOSO, Matêus Ramos. O Desencantamento do Mundo segundo Max Weber. *Revista EDUC*. Faculdade de Duque de Caxias. Vol.1, Nº2, Jul-Dez, P.106-119. 2004.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. A Atualidade de Johann Gustav Droysen: uma pequena história de seu esquecimento e de suas interpretações. *Locus: Revista de História*, v. 12, n. 1, p. 95-111, 2006.

_____. História, ação e cultura: Um Esboço de comparação entre Hegel e Nietzsche. *Fênix* (Uberlândia), Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2006.

COLL, Alberto R. *Introdução à edição do Liberty Fund*. BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

CORNICELIUS, Max (Hrsg.) *Heinrich von Treitschkes Briefe*. Band 3. Leipzig: Hirzel, 1920.

COSTA LIMA, Luiz. Alguém para ser conhecido: Jacob Burckhardt. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades múltiplas. *Sociologia, Problemas e Práticas*. N. 35, P. 139-163, 2001.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In.: Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna de 1800 até os dias de hoje*. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.

GIACÓIA JUNIOR, Osvaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. Nietzsche, Fado e História. *In.: MALERBA, Jurandir (org). Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

LEBRUN, Gerard. *Quien era Dioniso*. Revista *Ánfora: Manzinales*, v.9, n.16. 2000.

LÜBBE, Hermann. Esquecimento e historicização da memória. Tradução: Sérgio da Mata. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 285-300, jan.-abr. 2016.

LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. Modernidade e crise de sentido. *In.: Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACHADO, Roberto. Introdução. *In.: Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. “Introdução: Arte, Ciência e Filosofia”. *In.: MACHADO, Roberto (orgs.). Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. Introdução – Assim falou Zaratustra e o pensamento trágico. *In.: Zaratustra, tragédia Nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARQUARD, Odo. ¿El manifiesto pluralista? *In: MARQUARD, Odo. Felicidad en la infelicidad*. Buenos Aires, Katz, 2006.

_____. Elogio del politeísmo. *In.: Adios a los principios*. Traducción del alemán y notas por Enrique Ocaña. Institució Alfons el Magnànim. 2000

MARTINS, Estevão Chaves Rezende. Historicismo: tese, legado, fragilidade. *História Revista* (UFG), Goiânia, v. 7, n.1/2, p. 1-22, 2004.

_____. Veritas filia temporis? O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 34, p. 5-25, 2009.

MARTON, Scarlett. Introdução. *In: Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas: Treze conferências européias*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Por uma genealogia da verdade. *Discurso*. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 9, p. 63-80, 1979.

MATA, Sérgio da. Elogio do Historicismo. *In.: ARAÚJO, Valdeí Lopes de... [et. Al.]*. *A dinâmica do historicismo: revisando a historiografia moderna*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

_____. Leopold von Ranke (1795-1886). *In: MARTINS, Estevão de Rezende (org)*. *A história pensada*. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIER, Nikolaus. Zu Jacob Burckhardt und Friedrich Nietzsche: ein Stück spekulativer Quellenkritik. *Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde*, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio para uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012b.

_____. *Brief an Carl Fuchs: 26/08/1888*. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1888,1096>. Acesso em: 01/03/2017.

_____. *Correspondencia I, Junio 1850 – Abril 1869*. Tradução, introdução, notas e appendices: Luis Enríque de Santiago Guervós. Editorial Trotta: Madrid, 2005b.

_____. *Correspondencia II, Abril 1869 – Diciembre 1874*. Tradução e notas: José Manuel Romero Cuervas e Marco Parmeggiani. Introdução e apêndice: Marco Oarmeggiani. Editorial Trotta: Madrid, 2007a.

_____. *Correspondencia III, Enero 1875 – Diciembre 1879*. Tradução, introdução, notas e apêndice: Andrés Rubio. Editorial Trotta: Madrid, 2009b.

_____. *Correspondencia IV, Enero 1880 – Diciembre 1884*. Tradução, introdução, notas e apêndice: Marco Parmeggiani. Editorial Trotta: Madrid, 2010.

_____. *Correspondencia V, Enero 1885 – Octubre 1887*. Tradução, introdução, notas e apêndice: Juan Luis Vernal. Editorial Trotta: Madrid, 2011.

_____. *Correspondencia VI, Octubre 1887 – Enero 1889*. Tradução, introdução, notas e apêndice: Joan B. Llinares. Editorial Trotta: Madrid, 2012c.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: como se filosofa com o martelo*. Tradução, apresentação e notas: Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012d.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)*. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>. Acesso em 14/03/2017.

_____. *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é*. Tradução, organização e notas: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009c.

_____. “Ensaio de uma Autocrítica”. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Origem da Tragédia: proveniente do espírito da música*. Tradução: Marcio Pugliesi. São Paulo: Madras, 2005.

_____. Fado e História. In: *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1998.

_____. Fragmentos do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885. Seleção, tradução e prefácio de Flávio E. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2009a.

_____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo*. Tradução, notas e apresentação: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010b.

_____. *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Origem da Tragédia: proveniente do espírito da música*. Tradução: Marcio Pugliesi. São Paulo: Madras, 2005.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NOLTE, Ernst. *Nietzsche y el nietzschianismo*. Madrid: Alianza, 1995.

OVERBECK, Franz. *Werke und Nachlass. Band 8. Briefe*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2008.

PORTO, Ana Luiza Araújo. *Entre Práticas e Saberes Históricos: Um diálogo entre o ensino de História Contemporânea e as teorias curriculares pós-críticas*. ANAIS - XXIV Simpósio Nacional de História, História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007.

RANKE, Leopold von. *Historia de los Pueblos Latinos y Germanicos de 1494 a 1535 – Prologo*. In.: *Pueblos y Estados em la historia moderna*. México: FCE, 1986.

_____. *O conceito de história universal*. Tradução: Sérgio da Mata. In.: Estevão de Rezende Martins. (Org.). *A história pensada: teoria e método da historiografia européia do século XIX*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RITTER, Gerhard. *Historia y vida. Uma toma de posiç[on frente a Nietzsche y La moderna filosofia vitalista*. In.: *El Problema Ético del Poder*. Traducción al espanol: Rubio Llorente. Revista de Occidente: Madrid, 1972.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. *História da 'Consciência Histórica' Ocidental Contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RIECKMANN, Jens. *A companion to the works of Stefan George*. Edited by Rieckmann. UK: Camden House, 2005.

RODRIGUES, Renato Paes. *Hegel e o Historicismo*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

ROHDE, Erwin. Resenha (recusada) para a *Litterarische Zentralblatt*, editada por Zarncke. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

_____. Resenha publicada no *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* de 26 de maio de 1872. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b.

_____. Filologia retrógrada [*Afterphilologie*]. Esclarecimentos acerca do panfleto “Filologia do futuro!”, publicado pelo doutor em filologia Ulrich von Wilamowitz-Möllendorff. Leipzig, 1872. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005c.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. In. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão Rezende Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução: Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SANTOS, Mario Ferreira dos. *O Homem que Nasceu Póstumo*. Temas Nietzscheanos. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1954.

SCHABERG, William H. *A New Year's Word for the Editor of the Weekly Paper "In the New Reich"*. In.: *The Nietzsche Canon: A publication history and bibliography*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *História da Historiografia*, n. 6, p. 42-63, 2011.

_____. The phenomenon of 'historicism' as a backcloth of Biblical Scholarship. In.: MACHINIST, Peter; SKA, Jean Louis (eds.) *Hebrew Bible – Old Testament. The History of its interpretation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013, p. 64-89.

SANTOS, Mario Ferreira dos. *O Homem que Nasceu Póstumo*. Temas Nietzscheanos. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1954.

SCHOLTZ, Gunter. The phenomenon of 'historicism' as a backcloth of Biblical Scholarship. In.: MACHINIST, Peter; SKA, Jean Louis (eds.) *Hebrew Bible – Old Testament. The history of his interpretation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruorecht, 2013, p.64-89.

SOUZA, Paulo César de. Posfácio. In.: NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio para uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2005a.

_____. Posfácio. In.: NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: como se filosofa com o martelo*. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Posfácio. In.: NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2009a.

_____. Posfácio. In.: NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TREITSCHKE, Heinrich von. *Briefe – Dritte Band*. Verlag von S. Hirzel: Leipzig, 1920.

WAGNER, Richard. Carta aberta a Friedrich Nietzsche, publicada no *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* de 23 de junho de 1872. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WEHLING, Arno. Capítulo 1 – A temática do historicismo. In.: *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro, Editoria Central da Universidade Gama Filho; Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

WEINRICH, Harald. Precário “Projeto Esquecimento” (Nietzsche). In: *Lete: Arte e crítica do esquecimento*. Tradução Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, Ulrich. Filologia do futuro! Primeira Parte. Berlim, 1872. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O*

nascimento da tragédia. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

_____. Filologia do futuro! Segunda parte. Berlin, 1873. In: MACHADO, Roberto (orgs.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução e notas: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b.

WILSON, John Elbert. Preface and Introduction. In.: OBERBECK, Franz. *On the Christianity of Theology*. Translated with an Introduction and Notes by Franz Overbeck and John Elbert Wilson. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2002.

ZAGORIN, Perez. Historiografia e pós-modernismo: reconsiderações. *Topoi*, Rio de Janeiro, Março, P. 137-152, 2001.

ZWICK, Renato. Apresentação. In.: NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: maldição ao cristianismo*. Tradução, notas e apresentação: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010b.